

UNIOESTE – UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON - PR
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS - CCA
PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL
MESTRADO E DOUTORADO

JUSSARA CARLA CONTI FRIEDRICH

AGRICULTURA ORGÂNICA NO OESTE DO PARANÁ: UM ESTUDO SOBRE A
ASSOCIAÇÃO DOS AGRICULTORES ORGÂNICOS E FAMILIARES DE TOLEDO
(PROORTO)

MARECHAL CÂNDIDO RONDON
PARANÁ - BRASIL
MAIO - 2024

JUSSARA CARLA CONTI FRIEDRICH

AGRICULTURA ORGÂNICA NO OESTE DO PARANÁ: UM ESTUDO SOBRE A
ASSOCIAÇÃO DOS AGRICULTORES ORGÂNICOS E FAMILIARES DE TOLEDO
(PROORTO)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável – Mestrado e Doutorado do Centro de Ciências Agrárias da Unioeste – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Desenvolvimento Rural Sustentável.

Linha de Pesquisa: Inovações Sociotecnológicas e Ação Extensionista

Orientador: Prof. Dr. Armin Feiden
Coorientadora: Dra. Vanice Marli Fulber

MARECHAL CÂNDIDO RONDON
PARANÁ - BRASIL
MAIO - 2024

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Carla Conti Friedrich, Jussara
AGRICULTURA ORGÂNICA NO OESTE DO PARANÁ: UM ESTUDO SOBRE A ASSOCIAÇÃO DOS AGRICULTORES ORGÂNICOS E FAMILIARES DE TOLEDO (PROORTO) / Jussara Carla Conti Friedrich; orientador Armin Feiden; coorientadora Vanice Marli Fulber. -- Marechal Cândido Rondon, 2024.
129 p.

Tese (Doutorado Campus de Marechal Cândido Rondon) -- Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Ciências Agrárias, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável, 2024.

1. Agricultura Orgânica. 2. Agriucultura Familiar. 3. Desenvolvimento rural sustentável. 4. Associação de produtores. I. Feiden, Armin , orient. II. Marli Fulber, Vanice, coorient. III. Título.



unioeste


Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Reitoria
CNPJ 78.680.337/0001-84
Rua Universitária, 1619, Jardim Universitário
Tel.: (45) 3220-3000 - Fax: (45) 3225-4590 - www.unioeste.br
CEP: 85819-110 - Cx. P.: 701
Cascavel - PARANÁ



JUSSARA CARLA CONTI FRIEDRICH


AGRICULTURA ORGÂNICA NO OESTE DO PARANÁ: UM ESTUDO SOBRE A ASSOCIAÇÃO DOS AGRICULTORES ORGÂNICOS E FAMILIARES DE TOLEDO (PROORTO)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável em cumprimento parcial aos requisitos para obtenção do título de Doutora em Desenvolvimento Rural Sustentável, área de concentração Desenvolvimento Rural Sustentável, linha de pesquisa Inovações Sociotecnológicas e Ação Extensionista, APROVADA pela seguinte banca examinadora:

Documento assinado digitalmente
 **ARMIN FEIDEN**
Data: 06/03/2024 10:13:16-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


Orientador(a) - Armin Feiden

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Marechal Cândido Rondon (UNIOESTE)

Documento assinado digitalmente
 **IRENE CARNIATTO DE OLIVEIRA**
Data: 07/03/2024 09:59:38-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


Irene Carniatto de Oliveira

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Marechal Cândido Rondon (UNIOESTE)

Documento assinado digitalmente
 **ALESSANDRA MATTE**
Data: 07/03/2024 14:27:50-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


Alessandra Matte

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Marechal Cândido Rondon (UNIOESTE)

Documento assinado digitalmente
 **VALDECIR JOSE ZONIN**
Data: 16/03/2024 15:08:50-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Valdecir Jose Zonin

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Marechal Cândido Rondon (UNIOESTE)

Documento assinado digitalmente
 **PEDRO CELSO SOARES DA SILVA**
Data: 15/05/2024 20:16:54-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Pedro Celso Soares da Silva

Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná – Iapar-Emater (IDR-Paraná)

Marechal Cândido Rondon, 23 de fevereiro de 2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, autor da vida, pois sem Ele eu não teria conseguido terminar este trabalho tão importante em minha caminhada, nem chegado até aqui. Também ao meu esposo, Lucas A. Friedrich, por estar ao meu lado sempre, por entender minhas ausências, minhas crises de ansiedade e por sempre me apoiar nos momentos em que necessitei.

Ao meu orientador, Professor Dr. Armin Feiden, pela parceria que estabelecemos, conversas e orientações a mim despendidas neste tempo tão desafiador como é a escrita de uma tese. Do mesmo modo, à minha Coorientadora Dra. Vanice Fulber, pela paciência, pelas dicas, amizade, conselhos, parcerias e auxílio.

Aos meus colegas e amigos, Franciele Souza, Eliane Engelsing, Adriana Berto, Paula Pérez e Vanessa Zambam e aos demais não mencionados aqui.

Aos docentes do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável (PPGDRS) por suas aulas, compromisso, seriedade e sabedoria repassadas no intuito de formar cidadãos comprometidos, não apenas com o ensino, a pesquisa e extensão, mas também com a sociedade e com o meio ambiente.

À UNIOESTE e em específico ao PPGDRS, por ter me oportunizado a elevação de nível e ampliar meus conhecimentos acerca do desenvolvimento rural e agricultura sustentável e à Lizete, secretária do programa, por nos atender da melhor forma possível e de prontidão.

Agradeço imensamente a PROORTO, aos produtores que fazem parte desta associação, por terem aceitado participar, por doarem de seu precioso tempo para contribuírem com este projeto por meio de suas falas, e que não mediram esforços para me atender de prontidão.

FRIEDRICH, JUSSARA CARLA CONTI. UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE – 2024. AGRICULTURA ORGÂNICA NO OESTE DO PARANÁ: UM ESTUDO SOBRE A ASSOCIAÇÃO DOS AGRICULTORES ORGÂNICOS E FAMILIARES DE TOLEDO (PROORTO) ORIENTADOR: DR. ARMIN FEIDEN. CO ORIENTADORA: DRA. VANICE MARLI FULBER

O presente trabalho focalizou uma pesquisa acerca da agricultura orgânica, área em expansão no Brasil, haja vista sua importância como fonte de alimento saudável. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, que resultou em três artigos, igualmente de natureza qualitativa, dos quais o primeiro teve como objetivo discutir e apresentar os conceitos introdutórios da produção orgânica e do mercado de orgânicos na perspectiva local e internacional. Nesse percurso, trabalhou-se também com os dados secundários e com autores de renomes para as discussões a partir de quatro tópicos: o conceito da agricultura orgânica, o histórico da agricultura e agricultura orgânica sob o olhar da agroecologia, o perfil dos consumidores de orgânicos no Brasil e as normas e regulamentos nacionais. Para o segundo artigo, procurou-se identificar a importância e as potencialidades da agricultura orgânica em termos de produção e comercialização, nas propriedades dos agricultores da Associação dos Agricultores Orgânicos e Familiares de Toledo (PROORTO). A pesquisa foi desenvolvida a partir do estudo de caso na referida associação e os dados foram obtidos *in loco*, com um questionário semiestruturado composto por 64 perguntas abertas e fechadas. Utilizou-se a ferramenta analítica de MAXQDA para as análises dos dados das entrevistas. O terceiro artigo buscou, por meio de um processo investigatório, identificar as necessidades dos agricultores e compreender suas percepções sobre os desafios de ser produtor orgânico. A pesquisa, de natureza qualitativa, focou nas interpretações e observações pela abordagem metodológica da análise de conteúdo e de técnicas e procedimentos específicos para analisar os dados obtidos com as dez entrevistas, denominados de “facilitadores”. A captação dos dados se deu a partir de 25 questões a 10 membros dos 12 associados da PROORTO, sendo a maioria das perguntas abertas para facilitar a compreensão da necessidade da pesquisa e cada entrevista foi gravada *in loco* com tempo de duração de 30 a 55 minutos. Observou-se, a partir das análises realizadas, que a história da agricultura orgânica revela que a venda e aquisição dos produtos orgânicos visa à saúde humana e ao mundo mais sustentável. Constatou-se que a comercialização e divulgação dos produtos em feiras dos pequenos agricultores e nos mercados locais ajudam a impulsionar a produção e que a agricultura orgânica tem contribuído de forma positiva no quesito da produção de uma alimentação saudável e para fazer os alimentos chegarem até os consumidores. Os produtos orgânicos produzidos pelos agricultores da PROORTO são significantes e importantes para suprir os consumos de alimentos saudáveis, mesmo enfrentado inúmeras dificuldades, como a falta de assistência técnica de qualidade e as dificuldades de comercialização e de preço. Os produtores entrevistados consideram as políticas públicas importantes para o desenvolvimento da agricultura orgânica no Brasil, mas reafirmam a necessidade de aprimoramento para atender as necessidades dos produtores familiares orgânicos.

Palavras-chave: Agricultura orgânica, agricultores familiares orgânicos, associações de produtores.

FRIEDRICH, Jussara Carla Conti. Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – 2024. **ORGANIC AGRICULTURE IN WEST PARANÁ: A STUDY ON THE ORGANIC AND FAMILY FARMERS ASSOCIATION OF TOLEDO (PROORTO)**
Advisor: Dr. Armin Feiden.

This paper focusing research about organic agriculture, an expanding area in Brazil because its importance as a source of healthy and ecologically correct food. This is qualitative research that resulted in three articles, equally qualitative in nature, of which the first aimed to discuss and present the introductory concepts of organic production and the organic market from a local and international perspective. The construction of the article was based on secondary data and renowned authors were used for discussions based on 4 topics, these dealing with the concept of organic agriculture; history of agriculture and organic farming from the perspective of agroecology; profile of organic consumers in Brazil and national standards and regulations. For the second article, we sought to identify the importance and potential of organic agriculture (production and commercialization) present on the properties of farmers from the Association of Organic and Family Farmers of Toledo (PROORTO). The research was developed based on the case study and carried out at the Association of Organic and Family Farmers of Toledo (PROORTO). Data collection was carried out on site, with a semi-structured questionnaire, consisting of 64 open and closed questions. The MAXQDA analytical tool was used to analyze the interview data. The third article sought through an investigative process with a proposal to identify the needs of farmers and understand their perceptions about the challenges of being an organic producer. The research was qualitative in nature, focusing on interpretations and observations, using a methodological approach to BARDIN content analysis, together with specific techniques and procedures to analyze the data obtained through 10 interviews, called “facilitators”. Data capture consisted of 25 questions from 10 members of the 12 members of the PROORTO Association, with most questions being open to facilitate understanding of the need for the research, where each interview was recorded in depth between 30 and 55 minutes in length. It was observed, from the analyzes carried out, that the history of organic agriculture helps to maintain the evolution of sales and acquisition of organic products, aiming at human health and the environment for a more sustainable world. It was found that the commercialization and dissemination of products at small farmers' fairs and local markets helps to boost production. It is concluded that organic agriculture has contributed positively to the production of healthy food and the organization of food to reach consumers. Organic products produced by PROORTO member farmers are significant and important to supply healthy food consumption, despite facing numerous difficulties such as the lack of quality technical assistance and marketing and price difficulties. The producers interviewed consider public policies important for the development of organic agriculture in Brazil, but that they need to be improved to meet the needs of organic family producers.

Keywords: Organic agriculture, organic family farmers, producer associations.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CONAB	Companhia Nacional de Abastecimento
PROORTO	Associação dos Agricultores Orgânicos e Familiares de Toledo
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFOAM	Federação Internacional dos Movimentos de Agricultura Orgânica
FIBL	<i>Research Institute of Organic Agriculture</i>
AS-PTA	Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa
OGS	<i>Organic Guarantee System</i>
PRONAF	Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
ORGANIS	Associação de Promoção dos Orgânicos
UNCTAD	<i>United Nations Conference on Trade and Development</i>
MAPA	Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
ONGS	Organizações Não Governamentais
IN	Instrução Normativa
CPOrg – UF	Comissões da Produção Orgânica nas Unidades da Federação
PNAPO	Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica
CIAPO	Câmara Interministerial de Agroecologia e Produção Orgânica
CNAPO	Comissão Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica
PLANAPO	Plano Nacional de Agroecologia e da Produção Orgânica
EMATER	Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural
IDR-Paraná	Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná
IPARDES	Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social
DAP	Declaração de Aptidão ao PRONAF
INMETRO	Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial
IPD Orgânico	Instituto de Promoção do Desenvolvimento Orgânico
ATER	Assistência Técnica e Extensão Rural

LISTA DE FIGURAS

CAPÍTULO 2

FIGURA 1. IMAGEM DA ATA DE REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO PROORTO, REALIZADA EM 2017.	
FIGURA 2. IMAGEM DOS 12 MEMBROS DA ASSOCIAÇÃO EM REUNIÃO.	58
FIGURA 3. MUNICÍPIOS DA MICRORREGIÃO DE TOLEDO.	59
FIGURA 4. CODIFICAÇÃO CRIATIVA DOS CÓDIGOS E SUBCÓDIGOS DE DISCUSSÃO.	60
FIGURA 5. A VARIEDADE DE PRODUTOS PRODUZIDOS PELOS AGRICULTORES ORGÂNICOS.	67
FIGURA 6. IMAGENS DOS PRODUTOS DA AGRICULTORA ORGÂNICA DA PROORTO - 1.	68
FIGURA 7. IMAGENS DOS PRODUTOS DA AGRICULTORA ORGÂNICA DA PROORTO - 2.	69

CAPÍTULO 3

FIGURA 1. LOCALIZAÇÃO DA CIDADE DO ESTUDO, ASSOCIAÇÃO DOS AGRICULTORES ORGÂNICOS E FAMILIARES DE TOLEDO (PROORTO).	86
FIGURA 2. AS PRINCIPAIS CATEGORIAS EM TORNO DO TEMA PRINCIPAL – PERCEPÇÃO.	88

LISTA DE GRÁFICOS

CAPÍTULO 1

GRÁFICO 1. OS DEZ PAÍSES COM AS MAIORES ÁREAS DE TERRAS DISPONÍVEIS PARA AS PRODUÇÕES ORGÂNICAS	23
GRÁFICO 2. OS ENTREVISTADOS DE SEXO MASCULINO E FEMININO ENTRE 2017 A 2019.....	31
GRÁFICO 3. OS PRODUTOS ORGÂNICOS MAIS COMPRADOS E CONSUMIDOS EM 2019.....	32
GRÁFICO 4. OS MOTIVOS DA COMPRA DOS PRODUTOS ORGÂNICOS EM 2019.....	33

CAPÍTULO 2

GRÁFICO 1. AS HORAS TRABALHADAS PELOS AGRICULTORES ORGÂNICOS.....	E
---	---

RRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.

CAPÍTULO 3

GRÁFICO 1. PERCEPÇÕES: BAIXO CONSUMO DE ALIMENTOS ORGÂNICOS.....	90
GRÁFICO 2. COOPERAÇÕES E SOLIDARIEDADES NA PERCEPÇÃO DOS AGRICULTORES.....	91
GRÁFICO 3. MEMBROS ATUAIS DA ASSOCIAÇÃO COM CERTIFICADOS E SELOS.....	100

LISTA DE QUADROS

CAPÍTULO 1

QUADRO 1. INSTRUMENTOS DA CRIAÇÃO DA POLÍTICA NACIONAL DE AGROECOLOGIA E PRODUÇÃO ORGÂNICA – PNAPO.	39
--	----

CAPÍTULO 2

QUADRO 1. AS CLASSIFICAÇÕES E AS CATEGORIAS DE SÓCIOS DA ASSOCIAÇÃO PROORTO.....	56
QUADRO 2. PERFIL DOS AGRICULTORES ORGÂNICOS.	61
QUADRO 3. PARTE I DAS CARACTERÍSTICAS DAS PROPRIEDADES DOS DEZ AGRICULTORES ORGÂNICOS DA (PROORTO).....	63
QUADRO 4. PARTE II DAS CARACTERÍSTICAS DAS PROPRIEDADES DOS DEZ AGRICULTORES ORGÂNICOS DA (PROORTO).....	65
QUADRO 5. FRASES CONTRIBUTIVAS SOBRE OS PREÇOS DOS PRODUTOS ORGÂNICOS DA PROORTO.	70
QUADRO 6. FRASES REPRESENTATIVAS DOS ENTREVISTADOS SOBRE AGRICULTURA ORGÂNICA.....	72

CAPÍTULO 3

QUADRO 1. PERCEPÇÕES QUE AJUDAM A ENTENDER PARTES DAS NECESSIDADES DOS AGRICULTORES ORGÂNICOS LIGADOS A PROORTO. .	92
--	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO GERAL	12
1.2 CAMINHOS METODOLÓGICOS E ESTRUTURA DA TESE.....	17
1.3 OBJETIVOS	18
1.3.1 Objetivo Geral	18
1.3.2 Objetivos Específicos	18
1.4 HIPÓTESES DA PESQUISA.....	18
CAPÍTULO 1	19
AGRICULTURA ORGÂNICA – UMA DISCUSSÃO SOBRE MERCADO DE ORGÂNICOS NA PERSPECTIVA LOCAL E INTERNACIONAL	19
INTRODUÇÃO	20
AGRICULTURA ORGÂNICA.....	21
AGRICULTURA ORGÂNICA: UMA ANÁLISE DESDE A AGROECOLOGIA..	26
PERFIL DOS CONSUMIDORES DE ORGÂNICOS NO BRASIL.....	31
NORMAS E REGULAMENTOS NACIONAIS.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS.....	41
CAPÍTULO 2	53
ESTUDO DE CASO SOBRE A PRODUÇÃO ORGÂNICA E A COMERCIALIZAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS AGRICULTORES ORGÂNICOS E FAMILIARES DE TOLEDO (PROORTO).....	53
INTRODUÇÃO	53
A AGRICULTURA FAMILIAR.....	55
A ASSOCIAÇÃO DOS AGRICULTORES ORGÂNICOS E FAMILIARES DE TOLEDO (PROORTO).....	55
METODOLOGIA	59
TOLEDO – PR: CARACTERIZAÇÃO E A ABRANGÊNCIA DA REGIÃO PESQUISADA.....	59
ABORDAGEM METODOLÓGICA E INSTRUMENTOS.....	60
RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	61
PERFIL DOS AGRICULTORES E CARACTERIZAÇÃO DAS PROPRIEDADES	61
CARACTERIZAÇÕES DAS PROPRIEDADES DOS AGRICULTORES	63
A IMPORTÂNCIA DA COMERCIALIZAÇÃO NA PRODUÇÃO ORGÂNICA....	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS.....	74

CAPÍTULO 3	80
PERCEPÇÕES E DESAFIOS DOS AGRICULTORES ORGÂNICOS DA PROORTO EM TOLEDO, PARANÁ — BRASIL	80
INTRODUÇÃO	81
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	82
METODOLOGIA.....	85
PROCESSOS METODOLÓGICOS.....	85
LOCALIZAÇÃO DO ESTUDO	85
COLETA DE DADOS	86
ANÁLISES DOS DADOS E TRATAMENTOS	87
RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	88
PERCEPÇÕES	88
PERCEPÇÕES: COMPREENDENDO AS DESISTÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS NA PERSPECTIVA DOS FACILITADORES	96
CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
REFERÊNCIAS.....	104
CONCLUSÕES GERAIS.....	111
REFERÊNCIAS GERAIS	111
APÊNDICE	121

1 INTRODUÇÃO GERAL

A relevância deste estudo converge com os debates contemporâneos acerca do aumento global do consumo de alimentos saudáveis e, acima de tudo, ambientalmente livres de contaminantes, isto é, trata-se de um debate atento a um mercado em que há uma alta procura por produtos orgânicos, o que leva, conseqüentemente, à ampliação da produtividade (Mazzoleni; Nogueira, 2006; Padua; Schlindwein; Alves et al. 2012).

Em termos globais, é inegável que a produção agrícola passou por um aumento significativo de produtividade e, nesse contexto, o Brasil continua sendo um importante produtor mundial e com grande potencial de expansão da oferta (Embrapa, 2018). Dados apresentados pela CONAB (2022/2023) denotam que a safra de grãos do ciclo de 2022/2023 atingiu um novo recorde, pois a produção estimada de 322,8 milhões de toneladas teve um crescimento de 18,4%, culminando em 50,1 milhões de toneladas a mais quando comparada à safra anterior. Tal resultado advém tanto de uma maior área plantada quanto de uma melhor produtividade média de 4.111 kg/ha.

Todavia, deve-se atentar ao fato de que esses resultados são provenientes de uma agricultura modernizada, que utiliza agroquímicos, o que contribui para a contaminação dos solos, da água e dos alimentos (Maluf e Flexor, 2017). Tal situação impacta diretamente a vida da população, sua saúde e a qualidade de vida, pois a mecanização agrícola avançada eleva os índices de compactação do solo, causando intensos efeitos negativos, sobretudo devido à prática de monoculturas que, em grande escala, como função da engenharia, e a longo prazo, acarretam prejuízos notáveis ao meio ambiente (Primavesi, 2001; FAO, 2014).

Estudos afirmam que, para as próximas décadas, haja um aumento de práticas agrícolas que maximizem a produtividade e reduzam os possíveis impactos no meio ambiente, definindo um quadro em que a preocupação dos agricultores não se limite à elevação da produtividade e dos lucros médio-altos de suas produções (Vinchira-Villarraga; Mooz et al. 2014).

Sendo assim, parece evidente que o atual modelo tecnológico enfrenta desafios significativos, resultando em uma diminuição das taxas de crescimento da produtividade nas principais lavouras ao longo das últimas décadas. Este cenário levanta questões cruciais que deveriam integrar o processo de crescimento, visando

alcançar um equilíbrio entre a produção agrícola e os recursos naturais disponíveis. Essa abordagem se torna essencial para mitigar os riscos que ameaçam a produção de alimentos de alta qualidade, especialmente aqueles cultivados de maneira orgânica e interconectados às práticas sustentáveis de uso da terra (Boff, 2014; Saath; Fachinello, 2018).

Nessa perspectiva, as contribuições de estudiosos como, Boff (2014) e Saath e Fachinello (2018) destacam a importância de repensar os paradigmas existentes e adotar práticas agrícolas mais alinhadas à conservação dos recursos naturais. A interconexão entre produção de alimentos de qualidade e práticas sustentáveis emerge como uma abordagem crucial para enfrentar os desafios contemporâneos e promover uma agricultura equilibrada e resiliente a longo prazo (Giordani, 2017).

A produção sustentável, fundamentada no cuidado com a natureza, apresenta-se como uma abordagem que, inquestionavelmente, promove benefícios significativos para a vida humana. Assim, a disseminação e a incorporação da sustentabilidade se tornam imperativas para organizações e governos, bem como para a conscientização da população. Como destacado por Da Costa e Teodósio (2011), Boff (2014) e Triches (2020), a compreensão e aceitação desses princípios podem ser aprimoradas pela perspectiva dos benefícios à saúde, posicionando-a como um dos principais objetivos desse esforço coletivo. Isso não apenas enfatiza o compromisso com a preservação ambiental, mas também ressalta a necessidade de um engajamento ativo de organizações e governos na promoção de práticas sustentáveis (Maia et al, 2018).

Ao adotar uma visão que associa sustentabilidade e saúde, as ações e políticas podem ganhar maior adesão, proporcionando uma mudança efetiva de mentalidade e comportamento. Isso demanda levar a população a entender que um futuro harmônico entre a humanidade e o ambiente natural é desejável e alcançável (Costa; Teodósio, 2011; Triches, 2020). Contudo, a produção sustentável de alimentos depende de políticas públicas governamentais eficazes, de consumidores interessados e de pesquisas científicas capazes de inovar e influenciar as tomadas de decisões no que diz respeito à modernização, atualização e impulsionamento de uma agricultura viável, com propensão ao ecologicamente sustentável (Altieri, 2012; Caporal, 2002).

Entende-se que é possível produzir com qualidade e despertar uma parcela de consumidores mais conscientes para a busca de alimentos mais saudáveis, especialmente aqueles que tende a preferir alimentos oriundos de cultivos com ênfase

na segurança alimentar e a se preocupar com o meio ambiente (Souza; Resende, 2014; Triches, 2020). Assim, em razão dos desafios já assinalados, esta tese se pauta na perspectiva da agricultura orgânica como alternativa para minimizar os exageros da agricultura convencional, questionando o atual pacote tecnológico utilizado na agricultura e demonstrando a importância e a eficiência da agricultura orgânica (Gleissman, 2009; Figueiredo, 2006)

A Revolução Verde e todas as consequências do uso exacerbado de agentes químicos agressivos ao ambiente podem ter influenciado o surgimento e expansão da produção de alimentos orgânicos de modo geral (Primavesi, 2003). Assim, situações distintas apontam para problemas relacionados ao ecossistema, além de transbordar sobre os problemas ambientais, devido aos impactos causados pela agricultura (Altieri, 2008)

A produção orgânica busca soluções viáveis para essa problemática e demonstra gastar menos energia por quilograma de alimentos produzido, possibilitando a redução do desmatamento e as degradações ambientais e, consecutivamente, abrandando a degradação dos solos (Feiden; Silva 2006; Assis; Romeiro, 2002). É justo então, colocar a agricultura orgânica como um dos pilares importantes para uma natureza sustentável, visando uma vida saudável, a qual vem se fortalecendo devido ao aumento do número de consumidores em feiras de agricultores e nos mercados.

No entanto, a produção e comercialização de alimentos orgânicos encontra dificuldades persistentes devido ao alto custo de conversão, à manutenção da certificação, que afeta a produção, além da baixa escala na perspectiva estrutural para distribuição ou logística, principalmente no contexto de pequenos agricultores em busca de melhorias e subsistências (Triches 2020; Schneider e Gazolla, 2017). Nota-se ainda, a falta de garantia de comercialização no mercado e o restrito apoio e incentivo técnico do sistema público (Terrazzan; Valarini, 2009; Mooz; Schneider, 2009).

Destaca-se, portanto, a carência de um projeto de política pública técnica destinada às intervenções de vendas no setor, com foco em um plano de marketing que estimula o crescimento da produção de alimentos orgânicos. Assim, é crucial que a produção agrícola orgânica seja competitiva para enfrentar os desafios de comercialização dentro do sistema convencional, mantendo o equilíbrio ambiental (Mesquita, 2006; Menezes et al.2023)

A agricultura familiar, nesse cenário, desempenha um papel fundamental na luta contra pobreza e é basilar reconhecer sua capacidade não apenas de enfrentamento nessa questão, mas também de desempenhar um papel significativo na garantia de alimentos e na promoção de práticas agrícolas sustentáveis. A ênfase na saúde, como indicado por Scarabelot e Schneider (2009), destaca a interconexão intrínseca entre a produção de alimentos e o bem-estar humano, enquanto os princípios orgânicos emergem como um componente crucial na mitigação dos impactos negativos sobre o meio ambiente. Essa abordagem integrada evidencia a importância de uma visão holística, que reconheça a interdependência entre a agricultura familiar, a saúde e a sustentabilidade ambiental (Saath e Fachinello, 2008).

Para Abramovay, (1998); Schneider e Ferrari, (2015), a agricultura familiar desempenha um papel indiscutível na garantia da segurança alimentar, graças à sua capacidade de reduzir a fome por meio da produção e distribuição de alimentos locais. Além disso, desempenha funções essenciais para o desenvolvimento local ao produzir alimentos de qualidade e facilitar seu acesso em feiras, associações, vendas diretas e mercados, sem comprometer a qualidade. Trata-se de um circuito curto de comercialização que desempenha um papel crucial na agricultura orgânica, promovendo uma relação direta entre produtores e consumidores.

Conforme Darolt (2007), esses circuitos são definidos como práticas de comercialização que envolvem o produtor e o consumidor, eliminando ou minimizando intermediários. Darolt (2016) destaca que essas relações de troca, seja por meio de venda direta ou por meio de cooperativas, contribuem para a proximidade entre produtores e consumidores, reduzindo elos de intermediação na cadeia alimentar.

Isso se revela com a venda para PNAE e PAA, programas que, nos últimos anos, destacaram-se na compra de produtos de base ecológica, os quais recebem um preço *Premium* 30% superior ao produto similar da agricultura convencional. O mercado institucional reforça iniciativas de comercialização em circuitos curtos, priorizando os produtos da região onde ocorrerá o consumo dos alimentos, bem como fortalecendo as redes organizacionais e o diálogo entre os atores envolvidos com a agroecologia (Darolt, 2012; Brandenburg et al., 2016)

Os circuitos curtos na agricultura orgânica oferecem uma série de benefícios que vão além da otimização logística, que contribui para a redução do consumo de recursos como transporte, energia e embalagens, forjando-se como uma abordagem

estratégica que também minimiza a dependência de atravessadores econômicos e agentes intermediários (Vilela et al 2017). Isso não apenas reduz os custos associados à distribuição, mas também favorece a autonomia dos agricultores familiares, permitindo-lhes estabelecer relações diretas com os consumidores (Schmitt e Grisa 2013). Além disso, ao encurtar a cadeia de abastecimento, os circuitos curtos proporcionam maior transparência e rastreabilidade, o que aumenta a confiança dos consumidores nos alimentos que consomem. Essa conexão direta entre produtores e consumidores também pode promover uma maior valorização dos produtos locais e orgânicos, incentivando práticas agrícolas sustentáveis e fortalecendo as economias regionais

Os benefícios dos circuitos curtos na agricultura orgânica vão além da eficiência logística. De acordo com a otimização logística proporcionada por esses circuitos contribui para a redução do consumo de recursos, como transporte, energia e embalagens. Essa abordagem estratégica minimiza a necessidade de atravessadores econômicos e agentes intermediários, favorecendo a autonomia dos agricultores familiares (Bianchini, 2006).

As feiras livres representam um exemplo concreto e relevante de circuitos curtos, desempenhando um papel crucial no escoamento da produção agrícola local. Esses eventos oferecem aos agricultores familiares a oportunidade de comercializar uma ampla variedade de produtos orgânicos diretamente aos consumidores, o que não apenas fortalece a economia local, mas também preserva a identidade e a autenticidade dos produtos da região (Comunello, 2013; Araújo et al. 2007)

Para Magnanti, (2008) Maluf e Flexor, 2017), ao estabelecer essa conexão direta, os circuitos curtos de comercialização promovem a aproximação entre o campo e a cidade e incentivam novos paradigmas de consumo. Além dos benefícios econômicos óbvios, essas práticas também geram impactos positivos no meio ambiente ao reduzir a pegada de carbono associada ao transporte de alimentos. Além disso, as feiras livres desempenham um papel importante na coesão social, proporcionando um espaço de encontro e troca cultural entre produtores e consumidores, enriquecendo assim a vida comunitária e promovendo valores socioculturais compartilhados. Além disso, a agricultura orgânica auxilia na alimentação saudável e na saúde humana.

1.2 CAMINHOS METODOLÓGICOS E ESTRUTURA DA TESE

Nesta pesquisa, foram utilizados como base primária de dados, artigos e teses de pesquisas relacionadas às temáticas agricultura orgânica, produtos orgânicos, agricultura familiar, percepções dos agricultores orgânicos interligados à questão da comercialização e importância dos alimentos orgânicos numa perspectiva de distribuição de alimentos saudáveis. Sendo assim, divide-se a tese em três artigos: o primeiro é especificamente teórico, com dados secundários, o segundo é um estudo de caso e o terceiro versa sobre as percepções dos agricultores orgânicos.

O primeiro artigo discute os desafios da agricultura orgânica frente aos modelos atuais de agricultura que, em geral, vem se mostrando insustentável, dado o desperdício exacerbado e as contradições sobre a melhor maneira de tratar a natureza. Trata-se de um artigo teórico com dados secundários em nível nacional e internacional apresentados em gráficos e tabelas, que recorre a autores de renomes para as discussões a partir de quatro tópicos: o conceito da agricultura orgânica, o histórico da agricultura e agricultura orgânica sob o olhar da agroecologia, o perfil dos consumidores de orgânicos no Brasil e as normas e regulamentos nacionais.

O segundo artigo se caracteriza como uma pesquisa exploratório de cunho qualitativo, desenvolvida a partir do estudo de caso na Associação dos Agricultores Orgânicos e Familiares de Toledo (PROORTO), com produtores orgânicos e agroecológicos. Foram gravas entrevistas na forma de áudios a partir da coleta de dados *in loco*, entre os meses de dezembro de 2021 e outubro de 2022, utilizando um questionário semiestruturado, com 64 perguntas abertas e fechadas. Para a análise dos dados, usou-se a ferramenta analítica de MAXQDA, software de método qualitativo, quantitativo e misto, que contribui para facilitar a formação das categorias e subcategorias de análises, as quais, neste trabalho, são denominadas de códigos e subcódigos (Kuckartz; Rädiker, 2020; Exime, 2023).

O terceiro artigo é de natureza qualitativa, mas usa dados quantitativos em tabelas, quadros, figuras e gráficos. Para sua realização, foi aplicada a análise de conteúdo proposta por Bardin (2016) para interpretar documentos e aprofundar a investigação, permitindo um processo investigativo muito amplo e complexo para pesquisadores que pretendem trazer inovações em pesquisas.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 **Objetivo Geral**

Compreender os desafios da agricultura familiar orgânica em relação à estrutura produtiva e à comercialização em propriedades que fazem parte da Associação dos Agricultores Orgânicos e Familiares de Toledo – PR (PROORTO).

1.3.2 **Objetivos Específicos**

a) Discutir e apresentar os conceitos introdutórios da produção orgânica e do mercado de orgânicos na perspectiva local e internacional;

b) Identificar a importância e as potencialidades da agricultura orgânica (produção e comercialização) presentes nas propriedades dos agricultores da Associação dos Agricultores Orgânicos e Familiares de Toledo (PROORTO);

c) Aprofundar e conhecer as crenças, as percepções dos agricultores da PROORTO, como estratégias para melhorar a agricultura orgânica na perspectiva do desenvolvimento local e comunitário.

1.4 HIPÓTESES DA PESQUISA

Esta pesquisa parte do princípio de que a percepção dos agricultores sobre a importância da agricultura orgânica e de seu potencial influencia suas práticas e promove o enfrentamento dos desafios para a produção e comercialização desses produtos. Assim, busca-se entender de que maneira a falta de acompanhamento e suporte de políticas públicas afeta o papel desses agricultores na promoção do desenvolvimento local e comunitário?

CAPÍTULO 1

AGRICULTURA ORGÂNICA – UMA DISCUSSÃO SOBRE MERCADO DE ORGÂNICOS NA PERSPECTIVA LOCAL E INTERNACIONAL

RESUMO: Os modelos atuais de agricultura e desenvolvimento em geral estão se mostrando insustentáveis, dada seu desperdício exacerbado, a exaustão de recursos naturais e a disposição errônea dos resíduos que causam graves danos ao meio ambiente. Devido a isso, faz-se necessária uma mudança de mentalidade social que migre do desenvolvimento irresponsável e vise somente o lucro, para uma postura de cautela com os recursos naturais e desprendimento do lucro desenfreado, por meio da sustentabilidade ambiental, isto é, a percepção de que o homem pertence ao meio ambiente, não o oposto. O objetivo é discutir e apresentar os conceitos introdutórios da produção orgânica e do mercado de orgânicos na perspectiva local e internacional, utilizando dados secundários e autores de renome para as discussões a partir de quatro tópicos: conceito da agricultura orgânica; histórico da agricultura e agricultura orgânica sob o olhar da agroecologia; perfil dos consumidores de orgânicos no Brasil; normas e regulamentos nacionais. Conclui-se que o Brasil está se tornando um dos principais produtores de alimentos orgânicos na América do Sul, impulsionado pelo crescente interesse por produtos ecologicamente saudáveis. Para atender a essa demanda em expansão, é crucial investir em práticas agrícolas sustentáveis e políticas que promovam a produção orgânica. Também é importante conscientizar os consumidores sobre os benefícios dos alimentos orgânicos para a saúde humana e o meio ambiente. Assim, o Brasil pode consolidar sua posição como líder regional na produção e consumo responsável de alimentos orgânicos. No entanto, ainda há um longo caminho a percorrer, especialmente na conscientização da população para aumentar a segurança alimentar, considerando que a nutrição está diretamente ligada à saúde e é um fator importante na escolha de alimentos orgânicos.

Palavras-chave: Agricultura orgânica, Orgânicos no Brasil, Agricultura familiar.

ABSTRACT: The agricultural and development models presently in general have already shown themselves to be unsustainable, given their basis in exacerbated waste, exhaustion of natural resources, and wrongful disposal of waste that cause serious damage to the environment. Because of this, a change in society's mentality is necessary, to move from irresponsible development aimed only at profit, to an attitude of caution with natural resources and detachment from uncontrolled profit, through environmental sustainability, that is, the perception that man belongs to the environment, not the opposite. The objective of this paper is to discuss and present the introductory concepts of organic production and the organic market from the local and international perspective using secondary data and renowned authors for the discussions in four topics: the concept of organic agriculture; history of agriculture and organic agriculture under the agroecology view; profile of organic consumers in Brazil; national rules and regulations. It was concluded that Brazil is not among the first 10 countries with the largest organic production area in South America, even though the demand for ecologically friendly products has increased. To this end, it is understood that there is still a long way to go, especially in raising the population's awareness, with

a view to improving food safety in general, since nutrition is interconnected with health as the main reason for the acquisition of organic products.

KEYWORDS: Organic agriculture, Organic in Brazil, Family farming.

INTRODUÇÃO

A agricultura orgânica se distingue da agricultura convencional por evitar o uso de compostos químicos prejudiciais ao meio ambiente. Diferentemente da agricultura convencional, não recorre a insumos artificiais derivados de compostos químicos para acelerar os processos naturais (Mazzoleni; Nogueira, 2006; Lima, et. al., 2021). Segundo Ormond et. al. (2002, p. 5), a agricultura orgânica parte do princípio fundamental de que a fertilidade do solo está intrinsecamente ligada à matéria orgânica presente nele. Além de preservar a saúde do consumidor, que é exposto aos perigos dos resíduos de agrotóxicos presentes nos produtos da agricultura convencional (IBGE, 2023), essa prática também traz benefícios ao agricultor, que deixa de lidar com compostos químicos nocivos em suas atividades.

De acordo com Schultz e Ahlert (2016), a agricultura orgânica ganha cada vez mais legitimidade devido à crescente conscientização dos consumidores sobre os impactos ambientais dos sistemas agrícolas convencionais. Araújo, Paiva e Filgueira (2007) corroboram essa visão, destacando que o aumento dos mercados e o acesso facilitado à informação têm contribuído para a formação de consumidores mais conscientes e exigentes em relação aos alimentos que consomem, dando origem a um novo perfil de consumidor: o consumidor orgânico.

Do ponto de vista do consumo, os produtos orgânicos têm ocupado crescente espaço no mercado de alimentos, carregando, além do apelo à sustentabilidade, uma representação de saúde. Esse tipo de alimento está conectado com uma tendência de consumo que prioriza produtos sustentáveis (Penteado, 2018). Desta maneira, a sustentabilidade se torna um pilar fundamental, não apenas na perspectiva dos orgânicos, mas, como produtora de alimentos que incentiva o crescimento da agricultura familiar.

O cultivo de alimentos orgânicos também vem crescendo significativamente nos últimos anos e muitos produtos já são encontrados nos mercados da União Europeia e nos Estados Unidos da América (EUA), no quais são amplamente distribuídos por meio de diferentes canais, aumentando as vendas no âmbito nacional e internacional (Melão, 2012; Lima et. al., 2020; Lombardi; Moori; Satiko Sato, 2004).

Essa comercialização ajuda a melhorar o meio ambiente e a promover uma agricultura ecológica, diversificada e saudável, por isso, cada estabelecimento da produção de alimentos da agricultura familiar é importante, pois impactam diretamente sobre a produção de forma geral, especialmente nas possibilidades de garantir renda e atuar na conjuntura econômica e social do desenvolvimento local (Santana et al. 2023)

Contudo, julga-se necessária a aplicação de novas tecnologias, fundamentais para impulsionar os produtos da agricultura familiar, com o compromisso de incentivar a segurança alimentar no seu contexto social mais amplo (Schneider et. al., 2009; Altieri, 2012). A produção orgânica é uma forma de agricultura familiar agroecológica e sustentável que pode ser tem se mostrado uma alternativa viável para a produção de alimentos saudáveis e sustentáveis (Sediyama et al. 2014)

Compreende-se que, com o passar do tempo, as tecnologias aplicadas no meio rural ou urbano acabam por desenvolver um papel evolucionista, aumentando e facilitando a produção da agricultura. A Revolução Verde, que teve início da década de 1960, envolveu a modernização e o aumento na produção agrícola (Santilli, 2009; Matos, 2011), por outro lado, excluiu muitos agricultores familiares, principalmente aqueles com menos condições econômicas. Essa exclusão teve impacto direto na produção dos produtos agrícolas, na agricultura familiar, na qualidade e distribuição dos produtos, na necessidades de lutar contra a insegurança alimentar em função da soberania alimentícia baseado nos pilares das qualidades e quantidades dos produtos da agricultura (Van Der Ploeg, 2014; Exime; Pallú; Plein, 2021).

No entanto, não se deve confundir quantidade com qualidade da produção, pois mesmo com o aumento na disponibilidade de produtos orgânicos, preza-se por consumir alimentos sem compostos químicos, que podem impactar diretamente na saúde e a sociedade de forma geral em função da sustentabilidade, preservação do meio ambiente etc. Sendo assim, o objetivo deste artigo é discutir e apresentar os conceitos introdutórios da produção orgânica e do mercado de orgânicos na perspectiva local e internacional.

AGRICULTURA ORGÂNICA

No início de 1970, surgia no Brasil a Agricultura tradicional, que representava um novo método de produção sustentável. Posteriormente, consolidaram-se outras

correntes no campo da Agroecologia (Souza, 2016), como a orgânica, em que há eliminação do uso de adubos artificiais e de adubos químicos minerais, a natural, na qual se preza pela purificação do espírito e do corpo, a ecológica, que visa à proteção do meio ambiente, à qualidade biológica dos alimentos e ao desenvolvimento de fontes de energia renováveis, a biológica, em que se busca a autonomia do agricultor e a comercialização direta, e regenerativa, que se vale do recursos encontrados e criados na própria unidade de produção agrícola e permacultura, um sistema evolutivo integrado de espécies vegetais e animais perenes (Darolt, 2001e Altieri, 2003). Normalmente, esses modelos estabelecem conexões com entendimentos já existentes em nível global e expressam um consenso em torno de vários princípios, conceitos, usos e práticas para a produção (SOUZA, 2011).

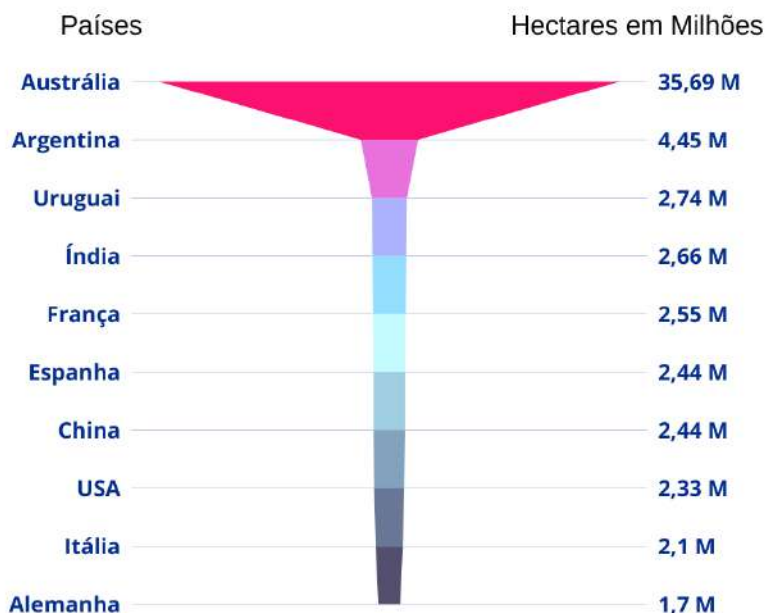
O sistema orgânico de produção proporciona uma maior rentabilidade ambiental e gera alimentos nutritivos (Reganold; Wachter, 2016), pois busca a produção de alimentos em conjunto com a preservação do meio e a proteção da biodiversidade (Mäder et al., 2002), eliminando a utilização de produtos tóxicos, reduzindo a poluição ambiental (Nemecek et al., 2011), bem como ampliando a qualidade de vida dos humanos e dos animais (Altieri e Nichols, 2003).

Estudos de Lima et al. (2021), denotam uma crescente preocupação por parte dos consumidores referente à qualidade e à origem dos produtos adquiridos, além de se preocuparem cada vez mais com a segurança alimentar, bem como uma maior educação referente à nutrição, com consumidores buscando alimentos que, além de nutrir, com capacidade e objetivo de promover benefícios à saúde

Entende-se que cada fator da produção impacta na aquisição ou disponibilidade de alimentos numa perspectiva de direito de todos e para todos, de modo a pensar numa agricultura orgânica interconectada com a agricultura e todos os pilares que podem incentivar o progresso dos orgânicos (Maluf; Menezes; Marques, 2000; Nepomoceno; Exime; Ahlert, 2022).

Esses motivos convergem com o aumento no cultivo e consumo de produtos orgânicos e ajudam a aumentar a produção no Brasil e no mundo, principalmente com a institucionalização da agricultura orgânica, a partir da criação da Federação Internacional dos Movimentos de Agricultura Orgânica - IFOAM nos anos 1980. Nesse período, o Brasil passou a se inserir no contexto da produção dos orgânicos (Fonseca, 2009), junto aos países que contém mais hectares e áreas de produção de produtos orgânicos, como a gráfico 1 apresenta:

Gráfico 1. Os dez países com as maiores áreas de terras disponíveis para as produções orgânicas



Fonte: *Research Institute of Organic Agriculture (FiBL)*, survey on organic agriculture worldwide 2022, organizados pela pesquisadora.

Percebe-se que mesmo com o aumento da produção orgânica em praticamente 1000%, o Brasil está migrando a passos lentos para listar entre os 10 países com maiores áreas de produção orgânica no mundo. Na América do Sul, Argentina e Uruguai se destacam em área destinada para produzir alimentos orgânicos, o que se deve ao aumento dos orgânicos mundialmente.

A agricultura orgânica tem crescido expressivamente em todo o mundo, como aponta o recente levantamento realizado pelo *Research Institute of Organic Agriculture (FiBL)*, em parceria com a Federação Internacional dos Movimentos da Agricultura Orgânica (IFOAM). O documento indica que a agricultura orgânica se encontra no seu maior estágio de desenvolvimento em 20 anos, período quando a FiBL começou a realizar suas pesquisas, contando com 70 milhões de hectares e apresentando crescimento de mercado em todo o mundo, alcançando a marca de aproximadamente 97 bilhões de dólares (Willer; Lernoud, 2019)

A agricultura orgânica é desenvolvida por 181 países, totalizando 2,9 milhões de produtores em todo o mundo, tendo como países de maior representação financeira nesse efervescente mercado os Estados Unidos, com 40 bilhões de euros,

em segundo lugar a Alemanha, com 10 bilhões, em seguida a França, com 7,9 bilhões, e depois a China, com 7,6 bilhões (Willer; Lernoud, 2019).

No que se refere aos continentes com maiores áreas de agricultura orgânica, em primeiro lugar está a Oceania (35,9 milhões de hectares, correspondendo a metade de todas as terras agrícolas orgânicas do mundo) e em segundo a Europa (14,6 milhões de hectares, 21% do mundo); a América Latina tem 8 milhões de hectares (11%), seguidos pela Ásia (6,1 milhões de hectares, 9%), América do Norte (3,2 milhões hectares, 5%) e África (2,1 milhões hectares, 3%) (Willer et al, 2022

Na América Latina o país que lidera a quantidade de terras de agricultura orgânica é a Argentina (3,4 milhões de hectares), com o Uruguai em segundo lugar (1,9 milhão de hectares) e o Brasil aparecendo em terceiro lugar, com 1,1 milhão de hectares, tendo 15.030 mil produtores orgânicos, algo em torno de 3,3% dos produtores da América Latina e Caribe (Willer; Lernoud, 2019

Pode se definir agricultura orgânica como um conjunto de processos de produção agropecuária que nasce do pressuposto de que a fertilidade é função direta da matéria orgânica contida no solo, com a ação de microrganismos presentes nos compostos biodegradáveis existentes ou colocados no solo possibilitando o fornecimento de mineral e químico necessário ao desenvolvimento dos vegetais cultivados (Ormond et al., 2002).

Para Mesquita (2006) e Muller (2913), uma das peculiaridades do sistema de produção orgânica está baseado na adoção de tecnologia de processo¹ é a de ser uma inovação de caráter sistêmico, que afeta todo o sistema de produção e não somente seus elementos. Este enfoque sistêmico requer que a unidade de produção seja vista como um sistema que deve ser analisado e trabalhado de acordo com o conjunto de suas características, assim como a relação existente entre suas partes.

Cabe mencionar também que, nesse enfoque, destaca-se a concepção do solo como organismo vivo, pois a qualidade e o equilíbrio da fertilidade do solo – no que se refere à manutenção de níveis de matéria orgânica, à promoção da atividade biológica, à reciclagem de nutrientes e à intervenção controlada sem destruição do recurso natural – são essenciais para a sustentabilidade da agricultura orgânica. No

¹A abordagem das peculiaridades dos sistemas de produção orgânica baseada na adoção de tecnologia de processo, deve-se a que à Rede Ecovida tem como objetivo a difusão deste tipo de sistemas.

manejo orgânico, a produtividade e a qualidade de seus produtos estão diretamente ligadas à saúde do solo (Primavesi, 2003; Primavesi, 2001)

O enfoque sistêmico também deve analisar e trabalhar a compatibilidade e complementaridade das partes integrantes do conjunto produtivo (agricultura, floresta e animais), permitindo o maior aproveitamento do potencial da unidade de produção (Scalco et al. 2015). Tal dinâmica é a chave para um manejo eficiente que faça com que o processo de produção e adoção seja mais complexo, exigindo um maior grau de conhecimentos técnicos e agroecológicos; de planejamento, avaliação e organização da produção; de observação permanente das plantas, dos animais, das condições do solo e clima durante todo o processo produtivo (Meireles, 2016)

Segundo Darolt (2016) e Alencar (2013) a maioria dos trabalhos de investigação, bem como as orientações técnicas, são direcionadas a componentes do sistema. Entretanto, as maiores carências estão na compreensão do sistema no seu conjunto. Cabe salientar que não somente são poucos os técnicos formados para atender às demandas da agricultura orgânica, como são ainda em menor número aqueles preparados para utilizar as abordagens participativas para a geração e difusão de práticas agrícolas voltadas às especificidades de cada unidade produtiva como aponta Weid (2001, p. 64-65):

Várias experiências mostram que os agricultores organizados em movimentos ou redes necessitam do apoio de um número relativamente pequeno de técnicos para, empregando as abordagens participativas de difusão de tecnologias, resolver o problema de produzir uma infinidade de novos sistemas agroecológicos, de forma a responder aos problemas de cada agricultor. O custo desse processo envolve menos o dos técnicos engajados e mais o do apoio às dinâmicas sociais de experimentação e formação nas experiências da Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa (AS-PTA). A relação entre o número de agricultores assistidos por técnico foi, em média, de 1 para 3.000, enquanto a norma do Banco Mundial para projetos de desenvolvimento rural é de 1 para 150.

Dessa afirmação, entende-se que a falta de recursos para alavancar a agricultura orgânica implica na qualidade e na quantidade da produção, levando em conta os fatores social, econômicos e todos os aspectos ligados a sustentabilidade, um ambiente controlado e bem cuidado, por falta de assistência. Por outro lado, permite uma nova reflexão sobre como estão sendo tratados os agricultores que levam comida para a sociedade, sejam elas orgânicas ou não-orgânicas.

Sendo assim, o sistema de produção orgânico busca explorar a diversidade dos ambientes, requerendo a procura de desenhos específicos de sistemas produtivos

para a situação específica de cada agroecossistema e até mesmo de cada agricultor, sendo uma abordagem intensiva no uso de conhecimento, ao mesmo tempo em que é econômica no uso de insumos externos à propriedade (Meireles, 2016). Neste mesmo contexto, Kathounian (2001), afirma que a produção orgânica utiliza menos insumos materiais que a produção convencional, sendo muito mais resultado de um produto intangível, como é o conhecimento.

Para Gliessman (2005), em função da necessidade de desenhos específicos de produção para cada situação em particular, os conhecimentos não podem ser produzidos todos de forma homogênea para uso maciço pelos agricultores. Neste sentido, as instituições de pesquisa ou extensão rural procuram prestar serviços integrados a diversos grupos de agricultores culminando em um conjunto de saberes importantes.

As abordagens participativas para a geração e difusão de tecnologias de produção orgânica apostam na capacidade individual e coletiva dos agricultores de reavaliar os seus conhecimentos herdados, ou próprios, e de apreender as técnicas de agricultura orgânica, de modo a construírem eles mesmos novos desenhos de sistemas agrícolas por meio de experimentação e aprimoramento, em permanente processo de socialização de conhecimentos (Goodman, 2017)

A produção orgânica exige pesquisa e, particularmente, experimentação, pois, segundo Guzmán (2005), na implantação do sistema de produção orgânico é essencial a informação e conhecimento, ou seja, o domínio prático dessa tecnologia, assim como as informações de avaliação do desempenho da inovação. Além disso, a existência de abundante microbiota no solo reduz os desequilíbrios resultantes da intervenção humana na natureza, com a alimentação adequada e o ambiente saudável resultando em plantas vigorosas e mais resistentes a pragas e doenças (Ormond et al., 2002; Hecht, 2002). De fato, o princípio da agricultura orgânica, permite não apenas novas reflexões sobre o meio ambiente, mas, sobre a vida humana na terra e seus impactos como modo de bem viver a partir dos cuidados os limites biofísicos da natureza. Sendo assim, discute-se na sequência a agricultura no contexto mundial, como necessidade do próprio tema de discussão.

AGRICULTURA ORGÂNICA: UMA ANÁLISE DESDE A AGROECOLOGIA

Durante a metade do século XX, período pós-segunda Guerra Mundial, muitos países aderiram ao movimento produtivo da época, chamado de Revolução Verde, um novo ideal de produção baseado no aumento da produção agrícola (Octaviano, 2010). Porém, nesse primeiro momento, havia uso excessivo de insumos químicos, de agrotóxicos e de plantas geneticamente modificadas, além da mecanização e esse processo era apoiado pelas políticas públicas de pesquisa e extensão rural, como a criação do crédito rural para financiar as plantações, além de contribuir para impulsionar a produção a partir de investimentos nos setores agrícolas (Brasil, 2004; Altieri, 2004; 2012).

A agricultura orgânica teve suas raízes entre as décadas de 1920 e 1940, quando o agrônomo inglês Sir Albert Howard conduziu estudos sobre o solo e o papel dos microrganismos na manutenção da saúde do solo através da adubação orgânica (Abramovay; 1999; Altieri, 2004), que implica diretamente a produção dos alimentos orgânicos. Segundo Carson (1962), essa é uma alternativa mais segura e sustentável, pois respeita os processos naturais do solo, da água e da vida selvagem e não usa indiscriminadamente produtos químicos. A autora acredita que a agricultura orgânica pode oferecer uma maneira mais saudável e ecologicamente consciente de produzir alimentos, preservando a saúde dos ecossistemas e das comunidades.

O conceito de agricultura orgânica, no entanto, foi evoluindo ao longo da história, com as primeiras experimentações realizadas na Índia e na Europa, com posterior expansão para outros países e continentes e surgiu como um modo alternativo de produção (Brandenburg et al., 2016). Em 1972, a Federação Internacional dos Movimentos da Agricultura Orgânica (IFOAM) se firmou como a grande responsável pela implantação de um sistema para garantir a qualidade dos produtos orgânicos a seus consumidores, estabelecendo padrões internacionais de produção e criando o Sistema de Garantia Orgânica (*Organic Guarantee System – OGS*).

Em paralelo, na Alemanha, nasce a corrente de agricultura orgânica desenvolvida pelo filósofo Rudolf Steiner, que inicialmente a denominou como *Biologische Dynamische Landwirtschaft*, depois simplesmente como “biodinâmica”, que significa que se trabalha em consonância com as energias que criam e mantêm a vida. O método preconizava o que veio a ser a moderna abordagem sistêmica, entendendo a propriedade como um organismo, e destacava a presença de bovinos

como um dos elementos centrais para equilíbrio do sistema (Khtounian, 2001 e Gleissman, 2000)

No Japão, nasceu o método da Agricultura Orgânica Natural, desenvolvido por Mokiti Okada que, após observar a impregnação de resíduos químicos e a alteração no sabor dos alimentos da produção convencional, criou um método de produção agrícola que “imitasse” a natureza, sem empregar esterco animal e fazendo uso de compostos vegetais que conservam a pureza do solo e permitem a reciclagem dos nutrientes para o desenvolvimento das plantas (De Freitas Barbosa et al 2012)

Também chamada de “agricultura permanente”, na Austrália, Bill Mollison criou a permacultura, na década de 1970, vertente que busca praticar uma agricultura de forma mais integrada com o ambiente natural, imitando as matas e florestas naturais como culturas perenes e buscando a integração de lavouras com espécies florestais e pastagens e criações animais. Aspectos paisagísticos e a sustentabilidade socioambiental das atividades são princípios básicos da Permacultura que guardam semelhança com a Agroecologia (Hecht, 2002; Darolt, 2012).

Na América Latina, a corrente desenvolvida foi a da Agroecologia, movimento iniciado pelo professor chileno Miguel Altieri no início da década de 1980, desenvolvido para atender simultaneamente necessidades de preservação ambiental e de promoção socioeconômica dos pequenos agricultores, sendo esse movimento diretamente responsável por unir a valorização da produção familiar com o movimento ambientalista que estava começando a surgir no continente (Altieri, 2004).

Todos esses movimentos têm impactado e influenciado as discussões sobre o tema, especialmente no que diz respeito aos agricultores que compreendem a necessidade de um mundo mais ecológico, o qual começa com produções locais sustentáveis. Isso engloba a tradição familiar, a preocupação com a saúde, o compromisso com um meio ambiente saudável e a oferta de produtos diversificados, livres de compostos químicos. Ou seja, um estilo de vida que valoriza a sustentabilidade como caminho para o desenvolvimento (Almeida, 2009; Altafin, 2007).

Olhando assim, a agroecologia desponta como uma ciência que tem limites teóricos bem delimitados, ao passo que a agricultura orgânica é uma prática agrícola expressa por meio de encaminhamento tecnológico e mercadológico, que pode respeitar ou não princípios e conceitos agroecológicos (Abramovay, 1997). Desta

forma, evita-se qualquer tipo de desentendimento sobre a diferença entre a agroecologia e agricultura orgânica de modo conceitual.

A agroecologia apresenta uma alternativa à agricultura convencional, que é responsável por uma série de problemas ambientais, como a poluição do solo, da água e do ar, a perda da biodiversidade e o uso excessivo de recursos naturais e pode ser adotada por agricultores familiares, organizações comunitárias e até mesmo por consumidores urbanos (Azevedo, 2012; Conejero et al. 2009). Emerge como uma abordagem fundamental para a produção de alimentos saudáveis, a conservação do meio ambiente e o desenvolvimento sustentável. Trata-se de um campo de conhecimento que incentiva o manejo ecológico dos recursos naturais por meio de uma abordagem sistêmica, considerando todos os aspectos da produção agrícola, desde a propriedade da terra até a organização comunitária.

O objetivo da agroecologia é restaurar o equilíbrio entre os sistemas naturais e sociais, facilitando a coevolução harmoniosa entre a agricultura e o meio ambiente (Santana; Da Silva Andrade; Andrade, 2023). Isso implica entender o espaço sociocultural e ecológico que existe entre o homem e os recursos naturais, o seja um etnoecossistema forjado a partir das relações dos elementos da biosfera e da matriz cultural, criando tecnologias específicas e locais.

Sob a ótica defendida pela agroecologia, a agricultura sustentável é capaz de atender os critérios: baixa dependência de estímulos comerciais; uso de recursos renováveis acessíveis à população local; utilização dos impactos benéficos ou benignos do meio ambiente local; aceitação das condições locais, antes da dependência da intensa mudança ou tentativa de controle sobre o meio ambiente; manutenção a longo prazo da capacidade produtiva; preservação da diversidade biológica e cultura; uso do conhecimento e da cultura da população local e; produção de mercadorias para o consumo interno e também para a exportação (Gliessman, 2000; Caporal e Costabeber, 2002).

Conforme, Guanziroli e Cardim (2000), a agricultura orgânica é considerada um modo de produção alternativo ao sistema convencional, porém, mesmo que se baseie em princípios da agroecologia para preservação do meio, não chega a representar um avanço a ponto de ser considerado um modo de produção de base ecológica, algo mais abrangente.

Por fim, a agricultura familiar, segundo Goodman (2017) citado por Glissman (2009) envolve

A agricultura de propriedade familiar é caracterizada por estabelecimentos em que a gestão e o trabalho estão intimamente ligados, ou seja, os meios de produção pertencem à família e o trabalho é exercido pelos mesmos proprietários em uma área relativamente pequena ou média (GOODMAN, 2017)

Os três conceitos abordados neste tópico compartilham características comuns e, no contexto da agricultura familiar, o elemento distintivo reside na estreita ligação entre os meios de produção e os agricultores de pequena escala. Trata-se de uma prática que desempenha um papel crucial na economia de muitos países desenvolvidos. Reconhecida como um importante instrumento de inclusão social e redistribuição de renda, contribui significativamente para impulsionar o crescimento econômico e facilitar uma transição socialmente mais equilibrada da economia rural para a urbana e industrial (Guanziroli, 2001 e Guilhoto et al. 2006).

Entende-se que a agricultura familiar é o sustentáculo do dinamismo econômico e de uma saudável distribuição de riqueza nacional nos países desenvolvidos. Junior (2022) chama à atenção para o fato de que os estabelecimentos de agricultura familiar atendem aos anseios sociais, respeitando o meio ambiente e sendo economicamente viáveis, por isso, possibilitam um desenvolvimento mais equânime.

Altafin (2007) e Lima et al. (2020) afirmam que o termo agricultura familiar não é algo novo, mas o uso do termo é recente, com ampla penetração nos meios acadêmicos, nas políticas governamentais e nos movimentos sociais, fazendo-o adquirir novas significações. Para a autora quando o poder público conceituou a agricultura familiar, citando como exemplos, no Brasil, o PRONAF e a Lei da Agricultura Familiar, o fez de maneira operacional. Enquanto o meio acadêmico tratou o assunto de maneira mais analítica.

Dando vazão a essa forma de produção, o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), criado em 1998, concede créditos rurais aos agricultores que respeitam as seguintes condições: sejam proprietários, posseiros, arrendatários, parceiros ou concessionários do Programa Nacional de Reforma Agrária; residam na propriedade ou em local próximo; possuam área com tamanho inferior a quatro módulos fiscais de terra; possuam renda advinda da atividade agropecuária e não agropecuária do estabelecimento rural; ter mão-de-obra

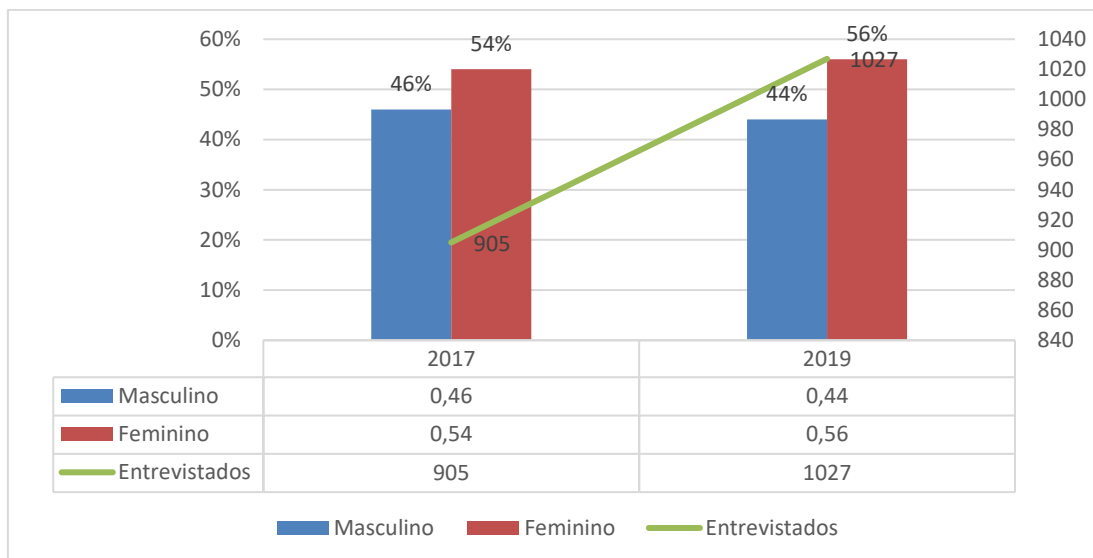
familiar predominante no estabelecimento, permitindo-se ter no máximo dois empregados contratados (Schultz; Ahlert, 2016).

A agricultura familiar é um ambiente em que as práticas agrícolas podem se tornar sustentáveis, no âmbito econômico, social e ambiental. Por meio da junção de três pilares, terra, trabalho e família, o desenvolvimento regional pôde se tornar mais sustentável (Friedrich, Feide e Fulber, 2022). Porém, no decorrer da história no Brasil, essa estrutura familiar não foi bem tratada e sofreu com a chamada modernização da agricultura, trazendo consequências negativas ao campo. Tais consequências serão tratadas no próximo item. Sendo assim, na sequência apresenta-se uma discussão a respeito dos perfis dos consumidores orgânicos no Brasil.

PERFIL DOS CONSUMIDORES DE ORGÂNICOS NO BRASIL

Compreendido os conceitos introdutórios de agricultura orgânica, faz-se necessário aprofundar as discussões sobre os perfis dos consumidores de orgânicos no Brasil, que é apresentado no gráfico 2, com base no levantamento de dados publicados pelo Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA, 2019). Esses consumidores têm aumentado desde os anos 1990, nacional e internacionalmente, quando começaram a surgir mercados alternativos de comercialização para suprir as demandas de produtos orgânicos (Ferreira; Coelho, 2017). A ampliação da venda de produtos saudáveis passou a ter mais procura nos mercados, além das feiras de pequenos produtores rurais, que mesmo sem certificações, logram ofertar produtos de melhor qualidade pela ausência de agrotóxicos.

Gráfico 2. Número de entrevistados de sexo masculino e feminino entre 2017 a 2019.



Fonte: ORGANIS (2019).

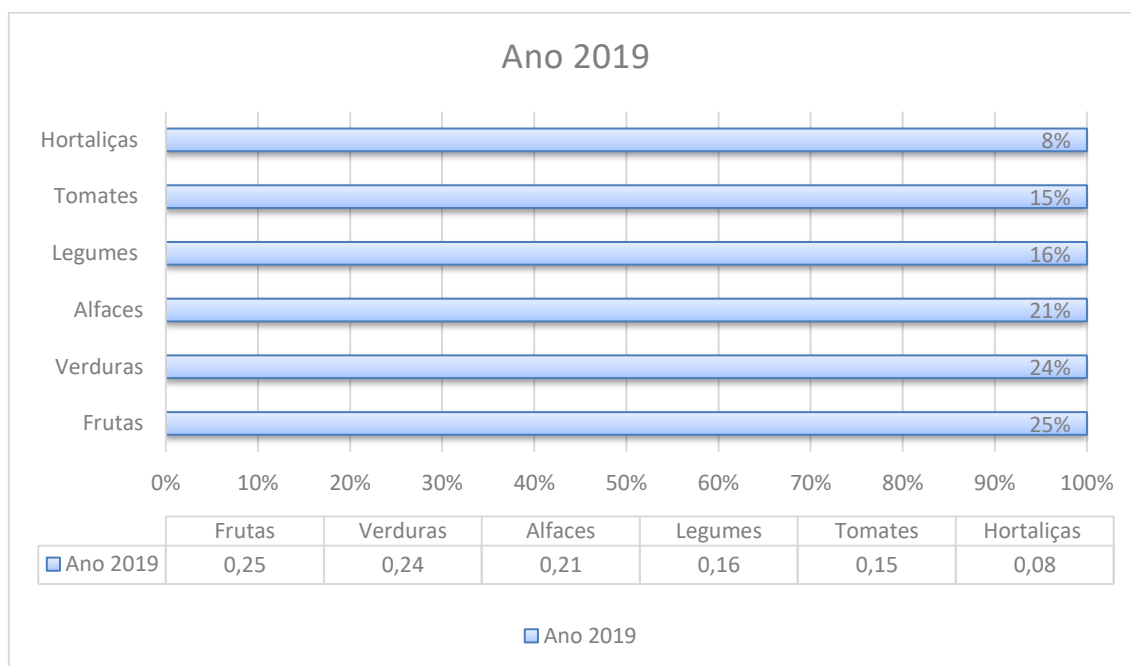
O levantamento colheu dados nos anos de 2017 e 2019², ouvindo 905 entrevistados em 2017: 46% do sexo masculino e 54% do feminino. Em seguida, foram ouvidos 1.027 entrevistados em 2019, 44% de sexo masculino e 56% de mulheres. Nos dois momentos, as pesquisas foram distribuídas entre diversas capitais do Brasil: na região sudeste, São Paulo; Rio de Janeiro e Belo Horizonte; no Nordeste, Salvador; Recife e Fortaleza; no Sul, Porto Alegre; Florianópolis e Curitiba; no Norte, Manaus e; no Centro-Oeste, Goiânia e Brasília.

O estudo teve como premissa geral a pergunta “comprou algum produto orgânicos nos últimos 30 dias?” e se verificou um aumento no consumo desses produtos. Do total, 15% dos entrevistados responderam positivamente à questão em 2017 e 19% em 2019, que chegariam à 20% se fosse excluída a região Norte, parte menos consumidora desses produtos no Brasil (ORGANIS, 2019).

Da pesquisa de 2019, atestou-se que a região que proporcionalmente mais consome produtos orgânicos é a região Sul, correspondendo a 23% dos entrevistados. Quando perguntados, nessa mesma amostragem de 2019, se consumiram produtos orgânicos nos últimos 180 dias, o número subiu para 35% em todo Brasil, dos quais, 48% são residentes do Sul e 42% da região Centro-Oeste (ORGANIS, 2019). Na sequência, o gráfico 3 apresenta-se os produtos orgânicos mais consumidos.

Gráfico 3. Os produtos orgânicos mais comprados e consumidos em 2019.

²Em alguns levantamentos, o estudo publicou apenas os dados correspondentes ao ano de 2019.

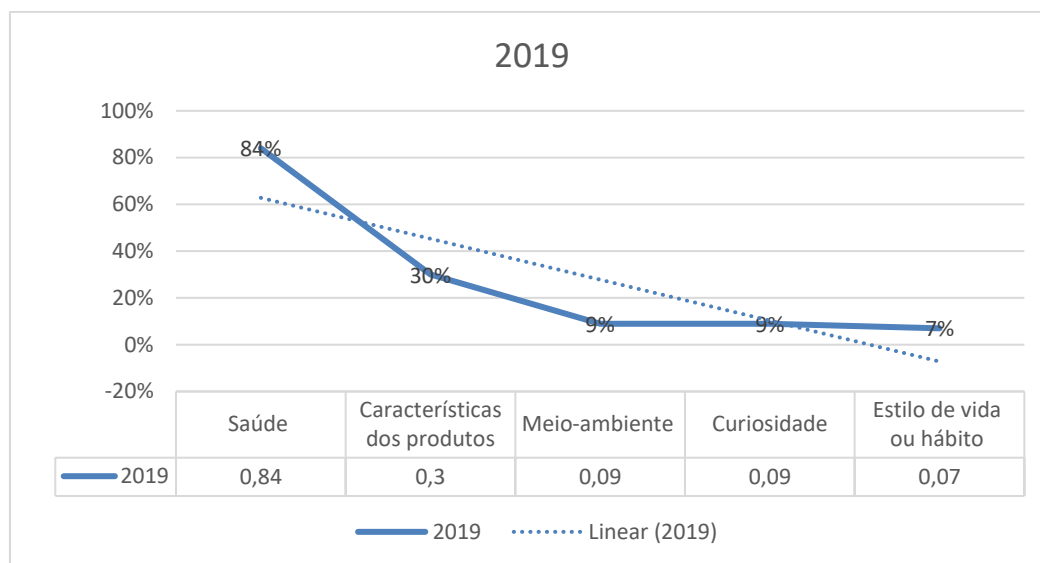


Fonte: dados de pesquisas realizada pela ORGANIS, 2019.

Os produtos citados no gráfico 3 apontam para a necessidade de produzir mais produtos orgânicos, pois os alimentos citados fazem parte do cardápio cotidiano brasileiro: frutas (25%), verduras (24%), alface (21%), legumes (16%), tomate (15%) e hortaliças (8%), dos 19% que responderam positivamente em 2019. Isso reafirma o crescimento dos produtos orgânicos, não apenas no mundo, mas, no Brasil também. Corroborando esses dados, o número de agricultores registrados no Mapa está em mais de 16.000 produtores orgânicos cadastrados (MAPA, 2019)

Para Ferreira; Coelho, (2017) a demanda por alimentos saudáveis tem passado por um notável aumento desde os anos 1990 até os dias atuais e esse crescimento pode ser atribuído, em parte, às campanhas de promoção e conscientização sobre a importância dos alimentos produzidos por agricultores familiares. Além disso, a ascensão da agricultura orgânica como uma produção alimentar associada a um estilo de vida comprometido com a preservação do meio ambiente, tem desempenhado um papel significativo, pois reflete uma preocupação com a qualidade dos alimentos e um reconhecimento do valor intrínseco do trabalho dos agricultores familiares que priorizam a produção de alimentos de alta qualidade em detrimento da quantidade, visando garantir um sustento digno como pode ser visto no gráfico abaixo.

Gráfico 4. Os motivos da compra dos produtos orgânicos em 2019.



Fonte: dados de pesquisas realizada pela ORGANIS, 2019.

Os dados do gráfico apontam os motivos da aquisição dos produtos orgânicos, dentre os quais, a saúde aparece como principal incentivo, com 84% das respostas. Essa informação pode ser compreendida também a partir da segurança alimentar e nutricional que está diretamente ligada à nutrição e à quantidade de alimentos e vitaminas que são necessárias para manter o corpo saudável, à produção de qualidade e distribuição para os canais, mercados locais ou feiras dos agricultores familiares, (Maluf; Menezes; Marques, 2000; Friedrich, Feiden e Fulber, 2022).

Nota-se que 30% aludem à consciência sobre o meio-ambiente, 9% à curiosidade (9%) e 7% ao estilo de vida ou hábito. Esses dados levam a pensar a importância da cadeia produtiva e seus impactos na vida cotidiana, indicando a produção como papel central para a manutenção da sobrevivência da espécie humana nos quesitos de econômico e sociocultural. Trata-se de um avanço significativo, principalmente a partir da revolução verde (Santilli, 2009; Dos Santos, 2013) e apontam para a importância da distribuição e comercialização.

Ainda na mesma base de dados são apontados os locais preferidos para realizar a compra de orgânicos, que teve como resposta em 87% dos casos as feiras, em 61% os supermercados, lojas exclusivamente de produtos orgânicos com 4%, outros tipos de comércio 17% e e-commerce 1% (ORGANIS, 2019). Para os consumidores, a forma de reconhecimento dos produtos orgânicos se dá em 71% dos casos por meio da embalagem, 12% pela aparência, ou seja, tamanho, cor, aroma, entre outros, 11% pela marca, fabricante ou produtor, 8% por estar em setores específicos de lojas, 8% pela experiência ou por meio de pesquisa, 7% por já ter

comprado em lojas especializadas, 6% por indicação de amigos ou parentes, 4% pelo anúncio e 3% por meio do selo de produto orgânico. Esse último fator apresenta uma queda considerável em relação à 2017, quando 8% responderam usar o critério do reconhecimento do selo (ORGANIS, 2019).

Dentre os 1.027 entrevistados em 2019, 50% sabiam e 50% não sabiam da existência de selo específico para certificar que um produto é realmente orgânico ou não, sendo que entre a parcela que sabia do selo, 69% eram consumidores de orgânicos e 41% não eram (ORGANIS, 2019). Ainda, 90% responderam que achavam que a presença do selo de certificação de orgânico era obrigatório, dentre esses consumidores, 4% estão nada dispostos em aumentar o consumo de orgânicos, 11% pouco dispostos, 18% estão indiferentes nessa questão, 42% estão dispostos e 25% estão muito dispostos. Os compradores não o fazem em maior quantidade 65% por conta do preço, 27% devido à dificuldade de encontrar os produtos e 6% por falta de costume (ORGANIS, 2019).

Aos 1.027 entrevistados, fez-se a pergunta “como avalia os preços dos produtos orgânicos em comparação a produtos não orgânicos?”; do montante, 4% avalia como muito mais barato, 5% mais barato, 16% mesmo preço, 41% mais caro e 34% muito mais caro (ORGANIS, 2019). Ainda, 75% responderam que produtos orgânicos são mais caros ou muito mais caros, 48% julgam que esse maior preço é justificado, com esses 48% dos que concordam com o maior preço se distribuindo em 3% por valorizarem os produtos selecionados para comercialização, 3% por conta de serem produtos em menor parcela no mercado, 7% pelo fato da produção ser menor, 9% pela ausência de agrotóxicos, 9% pela melhor qualidade do produto, 18% por ser mais saudável e 48% pelo processo de fabricação ser mais caro (48%) (ORGANIS, 2019).

Entre os 52% que não concordam com o maior preço, as críticas estão distribuídas em 20% julgando que deveriam os produtos orgânicos ter preço compatível para incentivar o consumo, 15% por não gastar com agrotóxico, 12% por existir uma suposta exploração dos preços nesses produtos, 9% por acharem que tem o mesmo valor de custo, 7% porque o produto vem da natureza, 5% alegando que poderia ter o mesmo valor que os outros produtos, 5% que a produção menor supostamente gastaria menos, 4% por não ter informações claras na embalagem, 5%

por não terem certeza da procedência do produto e 3% não deram motivos (ORGANIS, 2019).

Isso faz lembrar o contexto histórico da agricultura orgânica, que foi primeiramente institucionalizada no ano de 1972, com a criação da IFOAM – Federação Internacional dos Movimentos de Agricultura Orgânica (*International Federation of the Organic Agriculture Movement*), com a publicação de suas primeiras normas no ano de 1978 e tendo a França como primeiro representante da Federação a regulamentar domesticamente o tema (Fonseca et al., 2009). Essas normas privadas da IFOAM formaram a base para a comercialização dos produtos orgânicos até a década de 1990, servindo também para o estabelecimento de normas locais e recomendações técnicas em diferentes países (Fonseca et al., 2009; Dias et al. 2015)

Desviando momentaneamente dos regulamentos *per se*, mas abordando evento de igual importância, menciona-se o Fórum Global de Organizações Não Governamentais e Movimentos Sociais realizado no Rio de Janeiro em 1992 – ECO-92 ou RIO-92, em que foi acordada pela comunidade internacional, a implantação de um processo de planejamento participativo, que analisa a situação de atual de país, ente federado, município e/ou região, e planeja o futuro de forma sustentável (Buainain et al. 2003; Vilela, 2017).

As diretrizes traçadas na ECO-92, bem como os resultados reuniões paralelas e subsequentes, contaram com ampla divulgação pelos meios de comunicação, despertando essa sensação de urgência na sociedade mundial, posteriormente gerando, também o conjunto de estratégias de desenvolvimento sustentável denominada Agenda 21 (Cordani, 1992).

Outra iniciativa de cooperação internacional foi a criação, em 2003, da Força-Tarefa Internacional da FAO, Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura, e da UNCTAD, na Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento, cujo objetivo era harmonizar e adequar as normas relacionadas à agricultura orgânica em todo o mundo. Essa iniciativa destaca a necessidade de flexibilizar e buscar acordos de reconhecimento mútuo, levando em consideração as particularidades de cada país e promover o desenvolvimento sustentável da agricultura orgânica em escala global, facilitando o comércio justo e transparente de produtos e respeita as diversidades e contextos locais (Souza, 2014).

NORMAS E REGULAMENTOS NACIONAIS

No Brasil, durante a década de 1970, não houve uma adesão significativa ao esforço regulatório promovido pelos membros da IFOAM para a agricultura orgânica, que era predominantemente associada a movimentos filosóficos que buscavam reconectar as pessoas à terra como uma alternativa de vida. Esse período também foi marcado pelo crescente interesse pela preservação ambiental e pela busca por uma alimentação mais saudável (Fonseca, 2009).

Foi apenas na década de 1980 que começaram a surgir esforços mais concretos de institucionalização da agricultura orgânica no Brasil, com a criação de diversas cooperativas voltadas para esse fim. Essas iniciativas representaram um passo importante rumo à consolidação e reconhecimento da agricultura orgânica no país, estabelecendo as bases para o desenvolvimento posterior desse setor (Fonseca, 2009)

Em 1994, a certificação foi tópico da Portaria do MAPA nº 178 de agosto, que criou Comissão Especial para propor normas de certificação de produtos orgânicos, após o MAPA ter sido procurado pelas ONGs que participaram dos debates anteriormente citados na sociedade internacional. Neste ano se instituiu, também, o Comitê Nacional de Produtos Orgânicos, por meio da Portaria do MAPA nº 190 de setembro de 1994, também responsável por propor estratégias para a certificação de produtos. (Medaets, 2003; Aquino e Assis, 2005)

Também no ano de 1994, iniciou-se discussão para a regulamentação da agricultura orgânica, que só foi reconhecida em maio de 1999, depois de longa discussão entre a sociedade civil organizada e o poder executivo, com a publicação da Instrução Normativa 007/99 (IN 007/99) do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), em que foram estabelecidas as normas de produção, envase, distribuição, identificação e de certificação de qualidade para produtos orgânicos de origem animal e vegetal (Fonseca et al., 2009).

Previamente à publicação da Instrução Normativa 007/99, tinha ocorrido em outubro de 1998, consulta pública as normas disciplinadoras para a produção, tipificação, processamento, envase, distribuição, identificação e certificação da qualidade de produtos orgânicos, de origem vegetal ou animal, que resultou mais tarde na citada IN. Após tramitar no Congresso Nacional de 1996 até 2002, com a participação dos parlamentares, representantes do setor produtivo, organizações

públicas e privadas, bem como da sociedade civil, a Lei da Agricultura Orgânica (Lei n. 10.831) foi publicada em 2003 (Schmitt, 2011).

A conceituação de produção orgânica, segundo a Lei n. 10.831 do (artigo 1º §. 1º), tem como finalidade, dentre outras, ofertar produtos saudáveis isentos de contaminantes intencionais; preservar a diversidade biológica dos ecossistemas naturais e a recomposição ou incremento da diversidade biológica dos ecossistemas modificados em que se insere o sistema de produção; incrementar a atividade biológica do solo; promover um uso saudável do solo, da água e do ar; e reduzir ao mínimo todas as formas de contaminação desses elementos que possam resultar das práticas agrícolas; reciclar resíduos de origem orgânica, reduzindo ao mínimo o emprego de recursos não renováveis.

No ano de 2004, visando instrumentalizar e unificar as ações do MAPA sobre agricultura orgânica, foi lançado o Programa de Desenvolvimento da Agricultura Orgânica, chamado de Pró-Orgânico, contendo ações ligadas ao desenvolvimento da agricultura orgânica, entre elas, a regulamentação e publicação da Portaria n. 158 do MAPA, que criou as Comissões da Produção Orgânica nas Unidades da Federação (CPOrg – UF) (Scofano, 2014). Atualmente as CPOrg-UF são reguladas pela Instrução Normativa 13/2015.

As Comissões têm a função de emitir parecer sobre regulamentos que tratem da produção orgânica; propor à Comissão Nacional da Produção Orgânica (CNPOrg) regulamentos que tenham por finalidade o aperfeiçoamento da rede de produção orgânica no âmbito nacional e internacional; assessorar o Sistema Brasileiro de Avaliação da Conformidade Orgânica; contribuir para elaboração dos bancos de especialistas capacitados a atuar no processo de acreditação; articular e fomentar a criação de fóruns setoriais e territoriais; discutir e propor os posicionamentos a serem levados pelos representantes brasileiros em fóruns nacionais e internacionais que tratem da produção orgânica; e emitir parecer sobre pedidos de credenciamento de organismos de avaliação da conformidade orgânica (Brasil, 2008).

Também no ano de 2004, foi criada a Câmara Setorial de Agricultura Orgânica, que posteriormente se chamaria Câmara Temática da Agricultura Orgânica, como órgão consultivo de apoio às políticas públicas do MAPA para a Agricultura Orgânica, sendo composta por membros do governo e da sociedade civil, ocorrendo nela, inclusive, grande parte das revisões da Lei n. 10.831, inclusive o Decreto n. 6.323/2007, que regulamentou essa Lei (Fonseca et. al., 2009).

Entre as mudanças alcançadas pelo Decreto 6.323/2007, cita-se a instituição do Sistema Brasileiro de Avaliação da Conformidade Orgânica, identificado por um selo único, em todo território nacional, no qual deve estar agregada a identificação do sistema de avaliação da conformidade orgânica, podendo ser a Certificação Orgânica ou Sistema Participativo de Garantia de Qualidade Orgânica (Alves; Santos; Azevedo, 2012). O Selo Único atualmente é regulado pela Instrução Normativa 18/2014, conforme será tratado em excerto específico da certificação.

Evidentemente, não cabe a citação de todo arcabouço legal que envolve a agricultura orgânica, mas ainda devem ser citados alguns dos mais importantes textos legais, como exemplo, o Decreto 7.794 de 2012, que criou a PNAPO – Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica, que tem como fim integrar, articular e adequar políticas, programas e ações indutores da transição agroecológica, da produção orgânica e de base agroecológica (Brasil, 2003). A partir disto, apresenta-se o quadro 1, sobre os principais instrumentos da criação do PNAPO.

Quadro 1. Instrumentos da criação da Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica – PNAPO.

DECRETO Nº 7.794, DE 20 DE AGOSTO DE 2012 – Institui a PNAPO
<p>Art. 4º São instrumentos da PNAPO, sem prejuízo de outros a serem constituídos: I - Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica - PLANAPO; [...]</p> <p>Art. 5º O PLANAPO terá como conteúdo, no mínimo, os seguintes elementos: [...]</p> <p>III - programas, projetos, ações;</p> <p>³ Esta Lei dispõe sobre a agricultura orgânica, e foi publicada no Diário Oficial da União em 24/12/2003. Segundo esta Lei, as finalidades de um sistema de produção orgânico são:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Ofertar produtos saudáveis isentos de contaminantes intencionais; ➤ Preservar a diversidade biológica dos ecossistemas naturais e a recomposição ou incremento da diversidade biológica dos ecossistemas modificados em que se insere o sistema de produção; ➤ Incrementar a atividade biológica do solo; ➤ Promover o uso saudável do solo, da água e do ar, e reduzir ao mínimo todas as formas de contaminação desses elementos que possam resultar das práticas agrícolas; ➤ Manter ou incrementar a fertilidade do solo a longo prazo; ➤ Reciclar resíduos de origem orgânica, reduzindo ao mínimo o emprego de recursos não renováveis; ➤ Basear-se em recursos renováveis e em sistemas agrícolas organizados localmente; ➤ Incentivar a integração entre os diferentes segmentos da cadeia produtiva e de consumo de produtos orgânicos e a regionalização da produção e comércio desses produtos; ➤ Manipular os produtos agrícolas com base no uso de métodos de elaboração cuidadosos, com o propósito de manter a integridade orgânica e as qualidades vitais do produto em todas as etapas;

- Conservar as condições físicas, químicas e biológicas do solo, da água e do ar;
- Fomentar a integração efetiva entre agricultor e consumidor final de produtos orgânicos, e incentivar a regionalização da produção desses produtos orgânicos para os mercados locais.

Fonte: Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica – PNAPO (ANO).

O Decreto 7.794 também alterou o Decreto 6.323, trazendo uma mudança nos rumos da governança inicialmente planejada, deixando mais descentralizado e, para isso, criando estruturas: a CIAPO (Câmara Interministerial de Agroecologia e Produção Orgânica) e a CNAPO (Comissão Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica) que foram as instâncias que construíram o PLANAPO (Plano Nacional de Agroecologia e da Produção Orgânica – “Brasil Agroecológico”) (Scofano, 2014).

Fez-se um esforço histórico para compreender a evolução legal da agricultura orgânica, não só pela importância *per se* da legislação, como também para verificar o caminho percorrido até a criação da PNAPO e seu instrumento, a PLANAPO, que permitiu a criação dos programas adiante. Desta forma, a articulação para a integração da produção agroecológica e propostas das políticas públicas para impulsionar de forma contundente a produção e ações que permitem a evolução dos produtos agroecológicos se fazem presente para o crescimento de adeptos aos produtos sem compostos químicos (Sambuichi 2017; Trovatto, 2017).

A agricultura orgânica é considerada fundamental para a vida humana, não apenas por seus benefícios para a saúde e estilo de vida, como é apresentado no gráfico 4, mas também por oferecer aos agricultores a oportunidade de melhorarem suas condições econômicas. Essa melhoria na qualidade de vida tem um impacto direto na economia local, além de contribuir para o desenvolvimento sustentável associado a essa forma de agricultura (Dos Santos et al., 2013). Este trabalho foi essencial para explorar e compreender a importância da agricultura orgânica, destacando a necessidade de aprofundar as discussões sobre o tema. Portanto, apresentam-se a seguir as considerações finais deste ensaio teórico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho teórico, considera-se a importância dos agricultores orgânicos, ao propor o objetivo a partir da produção orgânica local e internacional, partindo da ideia do crescimento e ampliação das áreas de produção orgânica no mundo todo. Percebe-se que os países se preocupam com a produção saudável de alimentos, por impactos na saúde, no meio ambiente, nas rendas para as economias locais do ponto de vista do desenvolvimento.

A discussão dos dados apresentados permite entender que, na perspectiva brasileira, a maioria dos consumidores escolhe os produtos orgânicos por motivos de saúde e os dados indicam o aumento de consumo dos produtos orgânicos ao longo dos anos. Indica-se também, a falta de investimentos tecnológicos para manter e aumentar a produção orgânica sem uso de composto químico, a necessidade de novos projetos para incentivar o cultivo orgânico, além de valorizar mais a agricultura de forma geral, com apoio técnico para ajudar a organizar, colocar em prática os conhecimentos tradicionais que normalmente refletem sobre as produções locais e nacional.

Conclui-se que a história da agricultura orgânica ajuda a manter a evolução das vendas e aquisição dos produtos orgânicos, visando a saúde humana, do meio ambiente para um mundo mais sustentável. Afirma-se que a comercialização e divulgação dos produtos em feiras dos pequenos agricultores e nos mercados locais ajudam a impulsionar a importância dos orgânicos por parte da população. Deve-se entender que ainda existe um longo caminho a seguir, principalmente na conscientização da população quanto à segurança alimentar de forma geral, já que a nutrição está interconectada à saúde como um dos principais motivos para a aquisição dos orgânicos e da ampliação da agricultura orgânica.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J.A **construção social de uma nova agricultura**: tecnologia agrícola e movimentos sociais no sul do Brasil. 2 ed. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009.

ALENCAR, G.; V.; MENDONÇA, E.; Sá; OLIVEIRA, S.; T.; JUCKSCH, I. Percepção ambiental e uso do solo por agricultores de sistemas orgânicos e convencionais na Chapada da Ibiapaba, Ceará. **Rev. Econ. Sociol. Rural**. v. 51, v. 2, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-20032013000200001>. Acesso em jul 2021.

ALVES, A.; C.; O.; SOUZA, A.; L.; de S.; dos; AZEVEDO, R.; M. Agricultura orgânica no Brasil: sua trajetória para a certificação compulsória. **Rev. Bras. de Agroecologia**, v. 7, n. 2, p. 19-27, 2012. Disponível em: <https://revistas.aba-agroecologia.org.br/rbagroecologia/article/view/10085>. Acesso em: 2 maio. 2024.

ALTIERI, M. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável** / Miguel Altieri. – 4.ed. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

ALTAFIN, I. **Reflexões sobre o conceito de agricultura familiar**. Texto trabalhado durante o 3º Módulo do Curso Regional de Formação Político-sindical da região Nordeste, 2007.

ALTIERI, M. **Agroecologia: Bases Científicas para uma Agricultura Sustentável**. 3. ed. Rev. Ampl. Rio De Janeiro: Expressão Popular, 2012.

ALTIERI, M. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 5 ed. Porto Alegre: UFRGS, 2008. 120p.

ALTIERI, M.; A.; NICHOLLS, C.; I. Agroecologia: resgatando a agricultura orgânica a partir de um modelo industrial de produção e distribuição. **Ciência & ambiente**, v. 27, p. 141- 152, 2003.

ABRAMOVAY, R. Agricultura Familiar e o uso do solo. In: **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.11, n.2, p 73-78, 1997.

ABRAMOVAY, R. Agricultura familiar e desenvolvimento territorial. In **Revista da Associação Brasileira de Reforma Agrária** – vols. 28 nºs 1,2 3 e 29, nº1 – Jan/dez 1998 e jan/ago 1999.

AQUINO, A. M. de; ASSIS, R. L. de (Ed.). **Agroecologia: princípios e técnicas para uma agricultura orgânica sustentável**. Brasília: **Embrapa Informação Tecnológica**, 2005. 517 p.

ARAÚJO, D.; F. S.; PAIVA, M.; do S.; D.; FILGUEIRA, J.; M, **Orgânicos: expansão de mercado e certificação**, **Holos**, Ano 23, Vol. 3, 2007. pp. 138-149 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte Natal, Brasil. <https://www.redalyc.org/pdf/4815/481549274013.pdf>

ASSIS, R.L.; ROMEIRO, A.R. **Agroecologia e agricultura orgânica: controvérsias e tendências**. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, n.6, p.67-80, 2002.

AZEVEDO, E.; De. **Alimentos Orgânicos**: ampliando os conceitos de saúde humana, ambiental e social. Senac: São Paulo, 2012.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo, SP: Edições 70, 2016

BIANCHINI, V. **O universo da agricultura familiar e sua contribuição ao desenvolvimento rural**. 2007. Disponível em: <<http://redeagroecologia.cnptia.embrapa.br/biblioteca/agricultura-familiar>>. Acesso em: 08 jul 2021.

BOFF, L. **Sustentabilidade**: o que é o que não é. Petrópolis: Vozes, 2014.

BRANDEMBURG, A.; BEZERRA, I.; GIORDANI, R. C. F. Soberania alimentar, desenvolvimento territorial e sustentabilidade: olhares e contextos. Guaju. In: **Revista Brasileira de Desenvolvimento Territorial Sustentável**, Matinhos-PR, v. 2, n. 1, p. 2-13, jan./jun. 2016.

BRASIL, Lei n. 10.831, de 23 de dezembro de 2003. **Dispõe sobre a agricultura orgânica e dá outras providências**. Presidência da República, Casa Civil. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6323.htm Acesso em: jul 2022.

BRASIL, Instrução Normativa Nº 54, de 22 de outubro de 2008. **Dispõe sobre Estrutura, Composição e Atribuições das Comissões da Produção Orgânica**. Presidência da República, Casa Civil.

BRASIL, do Banco; DE AGRONEGÓCIOS, Diretoria. Evolução histórica do crédito rural. **Revista de Política Agrícola**, v. 13, n. 4, p. 4-17, 2004.

BUAINAIN, A.; M.; ROMEIRO, A.; R.; GUANZIROLI, C.; Agricultura familiar e o novo mundo rural. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 5, n. 10, p. 312-347, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/yWYK66v4CJXDqsmKtVH5bkD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em jun. 2021.

CAPORAL, F.; R.; COSTABEBER, J.; A. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável. Porto Alegre, v.3, n.2, abr./junh.2002. Disponível em: https://www.agraer.ms.gov.br/wp-content/uploads/2015/05/Enfoque_Cientifico_e_Estrategido_ADRS.pdf. Acesso em 15 mar. 2022.

CARSON, R. Primavera Silenciosa. São Paulo: Gaia, 2010, 305p.

COMUNELLO, F.; J. **Produto Orgânico de Produção Agroecológica**: a sensibilidade jurídica dos produtores agroecológicos. Extensão Rural, Santa Maria, v. 20, n. 1, Jan./Abr. de 2013. Disponível em: : <https://www.researchgate.net/publication/319557877> Acesso em: 23 jul. 2022

CONAB, COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. **Boletim de Monitoramento Agrícola**, Brasília, DF, v. 10, n. 5, mai. 2021. Disponível em:<

https://www.conab.gov.br/uploads/arquivos/16_10_27_16_35_18_boletim_a16_v5_n10.pdf >Acesso em: jun 2022.

CONAB **Companhia Nacional de Abastecimento**. Acompanhamento da safra brasileira de grãos – v.1, n.1 (2023-) – Brasília, Conab, 2023-v. Mensal Disponível em: <http://www.conab.gov.br>.

CONEJERO, M.;A.; TAVARES, L. S.; NEVES, M.; F. Produtos orgânicos: o que é, dimensões e como se habilitar. In: NEVES, Marcos F. (Coord.) **Agronegócios e Desenvolvimento Sustentável: uma agenda para liderança mundial na produção de alimentos e bioenergia**. São Paulo: Atlas, 2009.

CORDANI, U. **Ecos da Eco 92 na reunião da SBPC. Debate**. Estud. av. v.6, n. 15, 1992. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40141992000200006>.

DA COSTA, D.; V.; TEODÓSIO, A.; dos S.; de S. Desenvolvimento sustentável, consumo e cidadania: um estudo sobre a (des)articulação da comunicação de organizações da sociedade civil, do estado e das empresas. RAM, **REV. ADM. MACKENZIE**, v. 12, n. 3, Edição Especial. SÃO PAULO, SP. Maio/Jun. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ram/a/5xWVh5pS7KqXB36hLrFNVYs/?format=pdf&lang=pt>

DAROLT, M.; R. **O papel do consumidor no mercado de produtos orgânicos. Agroecologia Hoje**. Ano 2, n.7, p.8-9, 2001.

DAROLT, M.;R. **Alimentos orgânicos: um guia para o consumidor consciente**. 2. ed. rev. ampl. – Londrina: IAPAR, 2007.

DAROLT, M.R. **Conexão Ecológica: novas relações entre produtores e consumidores**. Londrina: IAPAR, 2012. 162 p. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/asoc/a/KgSQNgpc5gF5Tx65N9H7DGd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 12 jul, 2023

DAROLT, M.; R.; LAMINE, C.; BRANDENBURG, A.; ALENCAR, M.; DE C.; FAGGION, L.; ABREU, S. **Redes alimentares alternativas e novas relações produção-consumo na França e no Brasil**. Ambient. soc. [online]. 2016, vol.19, n.2 p.1-22. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/asoc/a/KgSQNgpc5gF5Tx65N9H7DGd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 15 jul. 2023

DE FREITAS BARBOSA, W.; DE SOUSA, E.; P. Agricultura orgânica no Brasil: características e desafios. In: **Revista Economia & Tecnologia**, v. 8, n. 4, 2012. Disponível em: <http://www.economiaetecnologia.ufpr.br/revista/Volume%208%20n%204/10-Wescley%20de%20Freitas%20Barbosa,%20Eliane%20Pinheiro%20de%20Sousa.pdf>. Acesso em 12 jun, 2023

DIAS, V.; SCHULTZ, G.; SCHUSTER, M.; TALAMINI, E.; RÉVILLION, J.; P. Organic Food Market: An overview of Quantitative and Qualitative Publications International.

Ambiente & Sociedade, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/1809-4422ASOC841V1812015en>.

DOS SANTOS, J.; O.; et al. A evolução da agricultura orgânica. In **Revista Brasileira de Gestão Ambiental ISSN 2317-3122**, v. 6, n. 1, p. 35-41, 2013.

EXIME, ETHOL.; APABLAZA, G.; F.; RODRIGUES, E.; SILVA, F.; S.; DA ZONIN, W.; J. Seeds keepers in Argentina and Brazil: comparing experiences. In: **Revista Brasileira de Planejamento e Desenvolvimento**, v. 12, n. 3, p. 677-698, 2023.

EXIME, E.; PALLÚ, N.; M.; PLEIN, C. Desarrollo de la agricultura familiar haitiana: Dos cualidades nuevas para discutir la recuperación de la soberanía alimentaria. **DELOS: Desarrollo Local Sostenible**, v. 14, n. 39, p. 4, 2021.

EMBRAPA. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Visão 2030. O futuro da Agricultura Brasileira**. Brasília, 2018. Disponível em: <
<https://www.embrapa.br/documents/10180/9543845/Vis%C3%A3o+2030+-+o+futuro+da+agricultura+brasileira/2a9a0f27-0ead-991a-8cbf-af8e89d62829?version=1.1>> Acesso em jul 2022.

FAO, The state of food insecurity in the world 2014. **Food and Agriculture Organization of the United Nations**. Disponível em <»
<http://www.fao.org/publications/sofi/en/> Acesso jun, 2021.

FEIDEN, A.; SILVA, D.; J. Alimentos Orgânicos: Melhor Para Vida. ADM - Artigo de Divulgação na Mídia, **Embrapa Pantanal**, Corumbá, MS, n. 105, p. 1-4, jul. 2006. Disponível em:
<https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/812617/1/ADM105.pdf>
acesso em: jun 2022.

FERREIRA, A.; S.; COELHO, A.; B. O papel dos preços e do dispêndio no consumo de alimentos orgânicos e convencionais no Brasil. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 55, p. 625-640, 2017.

FIGUEIREDO, M.A.B.; LIMA, J.R.T. (Org). **Agroecologia. Conceitos e Experiencias**. Editora Bagaço, Recife, 2006, 256p.

FONSECA, M.; F. de A.; C. Agricultura Orgânica: Regulamentos Técnicos para o Acesso aos Mercados dos Produtos Orgânicos no Brasil. Rio de Janeiro: **PESAGRO**, 2009. Disponível em:
<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/32349/1/AgriculturaOrganica.pdf>
Acesso em: 23 abr. 2023

FRIEDRICH, J.; C.;C.; FEIDEN, A.; FULBER, V.; M. Agricultura orgânica—Uma discussão sobre mercado de orgânicos na perspectiva local e internacional. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 12, p. e417111234745-e417111234745, 2022.

GIORDANI, R.; C.; F.; BEZERRA, I.; ANJOS, M.; de C.; R.; dos. **Semeando agroecologia e colhendo nutrição**: rumo ao bem e bom comer. P. 11-22, 2017.

GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia**: processos ecológicos em agricultura sustentável. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2000. 653 p.

GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia**: processos ecológicos em agricultura sustentável. 3. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

GLISSMAN, S. R. **Agroecologia**: processos ecológicos em agricultura sustentável. 4ª ed. - Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2009.

GODOY, A.; S. A pesquisa qualitativa e sua utilização em administração de Empresas. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo. Vol. 35, No 4, p. 65-71, jul./ago. 1995.

GOODMAN, M. Espaço e lugar nas redes alimentares alternativas: conectando produção e consumo. In: Schneider, S.; Gazolla, M. (Org.). **Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas**: negócios e mercados da agricultura familiar. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2017. p. 259-280.

GUANZIROLI, C. E.; CARDIM, S. E. C. S. **Novo retrato da agricultura familiar**: o Brasil redescoberto. Projeto de Cooperação Técnica INCRA/FAO, MDA Ministério do Desenvolvimento Agrário, Brasília, DF: INCRA/FAO, MDA, 2000. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/273298116_Reflexoes_de_agricultores_familiares_sobre_a_dinamica_de_fornecimento_de_seus_produtos_para_a_alimentacao_escolar_o_caso_de_Araripe_Ceara/fulltext/55f0421708ae199d47c1cf5c/Reflexoes-de-agricultores-familiares-sobre-a-dinamica-de-fornecimento-de-seus-produtos-para-a-alimentacao-escolar-o-caso-de-Araripe-Ceara.pdf. Acesso em: 13 jan. 2023

GUILHOTO, J.; SILVEIRA, F.; ICHIHARA, S.; M.; AZZONI, C.; R. A **Importância do agronegócio familiar no Brasil e seus estados**. *RER*, v. 44, n. 03, p. 355-382, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-20032006000300002>.

GUIVANT, J.; S. Os supermercados na oferta de alimentos orgânicos: apelando ao estilo de vida ego-trip. **Ambiente & sociedade**, v. 6, p. 63-81, 2003.

GUZMÁN, E. S. **Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável**. In: AQUINO, A. M. de; ASSIS, R. L. *Agroecologia: princípios e técnicas para uma agricultura orgânica sustentável*. Brasília: Embrapa, Informação Tecnológica, 2005. p.101-132.

HECHT, S. B. A evolução do pensamento agroecológico. In: ALTIERI, M. **Agroecologia**: as bases científicas para uma agricultura sustentável. Guaíba: Agropecuária, 2002. p.21-53.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Agropecuário 2017**: resultados preliminares. Rio de Janeiro: IBGE, 2017a. Disponível em: <https://bit.ly/2smA3z8>. Acesso em: julho. 2022.

JUNIOR, J.; M.; C. GONZALEZ, A.; C.; EXIME, E.; COSTA, I.; M.; DOS REIS, M.; C.; AHLERT, A.; MATTIA, V. Agricultura orgânica no oeste do Paraná: um estudo no município de Marechal Cândido Rondon. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, [S. l.], v. 10, n. 14, pág. e405101422071, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i14.22071. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/22071>. Acesso em: 1 ago. 2022.

KHATOUNIAN, C. A. **A reconstrução ecológica da agricultura**. Botucatu: Agroecológica, 2001.

KUCKARTZ, U.; RÄDIKER, S. Vom Leitfaden Zum Kategoriensystem. In: **Fokussierte Interviewanalyse com MAXQDA**. Springer VS, Wiesbaden. 2022

LIMA, K. S.; GALIZA, M.; VALADARES, A.; ALVES. **Produção e Consumo de produtos orgânicos no mundo e no Brasil**. Instituto de Pesquisa Econômica aplicada – Brasília: Rio de Janeiro: IPEA, 2020.

LIMA, C. E. P.; SUINAGA, F. A.; CRUZ, E. M.; PINHEIRO, J. B.; TIMM, C. A.; BISCAIA, D.; RODRIGUES, P. F. **Melhoria da sustentabilidade da cadeia produtiva de hortaliças no contexto da Agenda 2030 da ONU como estratégia de alavancagem do setor**. Brasília, DF: Embrapa, 2021. 16 p. Nota técnica. Documento de circulação interna.

LOMBARDI, M.; S.; MOORI, R.; G.; SATIKO SATO, G.; E.; Um estudo exploratório dos fatores relevantes na decisão de compra de produtos orgânicos. In: **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, v. 5, p. 13-34, 2022.

MÄDER, P.; FLIESSBACH, A.; DUBOIS, D. Soil fertility and biodiversity in organic farming. *Science*, v. 296, n. 5573, p. 1694-1697, 2002. DOI: 10.1126/ciencia.1071148

MAGNANTI, N.J. Circuito sul de circulação de alimentos da Rede Ecovida de Agroecologia. **Agriculturas**, v. 5, n. 2, p. 26-29, jun. 2008.

MAIA, A.; G.; CESANO, D.; MIYAMOTO, B.; C.; B.; EUSEBIO, G.; S.; SILVA, P.; A.; O. Climate change and farm-level adaptation: the Brazilian Sertão. **International Journal of Climate Change Strategies and Management**, v.10, n.5, p 729-751, 2018. DOI: 10.1108/IJCCSM-04-2017-0088

MALUF, R.; S.; MENEZES, F.; MARQUES, S.; B. Caderno segurança alimentar. **Paris: Fhp**, 2000. Disponível em: <https://www.dhnet.org.br/direitos/sos/alimentacao/tconferencias.html>. Acesso em 12 jun 2022.

MALUF, R.; S. ; FLEXOR, G.. Questões agrárias, agrícolas e rurais [recurso eletrônico], **Conjunturas e políticas públicas**. - 1. ed. - Rio de Janeiro: E-Papers, 2017. Disponível em: https://lemate.paginas.ufsc.br/files/2018/04/MalufR-FlexorG-Quest%C3%B5es-agr%C3%A1rias-e-agr%C3%ADcolas_colet%C3%A2nea.pdf. Acesso em: 12 abr. 2023.

MAPA. **Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento**. (2019). Cadastro nacional de produtores orgânicos. <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/sustentabilidade/organicos/cadastro-nacional-produtores-organicos>.

MAPA. **Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento**. Em 7 anos, triplica o número de produtores orgânicos cadastrados no ministério. Brasília: Mapa, 1o ago. 2019a. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/noticias/em-sete-anos-triplica-o-numero-de-produtores-organicos-cadastrados-no-mapa> . Acesso em: abr. 2022.

MATTAR, F.;N. **Pesquisa de marketing**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MAZZOLENI, E.; M.; NOGUEIRA, J.; M. Agricultura orgânica: características básicas do seu produtor. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 44, p. 263-293, 2006. Acessado em: 3 agosto 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-20032006000200006>.

MATOS, A.; K.; V. Revolução verde, biotecnologia e tecnologias alternativas. **Cadernos da FUCAMP**, v. 10, n. 12, p. 1-17, 2011.

MEDAETS, J. P. **A construção da qualidade na produção agrícola familiar: sistemas de certificação de produtos orgânicos**. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável)-Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, 231 p. Brasília, 2003.

MEIRELLES, L. Country Report: Organic Agriculture in Brazil. In: WILLER, H.; LERNOUD, J. (Eds.). *The world of organic agriculture - Statics and emerging trends*. Rheinbreitbach: **IFOAM/FIBL**, 2016. p. 240-241.

MENEZES, Alexandre Pinho; SCHIOZER, Rafael F.; VASCONCELOS, Lucas NC. GARANTIAS DE CRÉDITO RURAL NO BRASIL: ACESSO, CONDIÇÕES E INADIMPLÊNCIA. **Revista de Administração de Empresas**, v. 63, p. e2022-0063, 2023.

MERGAREJO NETTO, M. A. Agricultura familiar e sua organização. In: **Revista Acta Geográfica**, ano 2, n. 4, p. 17-30, 2008. DOI: <https://doi.org/10.5654/acta.v2i4.194>

MELÃO, I.;B. Produtos sustentáveis na alimentação escolar: o PNAE no paraná. **Caderno IPARDES - Estudos e Pesquisas**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 87–105, 2012. Disponível em: <https://ipardes.emnuvens.com.br/cadernoipardes/article/view/533>. Acesso em: 1 ago. 2022.

MELÃO, I.; B. Desenvolvimento rural sustentável a partir da agroecologia e da agricultura orgânica: o caso do Paraná. **Nota Técnica Ipardes**, Curitiba, n. 8, p. 1-25, 2010.

MESQUITA, Z. Agricultores e consumidores de produtos orgânicos: uma aproximação necessária. **Revista Brasileira de Agroecologia**, Rio de Janeiro, v. 1,

n. 1, 2006. Disponível em: <https://revistas.aba-agroecologia.org.br/rbagroecologia/article/view/5921>. Acesso em: 2 mai. 2023.

MOOZ, E.; D.; SILVA, M.; V. **Cenário mundial e nacional da produção de alimentos orgânicos**. *Nutrire*, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 99-112, 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.4322/nutrire.2014.009>

MUELLER, S.; WAMSER, A.; F.; SUZUKI, S.; BECKER, W.; F.; Produtividade de tomate sob adubação orgânica e complementação com adubos minerais. **Horticultura Brasileira**, v. 31, p. 86-92, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-05362013000100014>.

NEPOMOCENO, T.; A.; R.; EXIME, E.; AHLERT, A. Agricultura familiar e agroecologia: Estudo de caso em Diamante do Sul, Paraná, Brasil. **DELOS: Desarrollo Local Sostenible**, v. 15, n. 40, p. 1, 2022. Disponível em: <https://ojs.revistadelos.com/ojs/index.php/delos/article/view/723>. Acesso em: 12 jul. 2023.

NEMECEK, T.; DUBOIS, D.; HUGUENIN-ELIE, O. Life cycle assessment of Swiss farming systems: I. Integrated and organic farming. **Agricultural Systems**, v. 104, n. 3, p. 217-232, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.agry.2010.10.002>

ORGANIS – CONSELHO BRASILEIRO DA PRODUÇÃO ORGÂNICA E SUSTENTÁVEL. Texto para Discussão 2538 43 **Produção e Consumo de Produtos Orgânicos no Mundo e no Brasil Consumo de produtos orgânicos no Brasil**. Curitiba: Organis, 2019. Disponível em: , https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9678/1/TD_2538.pdf

ORMOND, J. G. P. LIMA DA PAULA, S.; R.; FILHO, F.; P.; DA ROCHA, L.; T. Agricultura orgânica: quando o passado é futuro. **BNDES Setorial**, Rio de Janeiro, n. 15, p. 3-34, mar. 2022.

OCTAVIANO, C. Muito além da tecnologia: os impactos da Revolução Verde. **ComCiência**, n. 120, p. 0-0, 2010. *versión On-line* ISSN 1519-7654.

PADUA, J.; B.; SCHLINDWEIN, M.; M.; GOMES, E.; P. Agricultura familiar e produção orgânica: uma análise comparativa considerando os dados dos censos de 1996 e 2006. **INTERAÇÕES**, Campo Grande, v. 14, n. 2, p. 225-235, jul./dez. 2013. <https://doi.org/10.1590/S1518-70122013000200009>

PENTEADO, R.; S. **Manual Prático de Olericultura**. Fundamentos e Técnicas. Campinas. SP. 3 ed. 2018, 236p.

PRIMAVESI, A. **A alimentação no século XXI**. In: **Congresso Brasileiro de Horticultura Orgânica, Natural, ecológica e Biodinâmica**, 1, Piracicaba, 2001. *Anais Botucatu*, Livraria e Editora Agroecológica, 2001. p. 7-12.

PRIMAVESI, A. **Revisão do conceito de agricultura orgânica: conservação do solo e seu efeito sobre a água (palestra)**. São Paulo: *Biológico*, v. 65, n.1/2, p. 69-73, jan/dez. 2003.

REGANOLD, J.; P.; WACHTER, J.; M. Organic agriculture in the twenty-first century. **Nature Plants**, v. 2, p. 15221, 2016. DOI: DOI: 10.1038/nplants.2015.221

SAATH, KI.; C.; de O.; FACHINELLO, A.; L. Crescimento da demanda mundial de Alimentos e restrições do fator terra no Brasil. **Rev. Econ. Sociol. Rural**. v. 56, n 2, Apr-Jun, 2018. <https://doi.org/10.1590/1234-56781806-94790560201>

SANTANA, G.; R.; DA SILVA ANDRADE, H.; M.; L.; ANDRADE, L.; P. Agroecologia e agricultura familiar sustentável: percursos e estratégias para transição. **Revista Brasileira de Planejamento e Desenvolvimento**, v. 12, n.1, 2023, p. 55-72. DOI: DOI: 10.3895/rbpd.v12n1.15189.

SCALCO, A.; R.; OLIVEIRA DE, S.; C.; COBRE, J. Characterization of the motivations and barriers for farmers of organic products in Brazil. **Revista Espacios**. vol. 36, n 15, 2015, p. 14. Disponível em: <https://www.revistaespacios.com/a15v36n15/15361515.html>. Acesso em: 12 jul. 2023.

SCARABELOT, M.; SCHNEIDER, S. As cadeias agroalimentares curtas e desenvolvimento local: Um estudo de caso do município de Nova Veneza, SC. In **Revista Faz Ciência** v.15, n. 20,2012, p. 101-130.

SCHNEIDER, S. A pluriatividade e as condições de vida dos agricultores familiares do Rio Grande do Sul. **A diversidade da agricultura familiar. 2. ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS**. p139-166, 2009. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/b7spy/pdf/schneider-9788538603894.pdf>. Acesso em 12 abr.2023.

SCHMITT, C.J.; GRISA, C. Agroecologia, mercados e políticas públicas: uma análise a partir dos instrumentos de ação governamental. In: NIEDERLE, P.; ALMEIDA, L.; VEZZANI, F.M.(Orgs.). **Agroecologia: práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura**. Curitiba: Kairós, 2013. p. 215-266.

SCHMITT, C. J. **Encurtando o caminho entre a produção e o consumo de alimentos**. Revista Agriculturas: Experiências em Agricultura, 8(3), 04-08, 2011. Disponível em: <https://aspta.org.br/article/encurtando-o-caminho-entre-a-producao-e-o-consumo-de-alimentos/>. Acesso em abril de 2024

SCHNEIDER, S.; FERRARI, D.; L. Cadeias curtas, cooperação e produtos de qualidade na agricultura familiar: o Processo de Relocalização da Produção Agroalimentar em Santa Catarina. **Organizações Rurais & Agroindustriais**. v. 17, n.1, 2015, p. 56-71. Disponível em: <https://www.revista.dae.ufla.br/index.php/ora/article/view/949>. Acesso em: 02 abr. 2023

SCOFANO, J.; E. **Avaliação da conformidade orgânica: cenário, entraves e perspectivas no Estado do Rio de Janeiro**. [137 f.]. Dissertação (Programa De Pós-Graduação em Agricultura Orgânica) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, [Seropédica-RJ]. 2014

SANTILLI, J. **Agrobiodiversidade e direitos dos agricultores**. Editora Peirópolis LTDA, 2009.

SCHULTZ, C.; AHLERT, A. O PRONAF como política pública de apoio à agricultura familiar: um estudo de caso DO MUNICÍPIO DE MARIPÁ – PR. **Ciências Sociais Aplicadas em Revista**, [S. l.], v. 16, n. 30, p. 77–94, 2016. Disponível em: <https://erevista.unioeste.br/index.php/csaemrevista/article/view/15611>. Acesso em: 30 mar. 2023.

SEDIYAMA, M.; A.; N.; DOS SANTOS, I.; C.; LIMA, P.; C. Cultivo de hortaliças no sistema orgânico. *Produção Vegetal*. **Rev. Ceres** 61 (suppl). Dez 2014. DOI :<https://doi.org/10.1590/0034-737x201461000008>

SOUZA, J.; L. de; RESENDE, P. **Manual de Horticultura Orgânica**. 3 ed. Viçosa MG, 2014, 841p.

SCHNEIDER, S.; GAZOLLA, M. (org.). **Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas: negócios e mercados da agricultura familiar**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017. p. 27-51.

SOUZA, A.; de M. **Repensando a cooperação internacional para o desenvolvimento**. Brasília. Ipea, il. 2014. 277 p.

TERRAZZAN, P.; VALARINI, P.; J. Situação o Mercado De Produtos Orgânicos e as formas de comercialização o Brasil. In: **Informações Econômicas**, SP, v.39, n.11, nov. 2009. IEA - Instituto de Economia Agrícola. <http://www.iea.sp.gov.br/out/LerTexto.php?codTexto=11783>. Acesso em: 12 set. 2023.

TRICHES, R.; M. Dietas saudáveis e sustentáveis no âmbito do sistema alimentar no século XXI. **ENSAIO**. Saúde debate 44 (126). Jul-Sep 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-1104202012622> .

TRIVIÑOS, A.; SILVA, N. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: 1987. ISBN 85-224-0273-6.

TROVATTO, C.; BIANCHINI, V., DE SOUZA, C.; MEDAETS, P.; J.; RUANO, P. **A construção da política nacional de agroecologia e produção orgânica: um olhar sobre a gestão do primeiro plano nacional de agroecologia e produção orgânica**. 2017. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/8806/1/A%20Constru%c3%a7%c3%a3o.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2023

VAN, D.; P.; JAN, D. Dez qualidades da agricultura familiar. **Agriculturas: experiências em agroecologia**, v. 2014, n. 1, p. 3-14, 2014.

VILELA, G. F.; CARVALHO, J. A.; ALVES, M.L, TOSTO, S. G; **Agricultura orgânica no Brasil: um estudo sobre o Cadastro Nacional de Produtores Orgânicos**. CAMPINAS, SP Embrapa Territorial. 2017. Disponível em:

<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/197399/1/5058.pdf>. Acesso em: **Jan. 2023**.

VINCHIRA-VILLARRAGA, D. M.; MORENO-SARMIENTO. Control biológico: Camino a la agricultura moderna. Revista Colombiana de Biotecnología, Bogotá, v. 21, n. 1, 2019, p. 2-5. DOI: <https://doi.org/10.15446/rev.colomb.biote.v21n1.80860>.

WEID, J. M. V. D. A trajetória das abordagens participativas para o desenvolvimento na prática das ONGs no Brasil. In: **BROSE, M. (Org.) Metodologias participativas: uma introdução a 29 instrumentos**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2001. p.104-112.

WILLER, H.; LERNOUD J. The World of Organic Agriculture Statistics and Emerging Trends 2019 Research Institute of Organic Agriculture FiBL IFOAM – Organics International. <https://orgprints.org/id/eprint/37018/1/willer-lernoud-2019-world-of-organic-low.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2023.

WILLER H, TRÁVNÍČEK J, MEIER C, SCHLATTER B. **The World of Organic Agriculture Statistics and Emerging Trends**. International Trade Centre (ITC), International Institute for Sustainable (IISD), Research Institute of Organic Agriculture (FiBL).2022. Disponível em: <https://agronfoodacademy.com/cenario-e-regulamentacao-da-producao-de-leite-organico-no-brasil-revisao/> Acesso em: Jun. 2024.

CAPÍTULO 2

ESTUDO DE CASO SOBRE A PRODUÇÃO ORGÂNICA E A COMERCIALIZAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS AGRICULTORES ORGÂNICOS E FAMILIARES DE TOLEDO (PROORTO)

RESUMO: A agricultura orgânica apresenta um constante crescimento no Brasil e no mundo devido à procura por alimentos saudáveis, mas o aumento na produção demanda uma melhor distribuição. Devido a isso, procura-se identificar, neste estudo, a importância e as potencialidades da agricultura orgânica, da produção à comercialização tomando como base as propriedades dos agricultores da Associação dos Agricultores Orgânicos e Familiares de Toledo (PROORTO). Trata-se de uma pesquisa qualitativa, desenvolvida a partir do estudo de caso na referida associação, cujos dados foram coletados *in loco*, entre o mês dezembro de 2021 até outubro de 2022 por meio de um questionário semiestruturado composto por 64 perguntas abertas e fechadas. Utilizou-se a ferramenta analítica de MAXQDA para as análises dos dados das entrevistas. Conclui-se que a agricultura orgânica da associação é de suma importância para as produções, distribuições de alimentos pelas quantidades e variedades de cultivos e constata-se um problema na comercialização e preços baixos dos orgânicos vendidos pelos agricultores.

Palavras-chave: Produção Orgânicas, Associação, Comercialização, agricultura familiar.

ABSTRACT: Organic agriculture presents an increasing growth in Brazil and in the world due to the demand for healthy food, but the increase in production requires better distribution. Due to this statement, we seek to identify the importance and potentialities of organic agriculture, from production to commercialization studying the properties of the Association of Organic and Family Farmers of Toledo (PROORTO). This is qualitative research developed whit a case study about the referred association and the data was obtained *in loco*, between the month of December 2021, until October 2022, with a semi-structural questionnaire composed of 64 open and closed questions. The analytical tool of MAXQDA was used for the analysis of the interview data. It is concluded that the organic agriculture of the association is of utmost importance for the productions, distribution of food by the quantities and varieties of crops, and a perceivable problem in the commercialization and low prices of organic products sold by the farmers.

Keywords: Organic Productions, Association, Commercialization, family farming.

INTRODUÇÃO

Em franca ascensão no Brasil e no mundo desde o fim do século passado, a agricultura orgânica, surgida por volta de 1920 com a perspectiva de cuidado com a natureza parte da ideia de valorização, proteção, e consumo consciente que se remete

a saúde humana e da natureza (Picolotto, 2014). Discutir a relação entre natureza e sociedade demonstra a importância de uma prática amigável entre os seres vivos e de que a agricultura garanta desenvolvimento, renda e distribuição de alimentos (Carneiro; Maluf, 2003; De Andrade Franco; Drummond, 2009).

Essa prática de agricultura surgiu no contexto brasileiro na década 1970, a partir da criação da Federação Internacional dos Movimentos de Agricultura Orgânica – IFOAM, na sequência com um esforço gigante para manter os preceitos dos orgânicos, publicaram-se as primeiras normas, em 1978, um dos avanços primordiais para a promoção dos produtos orgânicos que foi reconhecido e regulamentado em 1999 (Fonseca, 2009).

A agricultura orgânica está interconectada com a sustentabilidade, pois é um sistema que visa à produção de alimentos de forma amigável com a natureza, buscando um equilíbrio entre a humanidade, o meio ambiente e a sociedade e visando principalmente à saúde (De Assis; Romeiro, 2002; Fonseca, 2009). São essas características que permitem o crescimento da produção dos orgânicos no Brasil e no mundo, entretanto, há um desafio na comercialização, que continua sendo um ponto falho e que constitui a problemática deste trabalho.

Os produtos orgânicos, que têm por objetivo fornecer alimento de qualidade, demandam um plano de comercialização para melhor atender as necessidades socioeconômicas dos agricultores que os produzem, como uma política pública (Fonseca, 2009; Pessoa; Alchieri, 2014). Com essa intenção, as associações, de forma geral, têm demonstrado um importante papel para ajudar na distribuição e estabelecer preços, coordenar a divulgação, além de promover a formação e assistência técnica aos agricultores, estabelecendo uma rede de conexão (Batalha; Buainain; Souza Filho, 2005; Santos; Cândido, 2013).

Além das certificações, que não são abordadas neste trabalho, as associações desempenham um papel importante como facilitadoras para impulsionar as produções. Um exemplo notável é a Associação dos Agricultores Orgânicos e Familiares de Toledo (PROORTO), que não só compartilha informações e experiências, mas também atua como um ponto de apoio para os agricultores discutirem problemas e encontrarem soluções em conjunto (Darolt; Lamine; Brandenburg, 2013). Por isso, neste estudo, procura-se compreender a relevância e o potencial dessa associação para a agricultura orgânica, tanto em termos de produção quanto de comercialização.

A AGRICULTURA FAMILIAR

A agricultura familiar desempenha um papel vital na economia de países desenvolvidos e em desenvolvimento, especialmente no que diz respeito à segurança alimentar, ao combate à fome e à redução da pobreza (Schneider, 2016). Reconhecida como um importante instrumento de inclusão social e distribuição de renda, ela impulsiona o crescimento econômico e a transição socialmente mais equilibrada da economia rural para a urbana e industrial. Esses países têm valorizado a agricultura familiar e implementado políticas públicas que visam fortalecer e valorizar as produções locais e regionais (Guanzioli, 2001; Navarro, 2010).

Na conjuntura brasileira, a agricultura familiar foi ressignificada do ponto de vista econômico, social e político a partir do ano de 2006, em que o censo agropecuário caracterizou os estabelecimentos como agricultura familiar, com espaço mínimo e limitação de renda, e não familiar, em que a renda e o tamanho da propriedade é maior. Tal fato contribuíam para um novo capítulo em um contexto de progresso científico e econômico da agricultura brasileira (Schneider; Cassol, 2013).

Os agricultores familiares podem ser compreendidos como produtores rurais que detêm pequenos lotes ou propriedades de terra, com mão de obra familiar, visando ao autoconsumo e à comercialização em bairro, em comunidades próximas e em cidades. Assim, assume grande importância no que se refere à desigualdade e à alimentação saudável (Antunes, et al. 2017 e Assis 2006).

Esse modelo de agricultura representa um ambiente propício para a adoção de práticas agrícolas sustentáveis, abrangendo os aspectos econômicos, sociais e ambientais. A integração dos três pilares fundamentais - terra, trabalho e família - tem possibilitado o desenvolvimento regional de maneira mais sustentável (Friedrich; Feiden; Fulber, 2022) e, nesse contexto, destaca-se o papel de associações como a PROORTO.

A ASSOCIAÇÃO DOS AGRICULTORES ORGÂNICOS E FAMILIARES DE TOLEDO (PROORTO)

Essa associação surgiu em 2006, a partir da ideia de melhorar a rede de atuação dos agricultores orgânicos. O grupo nasceu durante um curso básico de Agroecologia apoiado e ministrado pelo Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), realizado no ano de 2005, o qual, em 2019, a partir da Lei 20.121/19, foi renomeado como Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná (IDR-Paraná). Naquele contexto, a Prefeitura do Município de Toledo e a Itaipu Binacional também foram fundamentais para o início da história da associação, que inclui a participação de 40 pessoas no geral (Constituição PROORTO, 2006).

O professor que ministrou esse curso era de Palmas/TO e participava de uma cooperativa. Ele compartilhou suas experiências de produção orgânica em sua propriedade, gerando interesse e visão de oportunidade para os participantes do curso. Porém, a ideia de formar uma associação foi do próprio grupo de produtores orgânicos de Toledo-PR (WENNINGKAMP, 2019, p. 185).

Inicialmente, havia a necessidade de trazer luz para que esse grupo concretizasse a formação de agricultores orgânicos e formalizasse uma associação capaz de ajudar na missão de produzir alimentos saudáveis.

Sendo assim, desde 1984, a preocupação com a alimentação orgânica já fazia parte do seu dia a dia e que, assim como ele, alguns outros produtores comentavam sobre o interesse de constituir uma cooperativa para comercializar produtos orgânicos e ter acesso a recursos. Logo, quando surgiu a ideia de formar a PROORTO, como o nome sugere (por ter dois "os"), era para transformar em cooperativa. Porém, como poucos decidiram de fato participar da formalização de um grupo de produtores orgânicos, a possibilidade foi constituir uma associação (WENNINGKAMP, 2019, p. 184).

Assim, no dia 17 de fevereiro de 2006, 16 produtores da agricultura orgânica e familiar do Município de Toledo se reuniram nas dependências do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Toledo visando formar uma equipe para discutir e eleger uma diretoria provisória, formalizando a Associação dos Agricultores Orgânicos e Familiares de Toledo (PROORTO) (Constituição PROORTO 2006 *apud* Wenningkamp, 2019). Desses 16, três permanecem no quadro de associados.

A Associação é regida por estatuto datado de 2011, cuja administração é composta por: Assembleia Geral, Diretoria Executiva (Presidente, Secretário e Tesoureiro), Conselho Fiscal e Conselho de Ética. No que tange à formalização de associados da PROORTO há três categorias, conforme consta do quadro a seguir:

Quadro 1. As classificações e as categorias de sócios da Associação PROORTO.

a) sócios agricultores: aqueles que estão diretamente envolvidos com a produção agrossilvipastoril (proprietário, posseiro, meeiro ou arrendatário);
b) sócias, empresas e entidades: aquelas dedicadas à produção agrossilvipastoril, que possuem alguém capacitado para desenvolver os métodos orgânicos;
c) sócios especiais: aqueles não envolvidos diretamente com a produção, mas ligados às atividades agroecológicas e que apoiem a Associação.

Fonte: Estatuto da PROORTO, 2011, s/p.

A formação de membros como sócios exerce uma influência direta na saúde financeira da associação, uma vez que as anuidades pagas por eles contribuem para o aumento dos recursos disponíveis. Esses recursos adicionais possibilitam o crescimento dos resultados da associação tanto em termos de produção quanto na busca por parcerias com diversas entidades, essenciais para a manutenção da estrutura organizacional. Nesse contexto, é importante ressaltar que as atividades relacionadas à produção orgânica estão intrinsecamente ligadas à agroecologia como uma abordagem holística para a produção agrícola sustentável (Wenningkamp, 2019).

Posto isto, apresenta-se os objetivos da associação, conforme o Estatuto da PROORTO (Wenningkamp, 2019, p. 187):

- a) Congregar e capacitar pessoas que participam diretamente da produção orgânica de alimentos ou apoiam.
- b) Promover o desenvolvimento da agricultura orgânica na região de Toledo.
- c) Divulgar o desenvolvimento da agricultura orgânica em pequenas propriedades por meio dos mais diversos canais de difusão para ampliar os conhecimentos na área, informando ao público sobre agricultura orgânica, ecologia, sustentabilidade, questões socioeconômicas e conservação do meio ambiente.
- d) participar de eventos (inter) nacionais e redes que apoiam e sustentam o desenvolvimento da agricultura orgânica.
- e) Promover o desenvolvimento de canais de comercialização mais saudável que aproximem cada vez mais consumidores para a realidade do agricultor familiar.
- f) Promover o desenvolvimento da agricultura orgânica por meio da elaboração e participação de parcerias em cursos em todo o território nacional, assim como a criação de conferências relacionada a este tema.

Mesmo não sendo necessário se debruçar sobre cada objetivo da associação, é necessário buscar um maior entendimento sobre os motivos de sua existência. Assim, destacam-se os objetivos C e E, que fazem parte das discussões deste estudo: o objetivo C trata das questões socioeconômicas para incentivar o desenvolvimento local e comunitário e o E remonta à importância da comercialização para fazer chegar os produtos aos consumidores.

Todos os objetivos ajudam a manter a organização do ponto de vista funcional por meio do estatuto, da constituição, além da organização das atas de reunião que compõe os valores da associação, em que se discutem as atividades realizadas pelos associados (imagem 1).

Figura 1. Imagem dos 12 membros da associação em reunião. Toledo, Pr.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2022).

Em reuniões como a representada pela imagem acima, discute-se os cronogramas de trabalho da associação e a programação das atividades, como a participação em feiras, as vendas e distribuições de produtos. Além disto, trata-se de uma forma de discutir os avanços e os desafios que enfrentam como agricultores, do ponto de vista produtivo, econômico e mesmo ambiental. Também “é o momento de nos reunirmos em família, já que a associação é como se fosse uma família” como menciona um associado e outro cometa que “é aquele momento que também comemoramos juntos o aniversariante do mês e o presente que oferecemos é algo que é produzido pelos associados, isso é muito gratificante”.

Nessas reuniões, discutem-se os valores, os objetivos, os princípios da existência da associação para não se tornar obsoleto, já que o funcionamento da associação depende das produções dos associados e a manutenção financeira de

forma anual entre os 12 membros e outrem. Sendo assim, na sequência apresenta-se a metodologia da pesquisa.

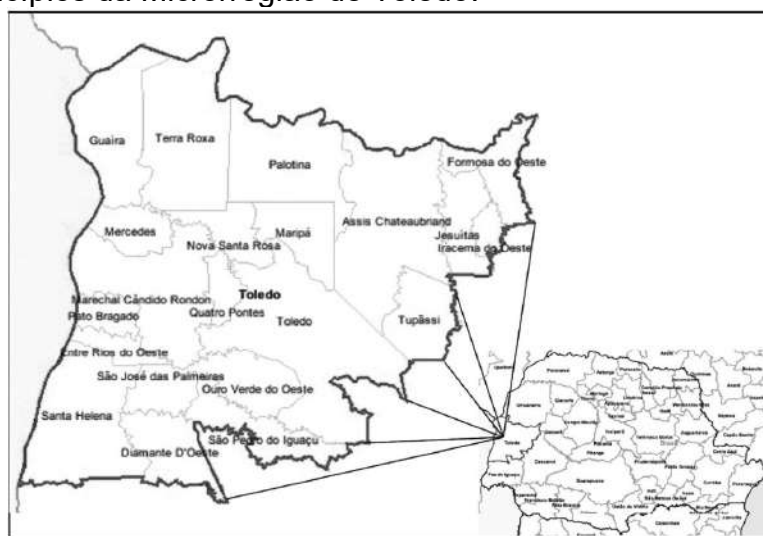
METODOLOGIA

Nesta seção, apresenta-se a caracterização das áreas estudadas e os instrumentos metodológicos utilizados na pesquisa para ambientar o leitor sobre as condições em que o estudo foi realizado e como ocorreu a análise dos dados.

TOLEDO – PR: CARACTERIZAÇÃO E A ABRANGÊNCIA DA REGIÃO PESQUISADA

O estudo foi desenvolvido no município de Toledo, localizado na região Oeste do estado do Paraná, Brasil, conforme se verifica na Figura 3.

Figura 3. Municípios da Microrregião de Toledo.



Fonte: Adaptações a partir de dados da IPARDES (2021).

Na região oeste do Paraná há em 50 municípios e está dividida em três microrregiões: a de Foz do Iguaçu, com 11 municípios; a de Cascavel, com 18 municípios e a de Toledo, com 21 municípios. A região está situada no terceiro planalto paranaense e se limita ao sul, pelo Rio Iguaçu, na região sudoeste; ao norte, pelo Rio Piquiri, na região noroeste; a leste, pelo Rio Guarani, na Região de Pitanga e Campo Mourão e a oeste, pelo Rio Paraná, estabelecendo fronteira com as repúblicas do Paraguai e Argentina (Instituto Paranaense de Desenvolvimento

Econômico e Social - IPARDES, 2021; 2022). Abrange uma área de 2.290.859 hectares, que corresponde a 11,5% do território estadual e Cascavel, Foz do Iguaçu e Toledo são as cidades mais populosas (IPARDES, 2021).

A Figura 3 apresenta a localização da região em que se encontra a Associação dos Agricultores Orgânicos e Familiares de Toledo (PROORTO) e este estudo busca apresentar as condições de vida dos agricultores orgânicos de Toledo, um município porte médio, com Latitude: 24° 43' 12" Sul, Longitude: 53° 44' 36" Oeste, com 144.601 habitantes e uma área territorial de 1.198,049 km² (IBGE, 2021).

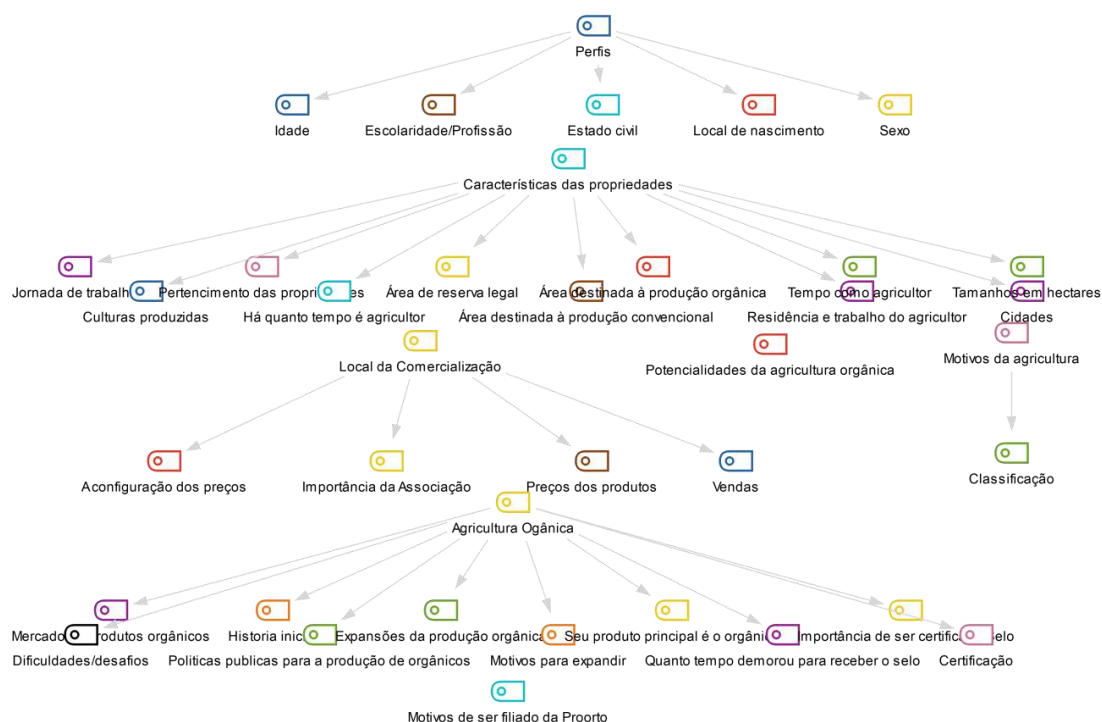
ABORDAGEM METODOLÓGICA E INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Esta pesquisa foi realizada com os produtores orgânicos e agroecológicos associados à Associação dos Agricultores Orgânicos e Familiares de Toledo (PROORTO) e o objetivo primordial foi identificar a importância e as potencialidades da agricultura orgânica, tanto em termos de produção quanto de comercialização, nas propriedades dos agricultores vinculados à referida associação.

A coleta de dados foi realizada *in loco*, com 10 associados, entre os meses de dezembro de 2021 a outubro de 2022, após a concordância dos participantes. O roteiro das entrevistas foi realizado por meio de um questionário semiestruturado contendo 64 perguntas abertas e fechadas (apêndice) e as entrevistas foram gravadas em formato de áudio e, posteriormente, transcritas para permitir uma análise detalhada.

Para preservar a autenticidade das falas dos agricultores orgânicos e atender aos critérios de rigor científico, foi necessário transcrever o conteúdo para formulários, levando em consideração a linguagem não padronizada do português. A análise dos dados das entrevistas foi realizada utilizando o software MAXQDA, uma ferramenta analítica versátil para abordagens qualitativas, quantitativas e mistas. Este software facilitou a organização e categorização dos dados, denominados neste estudo como códigos e subcódigos. A seguir, serão apresentados os principais códigos e subcódigos para análise, os quais não necessariamente serão abordados integralmente nas discussões subsequentes (figura 4).

Figura 4. Codificação criativa dos códigos e subcódigos de discussão.



Fonte: Elaborado pela autora a partir de software Maxqda (2022).

Observa-se que há um total de 39 códigos e subcódigos, em um total de 39, dentre os quais alguns são discutidos neste trabalho. As entrevistas foram identificadas de 01 a 10 com intuito de facilitar a compreensão dos leitores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para orientar os leitores nas discussões, faz-se necessário apresentar os 3 tópicos advindos das entrevistas dos agricultores, quais sejam, os perfis dos agricultores, a caracterização das propriedades e a comercialização da produção orgânica.

PERFIL DOS AGRICULTORES E CARACTERIZAÇÃO DAS PROPRIEDADES

O levantamento de dados dos 10 agricultores orgânicos é fundamental para entender a estruturação da agricultura orgânica em Toledo e o quadro 2 apresenta os perfis socioeducacionais e profissional dos produtores.

Quadro 2. Perfil dos agricultores orgânicos.

Entrevistas	Sexo	Idade	Estado civil	Local de nascimento	Escolaridade/ Profissão
Entrevista 1	M	62	Casado	Rio Grande do Sul	Eng. Químico
Entrevista 2	F	62	Casada	Montenegro, Rio Grande do Sul	Professora aposentada
Entrevista 3	F	42	Casada	Toledo	Técnica em Química e Administradora
Entrevista 4	F	62	Casada	Santa Catarina	Ensino médio completo
Entrevista 5	M	64	Não sabe	Rio Grande do Sul	Ensino fundamental
Entrevista 6	F	30	Casada	Palotina-PR	Superior Completo
Entrevista 7	F	62	Casada	Paraná	Professora aposentada
Entrevista 8	F	62	Casada	Paraná	Produtora rural
Entrevista 9	F	56	Casada	Rio Grande do Sul	Ensino fundamental
Entrevista 10	F	65	Casado	Paraná	Ensino Fundamental

Fonte: Dados da pesquisa de campos (2022).

Observa-se que a maioria dos agricultores são do sexo feminino, sendo dois homens e oito mulheres, com idades variando de 30 a 65 anos. Todas as oito mulheres são casadas e entre os homens, um é casado e um respondeu apenas com “não sabe”. Quanto ao local de nascimento, 4 agricultores nasceram no Rio Grande do Sul, 5 no estado do Paraná em cidades como Toledo e Palotina e por último um agricultor de sexo feminino nasceu em Santa Catarina.

Quanto à escolaridade, o menor grau é o Ensino Fundamental, há 4 entrevistados que possuem Ensino Superior e 1 com ensino técnico. No que se refere à profissão, 4 entrevistados possuem outras profissões, como engenheiro/técnico em química, administradora e professora além de serem agricultores orgânicos.

Seguindo a mesma linha de pensamentos sobre a apresentação dos perfis dos agricultores, observa-se que a média de idades dos agricultores é de 56 anos. Entende-se a importância desta informação a partir da ideia do processo da imigração dos jovens para os meios urbanos. Percebe-se que 7 agricultores possuem a idade superior a 60 anos e os demais possuem idades entre 30 e 56 anos.

Pode-se verificar que as experiências a partir dos anos de vida podem ajudar a compreender as culturas, a forma de produção, além da ideia que remete ao significado das produções da agricultura, por exemplo, a orgânica. Acerca disso, Cholett (2012), reflete que a idade nem sempre significa as experiências vividas, mas, é possível trazer contribuições valiosas, que tem a ver com o tempo que todos os

entrevistados praticam a agricultura. Este ponto passa a ser abordado no quadro 05 do próximo tópico.

CARACTERIZAÇÕES DAS PROPRIEDADES DOS AGRICULTORES

Os dados das características das propriedades dos agricultores da PROORTO estão devidos em duas partes, quadros 3 e 4. No quadro 3, são abordados dados relativos à residência, pertencimento das propriedades, jornada de trabalho e Cidade.

Constata-se que 5 agricultores da PROORTO moram e trabalham na propriedade rural e 3 moram na cidade e trabalham na propriedade rural, sendo que apenas uma mora e trabalha na cidade, pois a sua horta é na cidade e uma pessoa não respondeu. Olhando para esta realidade, a maioria dos entrevistados precisa se deslocar para ir até os consumidores, o que impacta diretamente nas vendas e comercialização, como será discutido no último tópico.

Quadro 3. Parte I das características das propriedades dos dez agricultores orgânicos da (PROORTO).

Entrevistas	Residência e trabalho do agricultor	Pertencimento das propriedades	Jornada de trabalho	Cidades
Entrevista 1	Mora na cidade e trabalha na propriedade rural	Própria	Cerca de 20	Toledo -Pr
Entrevista 2	Mora na cidade e trabalha na propriedade rural	Própria	Mais de 16	Toledo -Pr
Entrevista 3	Mora e trabalha na propriedade rural	Própria	Mais de 16	Toledo -Pr
Entrevista 4	Mora na cidade e sua horta é na cidade	Própria	Mais de 16	Toledo -Pr
Entrevista 5	Mora e trabalha na propriedade rural	Própria	De 12 a 16	Toledo -Pr
Entrevista 6	Mora e trabalha na propriedade rural	Arrendada	De 12 a 16	Toledo -Pr
Entrevista 7	Mora e trabalha na propriedade rural	Própria	Mais de 16	Toledo -Pr

Entrevista 8	Mora e trabalha na propriedade rural	Própria	De 8 a 12	Toledo -Pr
Entrevista 9	Mora na cidade e trabalha na propriedade rural	Própria	De 12 a 16	Toledo -Pr
Entrevista10	&	Própria	Mais de 16	Toledo -Pr

Fonte: Dados da pesquisa de campo (2022).

Legenda: &, quadrantes em brancos, não foram respondidos.

Observa-se que 9 dos 10 agricultores entrevistados possuem propriedades próprias e apenas 1 é arrendada, revelando que os agricultores não são dependentes das terras de terceiros para produzir e compartilhar os lucros da produção, ou seja, os prejuízos que poderiam obter ao longo dos anos são especificamente seus. Assim, enquadram-se plenamente na agricultura familiar, realizada em terra arrendada, própria e de herança familiar, em que a produção é feita por familiar, responsável por boa parte das produções de alimentos numa perspectiva local, regional e internacional (Carneiro; Maluf, 2003; Wanderley, 2014).

A produção orgânica desempenha um papel significativo no estímulo ao desenvolvimento local e na melhoria da renda das comunidades rurais. Como muitos agricultores possuem suas próprias terras, a agricultura orgânica se torna uma fonte contínua de renda para a localidade ou cidade onde está situada, impactando positivamente na economia. Além disso, a presença de agricultores orgânicos pode gerar empregos adicionais na comunidade, impulsionando ainda mais a economia local e promovendo um ciclo de crescimento sustentável.

A carga horária dos agricultores é essencial para suas produções e afeta positiva ou negativamente a distribuição de alimentos orgânicos e saudáveis. Nesse quesito, 8 agricultores trabalham 16 horas diariamente, enquanto uma das pessoas entrevistada trabalha 20 horas e outra por 12 horas por dia. Em média, as 16 horas por dia representa mais que a metade das horas trabalhadas em um emprego formal, o que revela que as pessoas entrevistadas, dedicam uma boa parte da sua vida para contribuir com os alimentos saudáveis que chegam às mesas dos consumidores na cidade de Toledo-PR.

Além disso, pesquisas realizadas por Darnhofer, Schneeberger e Freyer (2005) mencionam uma preocupação com o tempo gasto na produção de orgânicos, que é

mais trabalhosa do que a convencional, pois os tratos culturais são diferentes. Na produção orgânica, herbicidas não podem ser utilizados como forma de controle de plantas daninhas, necessitando de capina manual, o que representa aumento de trabalho. Da mesma forma, as altas exigências legislativas ocasionam um retorno financeiro menor em comparação aos métodos convencionais de produção.

No quadro 4, apresenta-se os dados relativos ao tempo em que é agricultor, tamanho da propriedade em hectares, área destinada à produção orgânica, área destinada à produção convencional e área de reserva legal.

Quadro 4. Parte II características das propriedades dos agricultores da (PROORTO).

Entrevistas	Há quanto tempo é agricultor	Tamanho da área em hectares (ha)	Área destinada à produção orgânica	Área destinada à produção convencional	Área de reserva legal
Entrevista 1	8 anos	4,7	3 hectare	0,7	Não lembra
Entrevista 2	16 anos	6,05	100%	Em processo de conversão	1,10 hectares
Entrevista 3	16 anos	4,4	Toda ela	0	Não lembra
Entrevista 4	Sempre fui	1	1 hectare	0	Não tem
Entrevista 5	Sempre fui	5,4	5,4 hectares	0,7	1,1 hectares
Entrevista 6	Sempre fui	2	2 ha	Não tem	0,15 hectares
Entrevista 7	Sempre fui	1,3	3 hectares	0	Não lembra
Entrevista 8	Sempre fui	5,3	5,3	0	0,5 hectares
Entrevista 9	&	7,2	7,2 hectares	0	0,8 hectares
Entrevista 10	&	5,2	5,2	1,0	&

Fonte: Dados da pesquisa de campos (2022).

Legenda: &, quadrantes em brancos, não respondidos.

Do total, 5 dos agricultores sempre foram da área da agricultura durante toda a vida, 2 trabalham com agricultura há 16 anos, 1 está no ramo a 8 anos e 2 não responderam.

Na segunda coluna do quadro, pode ser visto o tamanho das propriedades em hectares. Entre os 10 entrevistados foram totalizados 42,55 hectares. As propriedades

no geral ficaram com a média de 4,25 ha, mas, ao prestar atenção no quadro, se pode observar que existem agricultores com apenas 1 a 2 ha, enquanto, por outro lado, agricultores com 5 a 7,2 ha, permitindo analisar a situação dos entrevistados de ponto de vista da desigualdade no meio rural e da agricultora. Trata-se também da questão do tamanho dos módulos fiscais brasileiros que ficam entre 5 e 110 hectares (Landau et al., 2012; Brancalion et al., 2016).

Dentro das propriedades estão incluídos (I) Área destinada à produção orgânica; (II) Área destinada à produção convencional e (III) Área de reserva legal. Estas áreas ainda diminuem as áreas disponíveis para a produção. Observa-se que praticamente todas as áreas estão sendo utilizadas para a produção orgânica, o que implica diretamente nos resultados da produção convencional, porque apenas 3 agricultores possuem entre 0,7 e 1 ha para produzir de forma convencional. Nesta mesma linha de pensamento, sobre a área de reserva legal, apenas 4 propriedades têm essa reserva desconhecida, cujas respostas foram “não lembra/ não tem” e 1 pessoa possui apenas 1 hectare. Finalmente, entre as propriedades com reservas legais, 6 propriedades possuem a reserva legal e a média ficou entre 0,50 a 1,10 ha.

Nota-se que a metade dos agricultores não se caracteriza no módulo fiscal por terem um número de hectares inferior a 5, já que é necessário que a propriedade tenha de 5 a 110 hectares no módulo fiscal. Isso impacta diretamente sobre a viabilidade econômica por produzir numa propriedade menor que 5 hectares. Entende-se que existem várias formas para avançar a discussão a respeito dos resultados do quadro 5, porém um dos fatores é a comercialização como indicador econômico para faturamento dos agricultores no sentido de produzir para ganhos pessoais e extras.

Do ponto de vista da desigualdade, conforme Brancalion et al. (2016), cabe também uma reflexão sobre o crescimento e aumento dos agricultores orgânicos, ao parecer discreto no oeste do Paraná (Junior et al., 2021). Desta forma, é importante visualizar as culturas para comercialização dos produtores para melhor entender a importância da agricultura orgânica e o papel dela na sociedade de modo a impulsionar a descentralização e distribuição dos alimentos.

A IMPORTÂNCIA DA COMERCIALIZAÇÃO NA PRODUÇÃO ORGÂNICA

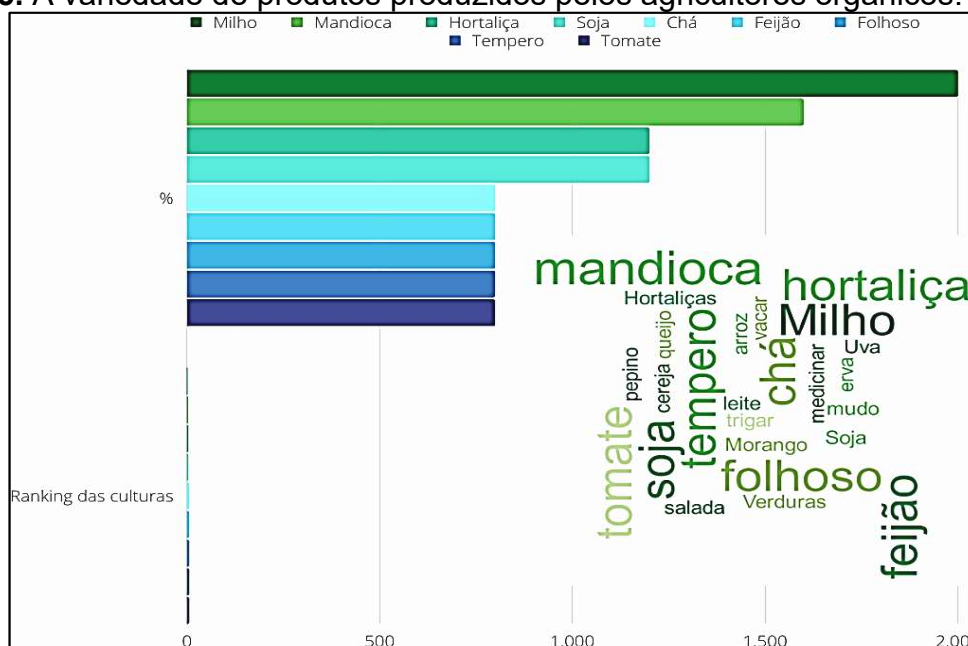
A comercialização pode ser considerada um dos principais fatores para a sobrevivência dos agricultores, mesmo se considerar a produção de forma mais

ampla, como as grandes cooperações, cooperativas entre outras. Já na perspectiva da agricultura familiar se faz necessário pensar a comercialização numa perspectiva de rede entre os agricultores, parcerias com outras entidades e muito mais. Contudo, conforme Thornton (2003), há dois fatores ou características que influenciam na comercialização: a idade e a rotina de trabalho, que podem servir como barreira para não impulsionar as vendas dos produtos orgânicos e familiar. Ao retomar os dados dos gráficos 1 e 2, sobre as idades e horas trabalhadas dos agricultores, percebe-se uma diferença mínima nos dois fatores.

A internet se configura como ferramenta importante para a comercialização e para a divulgação dos produtos produzidos e como um canal de venda para chegar até os consumidores, dada a facilidade que as tecnologias oferecem, mas isso exige inovação por parte dos pequenos agricultores orgânicos (Assis, 2006). Para muitos, isso representa uma barreira e as feiras dos pequenos agricultores tende a ajudar na tarefa de vender, contribuindo com os municípios que se inserem numa perspectiva socioeconômica. Neste caso, as divulgações passam de boca a boca, por rádios comunitários e por panfletagens (Thornton, 2003; Nagel, 2012).

Os produtos vendidos nas feiras podem ser diversos e diversificados no sentido de dar opções para os consumidores, com as vendas diretas dos produtos (Schneider, 2016). A figura 5 apresenta os produtos orgânicos produzidos e comercializados pelos entrevistados.

Figura 5. A variedade de produtos produzidos pelos agricultores orgânicos.



Fonte: Dados de pesquisa de campos, (2022).

Observa-se que os produtos mais cultivados pelos agricultores são grãos como o milho, a soja e o feijão; tubérculos como a mandioca; as hortaliças folhosas; os condimentos e os chás e; hortaliça fruto como o tomate. Dentre os produtos com maior representatividade, destacam-se o milho, a mandioca, e as hortaliças, pois a maioria dos entrevistados produz esses alimentos, com intuito de contribuir para a evolução da própria agricultura familiar orgânica e pelo fato de ser o que o ambiente permite produzir, ou ainda porque é o alimento que o consumidor mais solicita.

Assim, considera-se a importância dos agricultores na conjuntura de desenvolvimento local, rural e das comunidades, bem como do caráter social que impactam diretamente a sociedade (Batalha; Buainain; Souza Filho, 2005; Schabarum; Triches, 2019). Em vista disto, a figura 6 apresenta imagens dos produtos orgânicos produzidos pelos produtores entrevistados.

Destaca-se que a sociedade depende dos produtos produzidos pelos agricultores da agricultura familiar pela sua representação na cadeia alimentar. Isto é, as feiras e os mercados que recebem esses produtos contribuem automaticamente com o desenvolvimento local, visando a economia de quem produz. Por outro lado, os consumidores recebem produtos de qualidade como são vistos na figura 6.

Figura 6. Imagens dos produtos da agricultora orgânica da PROORTO - 1.



Fonte: Dados de campo do arquivo de fotos pessoais (2022).

Deve-se considerar o fato de que 70% do total de alimentos produzidos no Brasil é advindo da agricultura familiar, que tem grande relevância na contribuição societária para a sobrevivência humana, (Hoffmann, 2014; Schneider, 2016). De forma geral, a agricultura familiar e orgânica permite maior segurança na alimentação a partir de cultivos como repolho, uma variedade de alfaces, frutíferas como uva, maçã, acerola, jabuticaba, framboesa, pitaya entre outros cultivos (figura 7).

Figura 7. Imagens dos produtos da agricultora orgânica da PROORTO.



Fonte: Dados de campo dos arquivos de fotos pessoais (2022).

Os 10 produtores orgânicos entrevistados demonstram uma variedade de produtos frutíferos como amora, limão, bananas, tomate, abóbora e couve-flor e a quantidade demonstra o volume de produção, mesmo quando se desconhecem as quantidades cultivadas. No âmbito da comercialização, os preços não são revelados e raramente se conhece o valor exato das vendas, como citam os autores de uma pesquisa realizada na feira de Marechal Cândido Rondon (Exime et. al., 2021).

As pesquisas de Zucatto (2015) e Dias et al. (2013) demonstram que, para a elaboração do preço, é levado em conta o custo de produção, considerando-se os insumos e a mão de obra que o agricultor aloca à cultura. Nesta pesquisa, os pesquisadores indagaram os preços com o presidente da feira, que afirmou o mesmo já observado em pesquisa semelhante, pois “em relação ao preço dos produtos comercializados, os produtores não têm um consenso, cada um faz seu preço” (EXIME et. al., 2021, p. 10).

O consumo dos produtos orgânicos tem aumentado no Brasil tanto por recomendações médicas quanto pela escolha dos consumidores por uma alimentação saudável (Friedrich; Feiden; Fulber, 2022; Lombardi; Mouri; Satiko Sato, 2022). Para contribuir na discussão a partir da configuração dos preços, destacam-se algumas falas dos entrevistados (1, 2, 4, 8, 9 e 10), no quadro 5, a seguir.

Quadro 5. Frases contributivas sobre os preços dos produtos orgânicos da PROORTO.

Entrevistas	Códigos	Segmentos e contribuições
Entrevista 1	Local da Comercialização > A configuração dos preços	A gente observa os preços nos mercados, e colocamos cerca de 2,00 a mais.
Entrevista 2	Local da Comercialização > A configuração dos preços	Conforme o mercado eu faço a 1,00 ou 2,00 a mais.
Entrevista 4	Local da Comercialização > A configuração dos preços	Eu vejo muito os preços dos mercados e faço os meus, nunca muito além deste porque senão eu não vendo.
Entrevista 8	Local da Comercialização > A configuração dos preços	A gente observa se conversa entre os produtores e coloca preço.
Entrevista 9	Local da Comercialização > A configuração dos preços	A gente observa os preços em supermercados
Entrevista 10	Local da Comercialização > A configuração dos preços	A gente observa os preços nos mercados, e colocamos cerca de 2,00 a mais.

Fonte: Dados de pesquisa de campo (2022).

Observa-se que os entrevistados procuram saber os preços médios nos mercados locais com intuito de estipular os valores dos produtos vendidos. Nas falas, fica claro que não há um planejamento para comercialização, o que pode ser considerado como a primeira barreira para o desenvolvimento e distribuição dos orgânicos entre os 10 agricultores orgânicos da PROORTO.

Os estudos realizados por Hoffmann (2014), apontam que os agricultores familiares utilizam o preço de mercado como base para formular seu preço de venda, o que leva a compreender que os produtores de alimentos orgânicos entrevistados não analisam o custo de produção para formar o preço de venda, pois levam em conta o preço de mercado e normalmente aquele combinado pelo grupo.

Este fato merece destaque, visto que muitos autores apontam o preço dos produtos orgânicos como principal fator que impede a aquisição e a disponibilidades dos produtos orgânicos (Krischke E Tomiello, 2009; Ferreira; Coelho, 2017). Essa falta de conhecimento sobre os preços e vendas pode ser atribuída a diversos fatores, conforme discutido por Santos e Cândido (2013), que inclui a falta de acesso a canais de comercialização adequados, estruturados ou eficientes, o que dificulta a obtenção de informações sobre os preços de mercado e as oportunidades de venda. Os autores explicam que limitações no acesso à comunicação e a tecnologias de informação dificulta o acompanhamento dos preços de mercado e as tendências de demanda.

Barreiras culturais ou sociais também são fatores elencados por Schabarum e Triches (2019), em algumas comunidades rurais, pode haver barreiras culturais ou

sociais que dificultam a busca ativa de informações sobre preços e vendas, seja por falta de confiança nas instituições, por normas culturais que desencorajam a iniciativa individual, ou por outros fatores.

Dada a necessidade dos consumidores e a diversidade da produção de cultivo, o fator preço não deveria ser uma dificuldade, mas os agricultores que vendem seus produtos no preço de 1 a 2 reais precisam introduzir um preço padrão. A seriedade desta questão reside na qualidade de vida dos agricultores, pois aponta para uma insuficiência de preços (Santana et al, 2020). Esta situação faz parte dos impactos que a produção local terá sobre os mercados da comunidade no sentido geral e na vida dos agricultores, numa perspectiva socioeconômica de modo a incentivar o crescimento da produção (Oliveira, Grisa, & Nierdele, 2020), conforme relatos abaixo de agricultores entrevistados (quadro 6)

Quadro 6. Frases representativas dos entrevistados sobre agricultura orgânica.

Entrevistas	Códigos	Segmentos a partir da agricultura orgânica
Entrevista 1	Agricultura Orgânica	“eu vejo como uma volta ao passado, em que lá não se usava produtos químicos que agrediam ao meio ambiente e ao homem, as frutas e os grãos cresciam saudáveis e com sabor de frutas, vejo ainda como uma forma de se produzir alimento sadio de verdade”.
Entrevista 2	Agricultura Orgânica	“Eu considero uma forma de agricultura equilibrada que nutre e traz felicidade”
Entrevista 3	Agricultura Orgânica	“Eu vejo como uma produção livre de venenos vê como uma agricultura com qualidade de vida não quantidades, produzir orgânicos é produzir saúde”.
Entrevista 4	Agricultura Orgânica	“Produção de qualidade livre de contaminantes.”
Entrevista 5	Agricultura Orgânica	“Trabalho limpo, saúde, alimentos completos com nutrientes, sabor é perceptível os alimentos orgânicos quando comparados ao convencional”.
Entrevista 7	Agricultura Orgânica	“Eu penso que agricultura orgânica, é sinônimo de vida saudável, livre de agrotóxicos”.
Entrevista 8	Agricultura Orgânica	“é produção de forma certa, sem agrotóxicos que, aliás, só fazem mal à saúde, só quem vive na colônia sabe disso”
Entrevista 9	Agricultura Orgânica	“Eu penso ser viver em harmonia com a natureza, ter qualidade de vida”

Fonte: Dados de pesquisa de campo (2022).

Nota-se nessas falas a importância da agricultura orgânica e o significado do consumo de produtos orgânicos como “sinônimo de vida saudável”, além do aspecto da consciência, isto é, produzir alimentos sem agrotóxico. Alguns autores associam esta situação à aplicação da modernização na agricultura, principalmente na década de 1960 a 1970, a chamada Revolução Verde (Pessoa; Rigotto, 2012; Cunha, 2008, Lopes, 2017).

Um dos agricultores relatou “eu vejo como uma volta ao passado, em que lá não se usava produtos químicos que agrediam o meio ambiente e o homem, as frutas e os grãos cresciam saudáveis e com sabor de frutas”. Isso está interconectado às tradições de um passado que permite viver o presente a partir das culturas, da relação das pessoas com a natureza. Como refere Carneiro e Maluf (2003), pode ser visto como uma tradição familiar que dá sentido a um determinado grupo social, ou até mesmo uma tradição a partir da culinária (Karam, 2004).

No contexto da agricultura orgânica, que desempenha um papel significativo na promoção de estilos de vida mais saudáveis, surgem questões e desafios que precisam ser abordados para melhorar as condições econômicas e sociais dos agricultores e é fundamental elaborar estratégias de venda ou planos para a comercialização dos produtos por iniciativa da associação ou por meio de políticas públicas, como um ponto de partida essencial para enfrentar esses desafios

Os produtores produzem grande variedade de cultivos, como grãos, mandioca e outros, porém não possuem uma coordenação de comercialização e venda, o que também pode impactar a vida dos consumidores, devido aos custos de distribuição dos produtos para a comercialização. Assim, o preço dos alimentos deve levar em consideração a valorização do trabalho no campo, muitas vezes por mais que 16 horas diárias, como relatam os próprios agricultores entrevistados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi identificar a importância e as potencialidades da agricultura orgânica, particularmente a produção e a comercialização, nas propriedades dos agricultores da Associação dos Agricultores Orgânicos e Familiares de Toledo (PROORTO). Buscou-se trazer alguns pontos importantes sobre agricultura orgânica e sua importância para ajudar a impulsionar a qualidade de vida dos consumidores e produtores.

Observou-se que a agricultura orgânica tem contribuído bastante no quesito da produção de uma alimentação saudável e na organização para fazer os alimentos chegarem até os consumidores, seja por feira ou vendas diretas pelas quantidades e variedades de cultivos produzidos, mas não existe um plano estratégico para a comercialização dos produtos e para melhorar a qualidade de vida dos agricultores, fato que merece atenção.

Os agricultores trabalham até 16 horas diárias e sua renda a partir dos preços mencionados não é suficiente para uma boa qualidade de vida. Também foi possível notar que há uma recusa em conversar a respeito dos preços praticados, por dúvidas e por falta de conhecimento sobre os valores das vendas.

Os produtos orgânicos produzidos pelos agricultores associados da PROORTO são significantes e importantes para suprir o consumo de alimentos saudáveis, mesmo com as dificuldades de comercialização e de preço. Os resultados aqui apresentados se reportam ao universo da associação e dos 10 agricultores entrevistados neste estudo de caso. Como trabalho futuro, indicam-se discussões sobre políticas públicas que impactam os preços dos orgânicos, aprofundar o estudo da associação, estudar com profundidade o processo da certificação e a percepção dos agricultores orgânicos da PROORTO.

REFERÊNCIAS

ANTUNES DE, M.; ARMADA, C. A. S. Desenvolvimento Sustentável e Sustentabilidade: Evolução epistemológica na necessária diferenciação entre os conceitos. In **Revista de Direito e Sustentabilidade**, v. 3, n. 2, 2017, p. 17-35. Disponível em: <https://indexlaw.org/index.php/revistards/article/view/2437/0>

ASSIS, R. L. de. **Desenvolvimento rural sustentável no Brasil: perspectivas a partir da integração de ações públicas e privadas com base na agroecologia.** Economia Aplicada, v. 10, n. 1, 2006, p. 75-89. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-80502006000100005>

BATALHA, M. O.; BUAINAIN, A. M.; SOUZA FILHO, H.M de. Tecnologia de gestão e agricultura familiar. **Gestão Integrada da Agricultura Familiar.** São Carlos (Brasil): EDUFSCAR, 2005, p. 43-66.

BRANCALION, P. H. S.; GARCIA, L. C.; LOYOLA, RAFAEL RODRIGUES, RICARDO RIBEIRO PILLAR, VALÉRIO D LEWINSOHN, THOMAS Análise crítica da Lei de Proteção da Vegetação Nativa (2012), que substituiu o antigo Código Florestal: atualizações e ações em curso. **Natureza & Conservação**, v. 14, p. e1-e16, 2016.DOI: <https://doi.org/10.1016/j.ncon.2016.03.004>

CUNHA, M. S. da. Os empregados da agricultura brasileira: diferenciais e determinantes salariais. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 46, p. 597-621, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-20032008000300002>.

CARNEIRO, M. J.; MALUF, R. S. (Ed.). **Para além da produção: multifuncionalidade e agricultura familiar.** Mauad Editora Ltda, 2003, 230p.

CHOLLET, C. B. A certificação de produtos orgânicos como instrumento de inclusão social e econômico de agricultores familiares. 2012, 65f. **Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sistema de Produção Agrícola Familiar**, Universidade Federal de Pelotas – RS, Pelotas, 2012. Disponível em: <<http://repositorio.ufpel.edu.br/handle/ri/2368>> Acesso em: 03 jan. 2024.

CONSTITUIÇÃO PROORTO. **Ata da constituição da Proorto.** 2006. Documento disponibilizado para consulta na Associação.

CONEJERO, M. A.; TAVARES, L. S.; NEVES, M. F. **Produtos orgânicos: o que é, dimensões e como se habilitar.** In: NEVES, Marcos F. (Coord.) Agronegócios e Desenvolvimento Sustentável: uma agenda para liderança mundial na produção de alimentos e bioenergia. São Paulo: Atlas, 2009, p 122-131.

DAROLT, M. R.; LAMINE, C.; BRANDEMBURG, A. **A diversidade dos circuitos curtos de alimentos ecológicos: ensinamentos do caso brasileiro e francês.** Construção Social dos Mercados, v. 10, n. 2, 2013, p. 8.

DARNHOFER, I.; SCHNEEBERGER, W.; FREYER, B. **Converting or not converting to organic farming in Austria: Farmer types and their rationale.** Agriculture and Human Values, v. 22, 2005, p. 39-52.DOI: DOI: 10.1007/s10460-004-7229-9.

DE ANDRADE FRANCO, J. L.; DRUMMOND, J. A. **Proteção à natureza e identidade nacional no Brasil, anos 1920-1940.** SciELO-Editora FIOCRUZ, 2009, 272p. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-87752010000100020>.

DE ASSIS, R. L.; ROMEIRO, A. R. Agroecologia e agricultura orgânica: controvérsias e tendências. **Desenvolvimento e meio ambiente**, jul./dez. 2002. v. 6, 2002.p.67-80. DOI: DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/dma.v6i0.22129>

DIAS, T. F. et al. Programa de Aquisição de Alimentos da Agricultura Familiar (PAA) como estratégia de inserção socioeconômica: o caso do Território da Cidadania Sertão do Apodi (RN). In: **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v. 9, n. 3, 2013. Disponível em: <https://www.rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/view/1127>. Acesso em: 2 mai. 2024.

EXIME, E.; REIS, C. M.; COSTA, M. L.; GONZALEZ, A. C.; COSTA JUNIOR, J. M.; ZONIN, W. J. **Agricultura familiar e desenvolvimento sustentável: uma caracterização da feira do produtor rural do município de Marechal Cândido Rondon–Paraná, Brasil**. *Research, Society and Development*, v. 10, 2021, p 2-16. DOI: 10.33448/rsd-v10i1.11462.

FONSECA, M. F. de A. C. **Agricultura orgânica**. Niterói: Pesagro-Rio, 2009.119p.

FRIEDRICH, J. C, C.; FEIDEN, A.; F.; V, M. F. Agricultura orgânica–Uma discussão sobre mercado de orgânicos na perspectiva local e internacional. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 12, 2022, p. e417111234745, DOI: 10.33448/rsd-v11i12.34745.

FERREIRA, A. S.; COELHO, A.; B.. O papel dos preços e do dispêndio no consumo de alimentos orgânicos e convencionais no Brasil. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 55, 2017, p. 625-640. DOI: 10.1590/1234-56781806-94790550401.

HOFFMANN, R. A agricultura familiar produz 70% dos alimentos consumidos no Brasil?. **Segurança Alimentar e Nutricional**, v. 21, n. 1, 2014, p. 417-421. DOI: <https://doi.org/10.20396/san.v21i1.1386>.

GUAZIROLI, C.; E. **Agricultura familiar e reforma agrária no século XXI**. Editora Garamond, 2001 - Rio de Janeiro. 288 p.

IPARDES- Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. **Perfil da Região Geográfica Oeste Paranaense**. 2021. Disponível em: http://www.ipardes.gov.br/perfil_municipal/MontaPerfil.php?codlocal=706&btOk=ok. Acesso em: 10 out. 2022.

IPARDES- Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. **Caderno Estatístico do município de Toledo**. 2022. Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br/cadernos/MontaCadPdf1.php?Municipio=85900&btOk=ok>. Acesso em: 12 out. 2022.

IBGE. **2021. Cidades e Estados**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pr/toledo.html>. Acesso em: 10 out. 2022.

JUNIOR, J.; M.; C.; GONZALEZ, A. C.; EXIME, E.; COSTA, M.; L.; DOS REIS, C.; M.; AHLERT, A.; MATTIA, V. **Agricultura orgânica no oeste do Paraná: um estudo sobre o município de Marechal Cândido Rondon**. Research, Society and Development, v. 10, n. 14. v. 14, pág. e405101422071, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i14.22071.

KARAM, K.; F. A mulher na agricultura orgânica e em novas ruralidades. **Revista Estudos Feministas**, v. 12, jan/2004, p. 303-320.

KRISCHKE, P.; J.; TOMIELLO, N. **O comportamento de compra dos consumidores de alimentos orgânicos: um estudo exploratório**. Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas, v. 10, n. 96, 2009, p. 27-43. DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-9851.2009v10n96p27>.

LANDAU, E.; C.; DA CRUZ, R.; K.; HIRSCH, A.; PIMENTA, F.; M.; GUIMARAES D.; P. **Variação Geográfica do Tamanho dos Módulos Fiscais no Brasil** (Embrapa Milho e Sorgo. Novembro, 2012. Documentos 146. Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/949260/1/doc146.pdf>

LOMBARDI, M.; S.; MOORI, R. G. SATIKO, S.; G. Um estudo exploratório dos fatores relevantes na decisão de compra de produtos orgânicos. **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, v. 5, 2022. p. 13-34. <https://doi.org/10.1590/1678-69712004/administracao.v5n1p14-34>.

LOPES, C.A. É possível produzir alimentos para o Brasil sem agrotóxicos?. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 69, n. 4, p. 52-55. Out/nov 2017. DOI: 10.21800/2317-66602017000400016

NAGEL, J. **Principales barreras para la adopción de las TIC en la agricultura y en las áreas rurales**. 2012. Disponível em: <https://repositorio.cepal.org/server/api/core/bitstreams/0956dd01-50c3-498f-86a0-6787062a5fdc/content>. Acesso em: 12 jan. 2024

NAVARRO, Z. **A agricultura familiar no Brasil: entre a política e as transformações da vida econômica**. 2010. p 1-25. Disponível em: <https://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/bitstream/doc/904333/1/AgriculturafamiliarnoBrasilcap.7.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2024.

NEPOMOCENO, T.; A.; R.; EXIME, E.; AHLERT, A. Agricultura familiar e agroecologia: Estudo de caso em Diamante do Sul, Paraná, Brasil. **DELLOS: Desarrollo Local Sostenible**, v. 15, n. 40, p. 1, 2022. Disponível em: <https://ojs.revistadelos.com/ojs/index.php/delos/article/view/723>. Acesso em: 2 maio. 2023.

OLIVEIRA, D.; Grisa, C.; Nierdele, P. **Inovações e novidades na construção de mercados para a agricultura familiar: os casos da Rede Ecovida de Agroecologia e da RedeCoop**. Redes, v 25, n 1, jan 2020, p 135-163. DOI: <https://doi.org/10.17058/redes.v25i1.14248>.

PESSOA, Y.; Souza, R.; Q.; ALCHIERI, J.; C. Qualidade de vida em agricultores orgânicos familiares no interior Paraibano. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 34, 2014, p. 330-343. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703001095012>

PESSOA, V.; M.; RIGOTTO, R.; M. Agronegócio: geração de desigualdades sociais, impactos no modo de vida e novas necessidades de saúde nos trabalhadores rurais. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 37, 2012, p. 65-77. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0303-76572012000100010>.

PICOLOTTO, E.; L. Os atores da construção da categoria agricultura familiar no Brasil. **Revista de economia e sociologia rural**, v. 52, 2014, p. 63-84. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-20032014000600004>

SANTANA, M.; B.; FERREIRA, B.; O.; DE SOUZA, R; K; S. Programa de Aquisição de Alimentos: Análise do Desenvolvimento Socioeconômico de Agricultores Familiares. **Revista DELOS**, v 13, n 37. Dez 2020. Disponível em: <https://www.eumed.net/es/revistas/delos/vol-13-no-37-diciembre-2020/agricultores-familiares>.

SANTOS, J.; G.; CÂNDIDO, G.; A. Sustentabilidade e agricultura familiar: um estudo de caso em uma associação de agricultores rurais. **Revista de Gestão Social e Ambiental**, v. 7, n. 1, 2013, p. 70-86. DOI: 10.24857/rgsa.v7i1.528

SCHNEIDER, S.; CASSOL, A. A agricultura familiar no Brasil. **Serie documentos de trabajo**, n. 145, 2013. 93 p. Disponível em: https://www.rimisp.org/wp-content/files_mf/1438617722145AgriculturaFamiliarBrasil_ShneiderCassol_editado.pdf. Acesso em: 03 jan. 2024.

SCHNEIDER, S. **Construção de mercados e agricultura familiar: desafios para o desenvolvimento rural**, v. 1, p. 93-140, 2016.

SCHABARUM, J.; C.; TRICHES, R.; M. Aquisição de produtos da agricultura familiar em municípios paranaenses: análise dos produtos comercializados e dos preços praticados. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 57, 2019, p. 49-62. DOI: <https://doi.org/10.1590/1234-56781806-94790570103>

THORNTON, R. **A extensão rural em debate: concepções, retrospectivas, mudanças e estratégias para o Mercosul**. Buenos Aires: INTA, 2003, p. 323-345. Disponível em: <http://fediap.com.ar/administracion/pdfs/La%20Extensi%C3%B3n%20Rural%20en%20Debate%20-%20Concepciones%20-%20Restrospectivas%20y%20Estrategias.pdf>. Acesso em 23 jan. 2023.

ZUCATTO, L. C.; Gargalos à Expansão da Produção e Comercialização do Algodão Agroecológico. O Caso de uma Associação de Produtores Familiares no Nordeste do Brasil. **Desenvolvimento em Questão**, v. 13, n. 31, p. 228-258, 2015. DOI: <https://doi.org/10.21527/2237-6453.2015.31.228-258>.

WENNINGKAMP, K.; R. **O papel da liderança na gestão de ações coletivas: um estudo teórico e empírico em organizações agroindustriais da microrregião de**

Toledo/PR. 2019. 296 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional e Agronegócio) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2019.

WANDERLEY, M. de N. B. O campesinato brasileiro: uma história de resistência. **Revista de economia e sociologia rural**, v. 52, p. 25-44, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-20032014000600002>.

CAPÍTULO 3

PERCEPÇÕES E DESAFIOS DOS AGRICULTORES ORGÂNICOS DA PROORTO EM TOLEDO, PARANÁ.

RESUMO: Este estudo visa identificar as necessidades dos agricultores e compreender suas percepções sobre os desafios de ser produtor orgânico. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, como foco em interpretações e observações que utiliza a análise de conteúdo e técnicas e procedimentos específicos para analisar os dados obtidos com 10 entrevistas, denominados de “facilitadores”. A captação dos dados foi realizada com 25 questões aplicadas a 10 integrantes dos 12 associados da Associação PROORTO, sendo a maioria delas abertas para facilitar a compreensão, gravadas in loco, com duração de 30 a 55 minutos. Para análise e tratamento dos dados, usou-se o software Maxqda como organizador das categorias de discussões em formato de tabelas, gráficos e figuras. Observou-se que os agricultores enfrentam desafios desde o início da associação, com dificuldades internas e externas relacionadas à falta de assistência técnica, desconfianças dos consumidores e a carência de apoio local. Identificou-se a necessidade urgente de cooperação e solidariedade por parte do poder público para que haja maior motivação dos produtores e para evitar perdas de mais membros.

Palavras-chave: Percepções; Agricultura orgânica, Desafios dos agricultores.

ABSTRACT: This paper aims to identify the needs of farmers and understand their perceptions about the challenges of being an organic producer. It is qualitative research, focusing on interpretations and observations, using a methodological approach of content analysis, together with specific techniques and procedures to analyze the data obtained through 10 interviews, called “facilitators”. Data capture consisted of 25 questions from 10 members of the 12 members of the PROORTO Association, with most questions being open-ended, recorded in depth between 30 and 55 minutes in length. For analysis and processing, the Maxqda software was used, serving as an organizer of discussion categories in the format of tables, graphs, and figures. It was observed that farmers have faced challenges since the beginning of the association, with several internal and external difficulties related to the lack of technical assistance, consumer distrust and the lack of local support. There are the urgent need for cooperation and solidarity on the part of public authorities was identified so that there is greater motivation for producers, as well as avoiding loss of members.

Keywords: Perceptions; Organic farming; Farmers' challenges.

INTRODUÇÃO

Este estudo focaliza compreender a percepção dos agricultores familiares sobre a agricultura orgânica, levando em conta seus conhecimentos, experiências de vida, valores e princípios que norteiam os saberes para com a produção, bem como entender a realidade do campo dentro dessa especificidade temática.

Considera-se a percepção como um processo múltiplo, em que o sujeito pode captar, interpretar e perceber as experiências acumuladas, auxiliando a compreender determinadas situações, independentemente da crença dos envolvidos (Berkeley, 2010; Muñoz et al., 2016; Matos *et al.*, 2021). A percepção dos agricultores é ricamente impactante e importante para entender a produção da agricultura, em função dos constantes desafios enfrentados, como a falta de políticas públicas, de incentivos para garantir a sustentabilidade e de apoio para uma produção agroecológica que valorize o meio ambiente (Kadry; Piña-Rodrigues; Piratelli, 2017).

Os agricultores e a agricultura familiar representam uma combinação única entre tradição e inovação, pois integra elementos do passado e visões de futuro (Lindoso; Eiró; Rocha, 2013) alusivas às escolhas, aos modos de vida e à relação com a natureza. Para muitos, a prática agrícola não é apenas uma questão de necessidade, mas também um de estilo de vida, especialmente para aqueles que vivem da produção agrícola e priorizam a sustentabilidade, a agroecologia e a agricultura orgânica. No entanto, tal forma de agricultura enfrenta desafios diversos, como o agronegócio e os aspectos relacionados à comercialização, assistência técnica e carência de políticas públicas (Engelmann, 2018; Friedrich; Feiden; Fulber, 2022). Tais fatores contribuem na percepção dos agricultores na hora decidir pela produção orgânica.

Isso porque a produção orgânica é aquela que não contém nada de substâncias químicas nocivas ao meio ambiente, é interconectada à agricultura sustentabilidade e visa manter a saúde dos solos. As produções orgânicas se vinculam aos processos da biodiversidade com o propósito de melhorar a qualidade de vida das pessoas, além de incentivar as práticas sustentáveis (IFOAM, 2021; Willer et al., 2022). Não obstante, desvelam uma preocupação com questões coletivas, participação social e implantação de sistemas ligados às agriculturas alternativas, que potencializem a biodiversidade ecológica e a diversidade sociocultural. (Toledo, 2002; Caporal; Costabeber, 2004; Schneider, 2009; Altieri, 2012).

Essas questões apontam para a agroecologia como base científica para uma agricultura alternativa, orgânica e sustentável (Altieri, 2012) e esse é um tema de grande relevância social. Logo, extrair experiências dos agricultores pode contribuir para o desenvolvimento sustentável.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

De acordo com *Organics International* — IFOAM, a agricultura orgânica pode ser definida como:

Um sistema de produção que sustenta a saúde dos solos, dos ecossistemas e das pessoas. Baseia-se nos processos ecológicos, na biodiversidade e em ciclos adaptados às condições locais, em vez da utilização de fatores de produção com efeitos adversos. A agricultura orgânica combina tradição, inovação e ciência para beneficiar o ambiente partilhado e promover relações justas e uma boa qualidade de vida para todos os envolvidos (IFOAM, 2021, p. 7).

A ideia da tradição remete especialmente à importância de entender a agricultura orgânica a partir da percepção dos agricultores, visando a diferentes perspectivas e permitindo novas reflexões para conhecer melhor o que motiva os produtores. Isso está relacionado a entender as experiências e os desafios de quem vive em função dessa atividade e interconectar os conhecimentos acumulados e os saberes do agricultor para pensar os efeitos negativos do meio ambiente na vida cotidiana, a insustentabilidade e as necessidades humanas, como por exemplo, alimentar-se adequadamente (Alencar et al., 2013; Altieri, 2012)

A tomada de decisão na esfera das produções orgânicas é de fato o produto das percepções dos agricultores, a imaginação construída a partir das experiências vividas, que são acumuladas durante suas existências (Carneiro; Maluf, 2003). Para isso é imprescindível que haja políticas públicas que contribuam para a manutenção de lideranças participativas, capazes de realizar capacitações, manter tradições com intuito de preservar e dar continuidade a uma agricultura familiar orgânica (Muñoz et al., 2016; Matos et al., 2021).

Aplicar corretamente as políticas públicas de incentivos ajuda a manter não apenas a produção, mas a garantir a competitividade frente aos outros produtos de diferentes naturezas, como os do agronegócio. Por isso, considera-se a percepção como fator-chave para a continuidade da produção orgânica frente às mudanças da sociedade, pois ela envolve os atores de um modo efetivo ao entender suas

necessidades e demandas, sobretudo, porque a produção agroecológica tem por intenção melhorar a vida humana, entender os limites biofísicos da natureza e valorizar as culturas locais (Reichert; Reinert; Braida, 2003).

Os produtores, desse modo, tornam-se os atores primordiais de uma agricultura sustentável, que é desafiadora e necessária e entender a percepção desses sujeitos é parte integrante do processo (Torjusen et al., 2001). Para a implementação e a continuidade da agricultura orgânica é importante que haja, em paralelo, formas produções como as convencionais, conquanto se respeite o meio ambiente (Potrich; Grzybovski; Toebe, 2017).

Os produtores da agricultura familiar agregam conhecimentos sobre todos os aspectos da natureza, já que muitas vezes são nascidos e crescidos no campo, e as gerações anteriores já foram da agricultura, o que permite acumular experiências. Quando esses saberes são valorizados por ajudas externas como políticas públicas voltadas às associações ou organizações, podem promover em longa escala as práticas sustentáveis que visam manter e continuar a evolução da agricultura orgânica (Caporal, 2004, Mariani; Henkes, 2014).

Assim, os agricultores devem participar ativamente na busca pela formulação das políticas públicas que atendam suas necessidades e sejam eficazes face aos desafios que enfrentam cotidianamente. Entende-se que a participação tem um propósito específico, no sentido de adequar a política pública à realidade enfrentada, possibilitando uma agricultura inovadora e sustentável (Henkel; Amaral, 2008; Trujillo-Barrera; Pennings; Hofenk, 2016).

A agricultura familiar envolve se entrelaça com o desenvolvimento sustentável ao fortalecer o meio rural com a diversificação da produção e ao contribuir com a economia, ampliando as áreas de cultivo e os produtos (Schneider, 2003; 2001). A pluralidade, nesse contexto, é considerada um vetor fundamental para geração de renda, pois a combinação de atividades diversas, como por exemplo, o turismo rural, permite novos olhares sobre o que é produzido no campo, levando a um aumento dos serviços que podem ser oferecidos pelos produtores. Além disso, é uma fonte de renda extra e uma abordagem que permite aos envolvidos uma melhor estabilidade econômica com suas atividades de produção (Virgolin, 2022, Schneider, 2003).

Isso é uma forma para estimular e impulsionar o comércio das proximidades, bairros, cidades e regiões, dependendo da capacidade da produção. A diversificação

visa principalmente à economia da comunidade (Navarro, 2001), pois promove qualidade de vida, no sentido financeiro e, quando é interligada com uma produção sustentável, ajuda a preservar o meio ambiente, entre outros benefícios. Em outros termos, a agricultura familiar orgânica diversificada impulsiona o desenvolvimento local e é uma importante aliada na valorização da agricultura e de seus atores.

Nesta mesma linha de pensamento, a agricultura familiar orgânica diversificada contribui para evitar a insegurança alimentar e para a conservação da natureza em função dos recursos naturais disponíveis e não disponíveis (Scarabelot; Schneider, 2012; Bezerra; Schindwein, 2017). Do mesmo modo, esse tipo de produção revela a desigualdade econômica quando a qualidade de vida é impactada positivamente, graças às produções de alimentos saudáveis.

A relação entre os orgânicos e a agroecologia revela a valorização da biodiversidade (Altieri; Nicholls, 2020) e, neste campo, duas abordagens importantes foram definidas pelos estudos de Primavesi, (1997) e Altieri (2012), que versam acerca das transformações do sistema da produção convencional e das percepções de quem produz a partir da agroecologia visando a interações cordiais entre a natureza e o sistema agrícola.

Os conhecimentos tradicionais se transformam em saberes e permitem criar laços entre diferentes seres vivos, como ocorre nas diferentes formas de manejo de solo, de tratar as plantas e de construir um sistema de produção resiliente a partir da sustentabilidade (Altieri; Nicholls, 2021). Em suma, revela o entendimento de que é possível viver em harmonia com o meio ambiente, impulsionando uma agricultura sustentável baseada na agroecologia que visa fortalecer os laços de confiança entre pares (Torjusen et al., 2001), principalmente quando se observa os impactos das ações humanas sobre a natureza.

Os benefícios da produção orgânica não se limitam só a saúde do solo, preservação do meio ambiente, produções saudáveis, mas também representa um aporte importante nos debates da sustentabilidade relacionados ao desenvolvimento estratégico com o elo agroecológico (Oliveira, 2022). Assim, é distinta a maneira de valorizar as percepções dos agricultores para garantir integralmente a segurança alimentar uma produção inclusiva, integrativa e amigável com o meio ambiente, (Carneiro; Maluf, 2003). Entender as percepções a partir do captar, interpretar e perceber é de suma importância para a produção orgânica que pode garantir um ambiente consideravelmente preservado, contribuir para alçar a voz dos sujeitos

envolvidos para um mundo justo e equitativo a partir do desenvolvimento favorável a todos (Friedrich, Feiden e Fulber, 2022)

O futuro da agricultura deve interligar as percepções dos agricultores e o coletivismo como resultado das relações humanas, tornando-se importante compreender as percepções em suas diferentes perspectivas.

MÉTODO

Nesta seção, apresenta-se a caracterização da área estudada e os instrumentos metodológicos utilizados na pesquisa com a função de ambientar o leitor sobre as condições em que o estudo foi realizado e como foram feitas a análise dos dados.

PROCESSOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, caracterizada pela sua capacidade de interpretação profunda, abrangendo um amplo conjunto de significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes. Essa abordagem reconhece a complexidade das relações, dos processos e dos fenômenos estudados, os quais não podem ser simplificados ou reduzidos à mera operacionalização de variáveis. Conforme descrito por Minayo (1994, p. 21-22), “a pesquisa qualitativa proporciona uma compreensão aprofundada desses elementos, permitindo uma análise rica e contextualizada dos fenômenos investigados”.

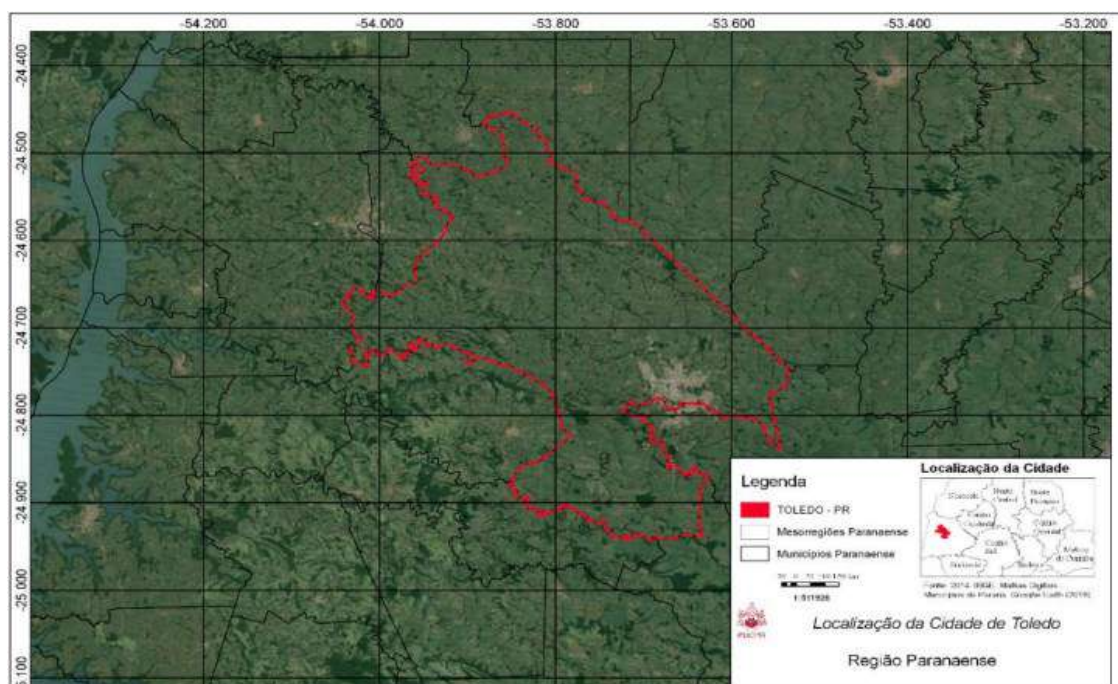
Utilizou-se a abordagem metodológica da análise de conteúdo em conjunto com técnicas e procedimentos específicos com o propósito principal de extrair informações precisas para visualizar novas perspectivas a partir das análises de dados (Bardin, 2016). Isso requer que se pense os resultados da pesquisa no sentido dialético para compreender, em particular, a linguagem, auxiliando na integração entre conhecimentos teóricos e saberes cotidianos dos sujeitos envolvidos.

LOCALIZAÇÃO DO ESTUDO

O presente estudo foi realizado no município de Toledo, região Oeste do Paraná, em que se encontra a Associação dos Agricultores Orgânicos e Familiares de

Toledo (PROORTO), como indica o mapa (figura 1). Trata-se de uma cidade de porte médio, de Latitude: 24° 43' 12" Sul, Longitude: 53° 44' 36" Oeste, com 144.601 habitantes e uma área territorial de 1.198,049 km² (IBGE, 2006).

Figura 1. Localização da cidade do estudo, Associação dos Agricultores Orgânicos e Familiares de Toledo (PROORTO).



Fonte. Ribeiro; Petry; Limberger, 2018.

COLETA DE DADOS

Os dados foram coletados a partir de entrevistas semiestruturadas, contendo 25 questões aplicadas a 10 membros da associação, chamados de facilitadores, e a maioria das perguntas eram abertas para facilitar a compreensão. As entrevistas duraram de 30 a 55 minutos cada, além do tempo de observação em participação de reuniões constantes na associação e foram realizadas in loco, nas próprias propriedades dos agricultores, durante um período abrangente que se estendeu de maio de 2022 a junho de 2023.

O objetivo principal foi identificar as necessidades específicas dos agricultores e compreender suas percepções em relação aos desafios enfrentados como produtores orgânicos. Para garantir a robustez científica deste estudo, foram considerados diversos aspectos, como as vivências cotidianas dos agricultores, as atividades realizadas no campo, suas experiências acumuladas ao longo do tempo,

bem como suas competências individuais. Além disso, todas as informações coletadas contribuíram para a compreensão abrangente do funcionamento e das demandas da associação.

ANÁLISES DOS DADOS E TRATAMENTOS

As conversas foram gravadas em áudio, via dispositivo móvel e posteriormente transcritas em arquivos individuais com ajuda da ferramenta analítica de MAXQDA, utilizada para as análises dos demais dados das entrevistas. Utilizou-se o método da análise de conteúdo para tratar os dados em três momentos, como indicado por Bardin (2016), pois o propósito do trabalho é de interpretar e compreender com profundidade, desde saberes a valores e culturas, entre outros.

A ferramenta utilizada no trabalho permite a formulação das categorias necessárias para analisar os dados obtidos nas entrevistas com os agricultores. Trata-se de um software gratuito que possibilita a aplicação de métodos qualitativos, quantitativos e mistos, oferecendo suporte na elaboração das categorias e subcategorias para facilitar o processo de análise.

No primeiro momento, houve uma pré-análise que incluiu uma revisão teórica e bibliográfica do tema, como uma etapa exploratória. No segundo momento, a investigação se voltou a categorizar os elementos da pesquisa, identificar e explorar matérias que permitam auxiliar nas interpretações para formar certamente cada categoria de discussão, elementos podem surgir durante a pesquisa de campo ou na base teórica. No último momento, focou-se nos achados da pesquisa a partir das observações de campo e das entrevistas, incluindo descrições, inferências e interpretações embasadas em análise dos dados.

A partir dessas etapas, foi possível selecionar as informações relevantes, compilar os dados e promover discussões e reflexões sobre a importância dos produtos orgânicos produzidos pelos agricultores associados da PROORTO, buscando compreender a percepção dos produtores da associação. Considera-se que são importantes os saberes, conhecimentos e experiências, além dos desafios enfrentados a partir das desistências dos produtores ao longo dos anos, por isso, suas percepções podem ser importantes para incentivar políticas públicas na região.

Para os resultados e discussões, as falas dos entrevistados foram registradas como “Agricultor(a) de 01 a 10”, sendo 3 do sexo masculino e 7 do feminino, com

intuito de facilitar a compreensão. As respostas formam categorias a partir da temática principal, incluindo os desafios dos agricultores e os motivos da existência da associação, formada atualmente por apenas 12 membros. Cada fala foi mantida de forma mais natural possível, sem efetuar grandes mudanças, para valorizar o pensar dos entrevistados.

As discussões se dividem em dois tópicos principais: o primeiro envolve diretamente as percepções no sentido geral e o segundo as interações entre as percepções, compreendendo as desistências e divergências na perspectiva dos facilitadores.

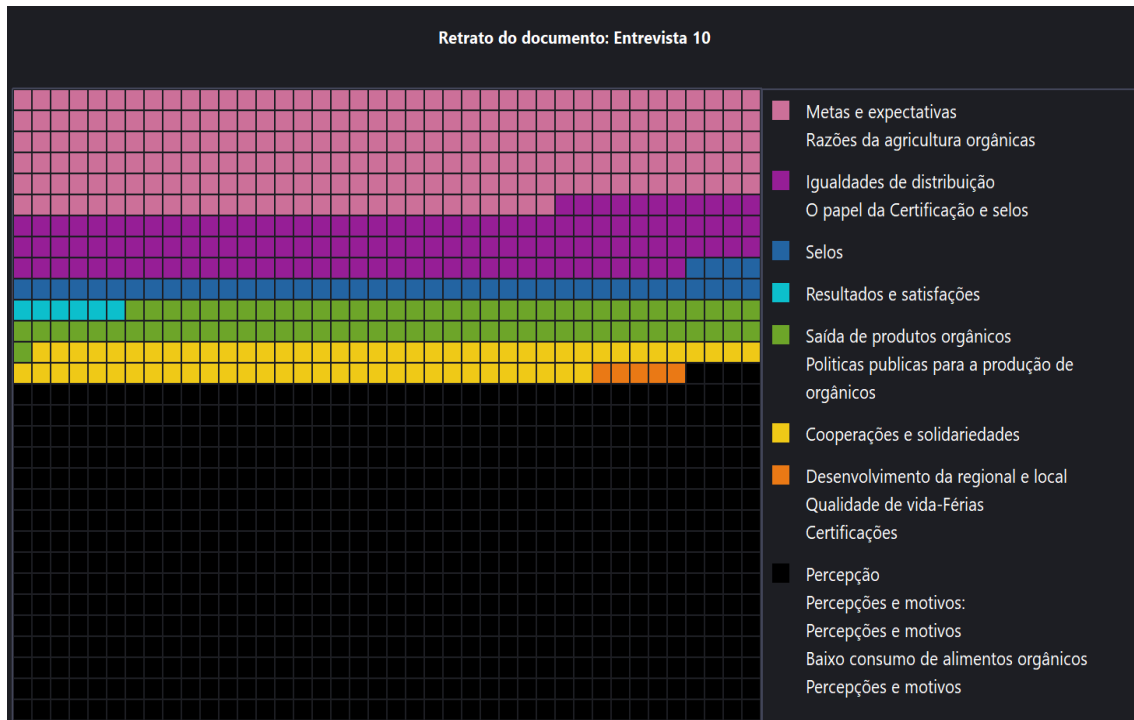
RESULTADOS E DISCUSSÃO

PERCEPÇÕES

Busca-se, neste tópico, abordar a percepção geral dos agricultores, formando uma base de 17 categorias que permitem distinguir o conjunto de informações disponíveis, incluindo a percepção, como categoria chave. Trata-se do desenho investigativo, que demonstra as conexões entre os principais achados da pesquisa realizada e formam 10 documentos no total. A figura representa os temas abordados no segundo momento desta pesquisa que se configura na interpretação.

A figura permite conhecer as demais categorias e visualizar o conjunto de dados mais significativo, permitindo, um olhar profundo sobre todos os aspectos perceptíveis, como a produção orgânica e seu consumo, os motivos que levaram os agricultores a aderirem a uma produção desafiadora, como a agricultura orgânica.

Figura 2. As principais categorias em torno do tema principal – percepção.



Fonte. Dados da pesquisa de campo (2023).

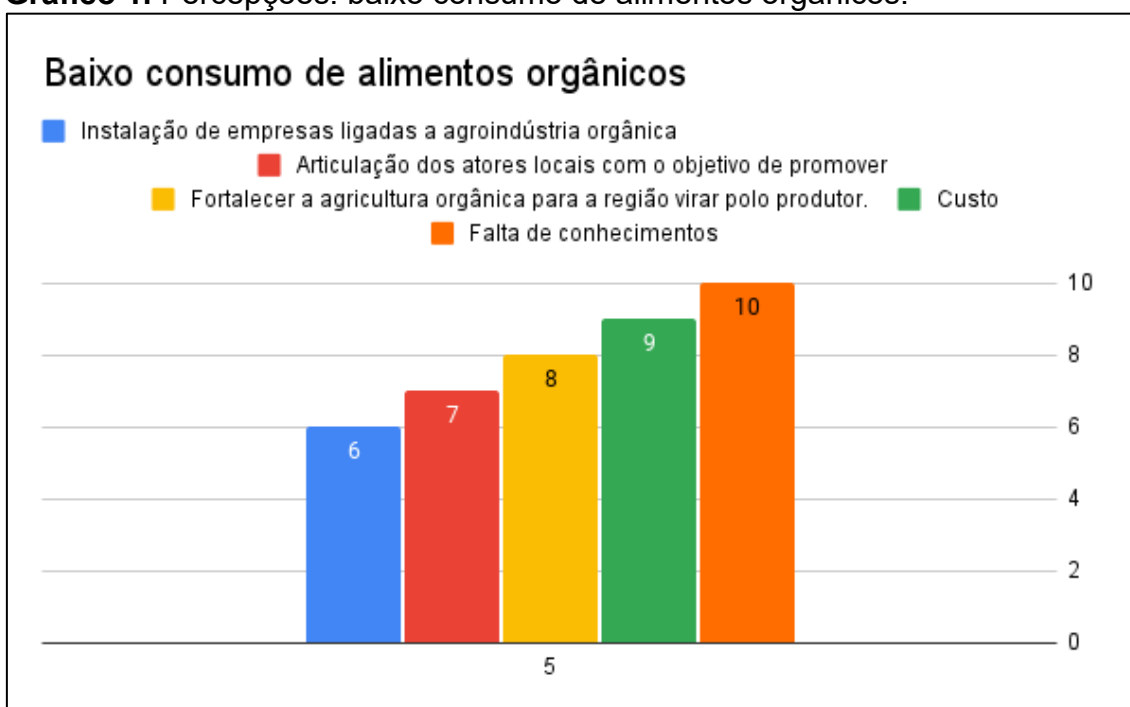
A particularidade deste tipo de produção é baseada no conjunto de elementos envolvidos, como as cooperações e solidariedade entre os produtores para uma boa distribuição, entre outros. Como bem enfatiza a própria definição da agricultura orgânica, baseada na necessidade que “combina tradição, inovação e ciência para beneficiar o ambiente partilhado” (IFOAM, 2021, p. 7). Isto é, não se pode produzir orgânico sem considerar o processo múltiplo em função do captar, interpretar e perceber a partir do passado que se relaciona com as tradições, o presente em busca pela qualidade de vida e o futuro que aspiramos deixar para as próximas gerações.

A repetição das percepções e motivos, a figura 2 incentiva a colocá-las no centro das discussões relacionadas às experiências vitais e acumuladas, consideradas partes fundamentais para o conhecimento na perspectiva dos indivíduos interconectados com as vivências e distintas realidades. Essas experiências criam metas e expectativas de uma vida melhor, como ter tempo livre, tirar férias, produzir com inteligência, considerados uma fonte cativante de compreensão, aprendizado e comunicação.

Compreende-se, portanto, que todas as emoções e experiências interligadas desempenham um papel fundamental na extração de vivências, as quais podem resultar na construção de um conhecimento compartilhado e específico, envolvendo uma variedade de atores, como instituições e organizações.

Essas formas de comunicação visam disseminar novos ensinamentos, tanto práticos quanto teóricos, com o objetivo de alcançar resultados satisfatórios entre todos os envolvidos e fomentar diálogos inteligentes alinhados às necessidades dos agricultores familiares. Nesse contexto, acredita-se no papel crucial da agricultura orgânica no desenvolvimento local das comunidades, uma vez que sua importância se reflete na produção, na demanda e na aquisição dos produtos, apesar dos desafios enfrentados ao longo do processo de produção, que será mais bem explicado a partir do gráfico 1.

Gráfico 1. Percepções: baixo consumo de alimentos orgânicos.



Fonte. Dados da pesquisa de campo (2023).

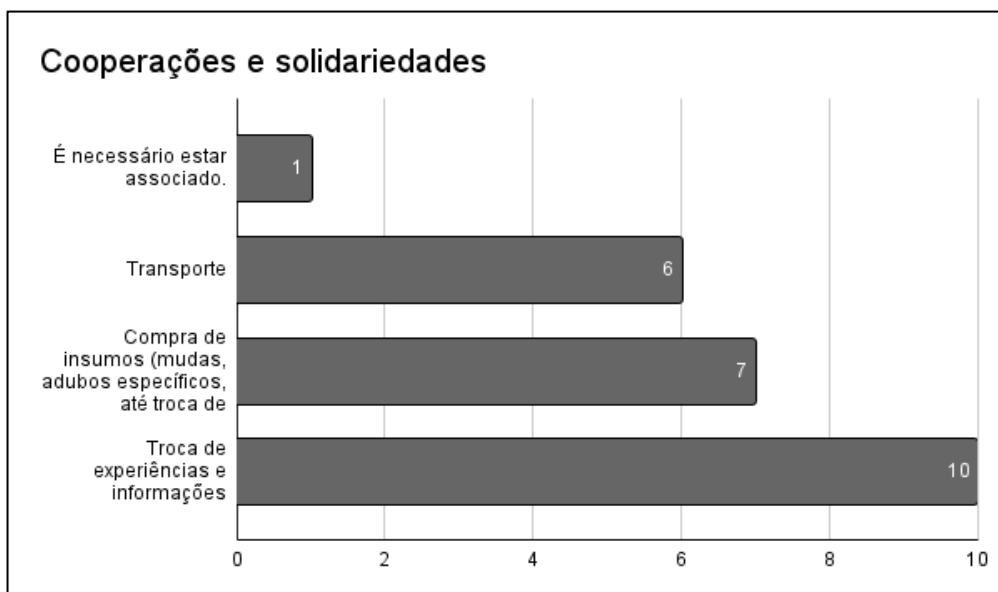
Os dados relacionados à percepção da importância dos produtos orgânicos revelam o primeiro desafio percebido durante as entrevistas: o baixo consumo de alimentos orgânicos. De acordo com as entrevistas, o baixo consumo está relacionado principalmente à falta de conhecimento sobre as produções orgânicas, já que é um tipo de produção que possui impactos diretamente sobre a natureza, além da saúde dos homens (Muñoz et al., 2016, Medeiros, 2012). Isso demanda outras medidas, como divulgações, propagandas e projetos de extensões para melhor construir esses conhecimentos que faltam. Todos os entrevistados afirmam que o baixo consumo está ligado à falta de conhecimento sobre os produtos orgânicos.

Para 9 produtores, o preço também é um dos grandes problemas para o baixo consumo, pois os produtores orgânicos enfrentam a concorrência muito maior dos supermercados que vendam produtos não-orgânicos e orgânicos; mas que, automaticamente se transformam nos principais concorrentes, “já que o preço dificulta a acessibilidade” (Sousa et al., 2012, p. 515). No mesmo sentido, 8 dos facilitadores enfatizaram a necessidade fortalecer a agricultura orgânica, pois “o alimento é uma mercadoria que o consumidor exige que tenha preço baixo e alta qualidade” (Bezerra e Schlindwein, 2017, Souza, 2011). Acerca disso, a facilitadora 2, afirma que “precisamos passar conhecimento para as pessoas, demonstrando os benefícios para sua saúde e sua vida, assim, quem sabe não resolvemos esse problema de consumo”.

É imprescindível que as organizações e os atores locais se engajem mais nas atividades dos produtores orgânicos, incentivando seu desenvolvimento. Isso representa um desafio complexo relacionado às políticas públicas em diferentes momentos, mas a mobilização social e política pode aprimorar a articulação entre os atores locais e regionais, considerando o papel crucial da produção orgânica em questões mais amplas, como a proteção ambiental e o impulso econômico para todos os envolvidos. (Alencar et al., 2013).

Para 7 facilitadores, a articulação dos atores é importante e como medida para enfrentar as empresas e é necessário trazer, investir e incentivar a agroindústria orgânica, como, por exemplo, trazer as empresas para as localidades e criar autosserviços das redes de varejos com intuito de adesão aos produtos orgânicos (De Oliveira Sampaio et al., 2013). Para que iniciativas como essas sejam possíveis, deve-se fortalecer os laços de cooperação entre os agricultores, permitindo a solidariedade entre os envolvidos, mas, considerando as necessidades dos que enfrentam dificuldades. Isto é, estabelecer uma forma clara de cooperação e solidariedade entre os facilitadores, partindo dos benefícios que os auxiliem assim como as instituições, organizações e associações locais entre os membros, conforme demonstrado no gráfico 2.

Gráfico 2. Cooperações e solidariedades na percepção dos agricultores.



Fonte. Dados da pesquisa de campo (2023).

Esse gráfico demonstra como se dão as colaborações ou cooperações e a reciprocidade entre os facilitadores, pois, como afirma Grandó (2023), em todas as esferas da coletividade, a responsabilidade de cooperar se torna cada vez mais importante para grupos diversos na sociedade. Não precisa ser membro da associação para ter cooperações entre si, isto demonstra que a solidariedade joga um papel fundamental para a comunidade, em forma de tratamento, pois qualquer indivíduo pode usufruir dos benefícios de se cooperar e não necessariamente precisa ser membro da PROORTO.

Ao visualizar os dados do gráfico 2, entende-se que todos os facilitadores valorizam as trocas de experiências, isto é de mão amiga, o que pode ser enfatizado pelo fato de 7 facilitadores acreditarem haver constantemente trocas de produtos; 10 facilitadores apontaram a troca de experiências e informações e; 6 apontaram a auto ajuda com transporte, como forma de se locomover, representando significativamente uma forma de cooperação. Isso é uma necessidade importante para quem produz no campo, com uma produção distante da cidade, levando a perceber outras atribuições e necessidades, conforme dados apresentados no quadro 1.

Quadro 1. Percepções que ajudam a entender partes das necessidades dos agricultores orgânicos ligados a PROORTO.

Percepções	Atribuições e configurações das necessidades dos facilitadores
------------	--

Saída de produtos orgânicos	<ul style="list-style-type: none"> • Maior visibilidade por parte da população, desmistificar os orgânicos, mais propaganda positiva, apoio do poder público. • Investimento e melhoria das políticas públicas. • Mudança de pensamento das pessoas, “tem gente que diz que orgânico é mais feio, sem nunca ter visto ou provado”. • Mais visibilidade por parte da população • Conscientização por parte dos consumidores • Falta de conhecimento • Tem aqueles que falam mal dos orgânicos. • Mais incentivos preços serem mais valorizados, o orgânico nem sempre pode ser vendido com preço maior somente os programas do governo. • Conhecimento, produtos mais baratos.
Desenvolvimento regional e local	<ul style="list-style-type: none"> • Deve-se receber incentivos à produção, aumentaria de 15 a 20% a mais • A qualidade de vida que se tem de quem produz é para ser feliz, isso que eu busco. • “Porém, falta algo a mais, o governo poderia mandar mais recursos a nós pequenos agricultores”. • “Para você ter uma ideia fomos até a prefeitura pedir ao prefeito mais colaboração para que uma empresa ou técnico, ou agrônomos nos ajudasse, realizamos uma reunião, mas até hoje não nos foi dado uma resposta concreta.” • Mas ainda falta muito para melhorar, a prefeitura deveria investir em assistência, somos daqui, auxiliamos no crescimento da região, porque não investir aqui. • Só faltam incentivos por parte dos governos. • Mas os produtos convencionais ainda tem maior ênfase. • Mas teria que rever as questões de orgânicos, porque o que vejo é que os produtores orgânicos ficam sempre de lado.
Resultados e satisfações	<ul style="list-style-type: none"> • Qualidade de vida, tem mais trabalho, mas consumo o que produzo e sei que é de qualidade e acima de tudo eu preservo. • Mudou muito a situação da propriedade. • Eu sempre sonho alto, quero mais, quero uma produção em larga escala • Positivos, mas vejo que faltam pessoas qualificadas para assessorá-los. • Muito positivos, se você cuida do solo, a planta vem equilibradamente, se usamos homeopatia ou caldas, tudo se equilibra. • Positivos por vários fatores, qualidade de vida, tem mais trabalho, mas consumo o que produzo e sei que é de qualidade e acima de tudo eu preservo.
Qualidade de vida-Férias	<ul style="list-style-type: none"> • 9 dos participantes, acreditam que tenham qualidade de vida suficientes pelo que realizam. • 8 tiram férias constantes, pelo menos uma vez, ao ano, mesma que trabalham muitas vezes quantidade de horas a mais para suprir suas próprias demandas • O grande problema é que estou velho e doente, acredito que logo pararei, não tenho condições de me manter. • “A associação passa os caminhos que podemos seguir, todo mês comemoramos o aniversário dos participantes daquele mês. Recebemos presente, e o presente é algo que nós mesmos produzimos. Antes das reuniões. Iniciamos com uma reflexão, a dona da casa que recebe faz ou passa para outra pessoa fazer. Para nós que somos aposentados e estamos muito sozinhos a associação com a reunião mensal acaba unindo mais as pessoas, considero todos da família, a associação é uma família”.

Razões da agricultura orgânicas	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu sempre sonho alto, quero mais, quero uma produção em larga escala”, mas vejo que faltam pessoas qualificadas para assessorá-los. • Positivos por vários fatores, qualidade de vida, tem mais trabalho, mas consumo o que produz e sei que é de qualidade e acima de tudo eu preservo. • “Apesar de faltar muita mão de obra, depois que fiz o curso de homeopatia eu mudei muito a forma de pensar”.
Metas e expectativas	<ul style="list-style-type: none"> • Pela questão do trabalho, a uva para vinho é mais fácil o manejo e eu tenho a agroindústria, então posso trabalhar com no máximo duas pessoas na safra e ficar o resto do ano só mantendo o parreiral, mas arrendarei uma parte da cultura. • “Não, tudo por minha conta, no meu ver não funciona, não no Brasil”. • Sim, queremos ampliar a produção, porém não temos mão de obra suficiente para trabalhar. • Ainda tenho espaço, por isso que quero expandir, estamos arrumando a área de pastagem para soltar os animais. • Muito crescimento, uma expansão tanto da produção quanto da assistência técnica de qualidade, eu penso muito no crescimento e rezo para isso. • O programa de alimentação escolar é importante, PNAE se conseguir se adequar, acredito que os poderes públicos deveriam ser mais conscientes nesse sentido, relata que a prefeitura ainda não dá atenção a eles. • Penso que os consumidores vão se conscientizar e virem que os orgânicos são tão importantes quanto os convencionais. • Pretendo, porém, é um pouco trabalhoso, aumentei a área e estou construindo uma casa, pois agora consegui um funcionário bom para me ajudar, porém, a associação é composta por aposentados e os produtos são repassados para quem faz feira (já que muitos não conseguem ir para feira), se um produtor não consegue produzir cenoura, ela vende para outro integrante da associação, nós temos tudo o que é de época, nós temos que ir a favor da natureza, salienta”.
Igualdades de distribuição	<ul style="list-style-type: none"> • Desmistificar os orgânicos, mais propaganda positiva. • Investimento e melhoria das políticas públicas. • Tem gente que diz que orgânico é mais feio, sem nunca ter visto ou provado. Mais visibilidade por parte da população, muitas pessoas ainda pensam errado sobre os orgânicos. • Conscientização por parte dos consumidores, acima de tudo. • Falta de mão de obra e mecanização para facilitar a produção. • Acredito que seja uma maior divulgação e uma mudança de paradigmas. • Talvez se aumentasse a quantidade dos produtores, teria uma variedade maior de produtos e ainda aos preços poderiam melhor. • Mas percebo que ainda falta muita coisa para os orgânicos estar no auge como a agricultura convencional. • Pela falta de oportunidades, muitas vezes tinha que vender para não perder e os comerciantes não quiseram pagar pelo preço de orgânico.

Fonte. Dados da pesquisa de campo (2023).

O quadro está organizado em 9 pontos de importância do tema levantados a partir das entrevistas, em que julgou-se necessário apresentar algumas falas diretas dos agricultores que podem ajudar a entender melhor as percepções e pensamentos relacionados a diversas questões. É possível visualizar diferentes pensamentos ou

ideias iguais que ajudam a alcançar o propósito investigativo, na perspectiva de identificar os desafios e compreender as necessidades dos agricultores. Dessa forma, a análise do quadro 1, se concentra em desafios e oportunidades.

Entende-se que os desafios são diversos, como já foi introduzido neste mesmo tópico, mas o quadro nos permite uma visão melhor da situação, pois evidencia que a população não apoia verdadeiramente a produção da agricultura orgânica, o que pode ser considerado uma falta de consciência sobre a importância dos orgânicos. Adicionalmente, compreende-se que os preços integram esse debate, já que os produtos orgânicos são mais caros que os demais e, muitas vezes, confunde-se estética com qualidade.

Dentre os diversos problemas, os facilitadores enfatizaram a falta de políticas públicas para a comercialização dos produtos orgânicos, isto é, o poder público poderia fazer mais que as meras formalidades técnicas para apoiar os agricultores. Todas essas questões desafiadoras levam à falta de mão de obra, dificuldade para expandir a produção, mesmo quando a expansão é prevista e planejada, haja vista que a produção orgânica demanda maior presença dos produtores. Esses fatores são importantes para entender as necessidades dos agricultores e os desafios precisam ser enfrentados para o crescimento dos orgânicos, pois são constantes (Engelmann, 2018: Friedrich; Feiden; Fulber, 2022).

Contudo, a produção orgânica possui seus pontos altos, percebidos no quadro 1, como a percepção de que há uma valorização dos produtos nos últimos anos em aspectos como as questões da saúde, a busca por melhorias dos hábitos alimentares, novas formas de consumir que aumentam as demandas pelos produtos saudáveis. Nota-se, também, novas movimentações relacionadas ao crescimento global dos orgânicos, expressada pelos números de produtores em diversos países, conforme demonstram Friedrich, Feiden, Fulber (2022), pois isso representa uma grande oportunidade para todos os envolvidos, agricultores e consumidores.

Há ainda benefícios para saúde do meio ambiente, a vida útil da natureza, quando a produção orgânica perpetua no sentido da agroecologia, sendo que há uma diferença clara com outros tipos de produção que “raramente considera o custo ambiental, os gastos energéticos para sua produção, os impactos na saúde humana, no bem-estar animal e na qualidade de vida dos que produzem tais alimentos” (Sousa et al., 2012, p. 516).

Isso torna ainda mais importante os produtos orgânicos no aumento da competitividade dos alimentos, sendo essencial as associações e cooperativas que contribuem para a visibilidade dos produtores da agricultura orgânica.

Apesar de todos os desafios enfrentados, é evidente que os agricultores estão determinados a crescer e expandir suas produções como uma oportunidade de vida. No entanto, é crucial estar ciente do alerta vermelho em relação a possíveis desistências e divergências, que serão discutidos detalhadamente no próximo tópico.

PERCEPÇÕES: COMPREENDENDO AS DESISTÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS NA PERSPECTIVA DOS FACILITADORES

A importância de observar a realidade local permite aprofundar as percepções, o modo de pensar o processo de interpretação e entender porque ocorrem desistências (Muñoz et al., 2016; Matos et al., 2021). Isso porque uma percepção aprofundada revela aspectos das relações, das experiências e expectativas e todo um aspecto moral que motiva os sujeitos a produzirem orgânicos ou os distancia disso. (Schmitt e Grisa, 2013), como se verá na abordagem das experiências dos entrevistados da PROORTO.

A associação conta atualmente com 12 membros, mas já foi mais numerosa e acerca das desistências, há falas importantes sobre membros fundadores que desistiram ao longo dos anos, alegando cansaço e outros problemas, como expressa o facilitador 5:

Ele foi o sócio fundador, o primeiro fundador de lá ele trabalhou por cerca de 20 anos na Associação. Ele saiu faz pouco tempo e ele ajudou bastante a Associação. Ele foi um dos produtores mais assíduos ali que sempre estava correndo atrás de tudo que fosse possível para associação. Foi presidente várias vezes, por vários anos, mas conforme o relato dele ele saiu porque ele estava cansado, e que estava montando outro negócio. A agricultura orgânica para ele já tinha dado, que de acordo com ele, as palavras dele, ele estava sentindo-se muito desanimado com a produção e aí até com a Associação (Facilitador 5).

Essa fala revela uma desistência associada a um desânimo relacionado à produção, levando a pensar os desafios que enfrentam diariamente os agricultores. As conversas revelam que a pessoa em questão não desistiu por completo da produção orgânica, como relata outro facilitador “ele me relatou que ele estava começando a construção de barracões e que hoje ele tem aí uma indústria de sucos

de frutas, então ele falou que queria partir pra outras atividades, mas um negócio caracterizado por produtos orgânicos” (Facilitador 3).

Quando se aprofunda a discussão, nota-se que os membros fazem questão de entender os motivos que levaram os outros membros a desistirem da associação, como disse facilitador 7.

Um dos grandes fatores que fez com que esse produtor desistisse da produção da agricultura orgânica primeiramente foi à questão do celular que para ele era um grande empecilho. Ele acreditava que não iria conseguir tirar o selo, depois foi a questão mesmo da idade, mais a saúde que não estava ajudando muito e não era o que ele imaginava porque no curso ele teve uma impressão e depois no campo ele teve outra impressão. Então conforme o que o produtor me relatou ainda a área dele era muito pequena e mesmo se ele quisesse aumentar, não teria condições (Facilitador 7).

Entende-se que esse agricultor teve motivos específicos para desistir, como a sua dificuldade de acompanhar as mudanças tecnológicas e lidar com o uso do celular para atividades como comercialização, realização de pedidos, atualização de informações relevantes e comunicação com os membros da associação. Essa incapacidade de se adaptar ao mundo digital representa uma importante barreira, especialmente considerando a crescente necessidade de inclusão digital na atualidade, como destacam os pesquisadores Exime et al. (2021).

Outro ponto da desistência notável é a idade e a saúde, pois há produtores com idade avançada e que já trabalharam muito para sobreviver. A solução seria passar o negócio para familiares e se aposentar para preservar a própria vida. Estudos de Kist (2018) também evidenciaram o fato de que grande parte dos produtores mencionam que nada os faria desistir da produção, somente em casos extremos, como em casos de saúde.

Os relatos demonstram as divergências dos motivos que levaram outros membros a desistirem da associação, por exemplo, a facilitadora 1 frisa suas versões sobre outras desistências.

Ele queria entrar na associação e se tornar um produtor orgânico. Ele achava que era uma coisa e não, no fundo, era outra coisa, então ele entrou, começou e viu que não era o que ele queria e ele acabou desistindo exatamente por isso permaneceu por pouco tempo, questão de três anos, mas produzindo única exclusivamente para família para consumo. Não vendia nada, simplesmente ajudava os outros produtores aí na comercialização dos produtos porque ele não tinha um ponto fixo de comercialização então ele acabou desistindo dessa associação e conforme o que ele me relatou realmente a questão do selo de produção orgânica é muito difícil para ele e ele me relatou que para retirar o seu é muito tempo (Facilitadora, 1).

Um dos problemas que enfrentam os novos membros de uma associação ou um produtor orgânico é adquirir o selo que garante que seus produtos são verdadeiramente orgânicos e que traga mais credibilidade. Trata-se de uma questão muito importante para um produtor, neste caso em particular, a associação normalmente é facilitadora da obtenção da certificação/selo de orgânico aos produtores, conforme apontado por Campanhola e Valarini (2001), pois ao fazer parte de uma cooperativa ou associação é possível facilitar a obtenção do selo que ajuda a garantir a qualidade dos produtos, além da comercialização.

O acesso à documentação necessária para os agricultores deveria ser mais facilitado, no entanto, o que se verifica na prática é que muitos ainda enfrentam dificuldades nesse quesito, seja pela falta de informações claras sobre os procedimentos necessários ou por questões burocráticas complexas. Além disso, é comum que alguns agricultores não se enquadrem em algumas questões obrigatórias, como a obtenção da Declaração de Aptidão ao Pronaf (DAP), que é fundamental para acessar políticas públicas de incentivo e financiamento da agricultura familiar. Essa situação cria obstáculos adicionais para esses agricultores, limitando seu acesso a recursos e oportunidades que poderiam impulsionar o desenvolvimento de suas atividades agrícolas e melhorar sua qualidade de vida. Portanto, é essencial que sejam implementadas medidas para simplificar os processos burocráticos e garantir que todos os agricultores tenham acesso às informações e recursos necessários para prosperar em suas atividades.

Pesquisas realizadas por Vriesman, (2017) demonstram que os produtores enfrentam dificuldades quanto aos custos de certificação e a falta de assistência técnica fornecida pelas certificadoras também pode ser considerada um obstáculo enfrentado, tendo em vista que apenas apresentam as não conformidades, não contribuindo para as correções necessárias (FONSECA, 2009).

A certificação orgânica para as unidades produtivas tem se constituído um desafio enorme nos processos de transição agroecológica no Brasil. Germino, Freitas e Marino (2017) lembram que essa certificação é o processo em que uma certificadora, devidamente credenciada pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) é “acreditada” (credenciada) pelo Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial (Inmetro), que assegura por escrito

que determinado produto, processo ou serviço obedece às normas e práticas da produção orgânica.

Se, por um lado, verificam-se dificuldades na obtenção dos processos de certificação, por outro verifica-se que houve um aumento expressivo de produtores orgânicos certificados. O primeiro levantamento oficial apontou para isso conforme dados do Censo Agropecuário realizado em 2009. Neste período, o número de produtores certificados representava 1,8% (ou 90.497) do total de estabelecimentos agropecuários do Brasil; a pesquisa revelou as atividades em que os orgânicos mais avançaram, com destaque para a pecuária (41,7%), lavouras temporárias (33,5%), lavoura permanente (10,4%), horticultura/floricultura (9,9%) e produção florestal (3,8%) (IBGE, 2006).

Pode-se afirmar que parte desse avanço se deve às iniciativas que facilitaram o processo de certificação de produtos orgânicos. Visando assegurar a legalidade e credibilidade do processo de produção, foi criado, em 1999, o primeiro instrumento normativo de orientação às Normas de Reconhecimento e Certificação da Produção Orgânica no Brasil, ou seja, a IN 007/99 do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), que dispõe sobre as normas para a produção de produtos orgânicos vegetais e animais (BRASIL, 2009). Na associação, há 3 membros que possuem selos e certificações de qualidades conforme apontado no Gráfico 3.

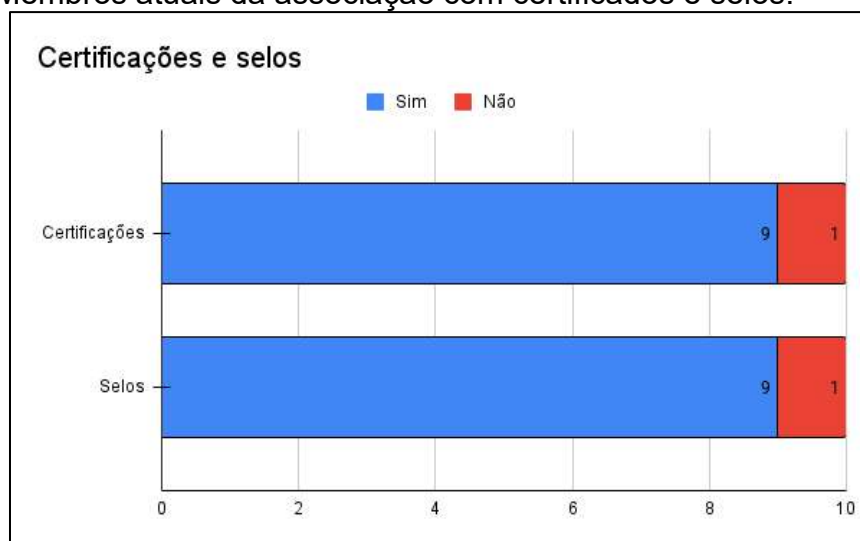
No gráfico 3, fica clara a importância da certificação para a concessão dos selos aos agricultores, o que se justifica pela quantidade de membros da associação que possuem certificados. Observa-se que, dos 10 facilitadores, 9 têm certificados e selos. Os números são: 4 participantes em 24 meses; 3 participantes em 18 meses; 1 participante em 36 meses; 1 participante em 48 meses e 1 participante em 0 meses; tendo, seus produtos assegurados pela transparência e credibilidade, por isso “a certificação é outorgada por diferentes instituições no país, as quais possuem normas específicas para a concessão do selo de garantia” (Pinheiro, 2012; Pisani, 2006).

Ressalta-se que é necessário possuir certificação pela Rede ECOVIDA assegurado pela Lei n. 10.831/03 para os benefícios dos agricultores e consumidores no sentido da preservação e confiança, além do que, essa certificação confere credibilidade aos produtores, pois atesta que seus produtos foram produzidos de acordo com padrões rigorosos de práticas agrícolas sustentáveis e orgânicas.

Também, garante acesso a mercados, pois muitos consumidores estão cada vez mais conscientes e preocupados com a origem e qualidade dos alimentos que consomem.

A certificação pela Rede ECOVIDA ajuda os produtores a acessarem esses mercados, já que os consumidores confiam na credibilidade da certificação (ECOVIDA, 2011) Além de tudo isso, essa certificação requer práticas agrícolas que promovem a preservação ambiental, como o uso responsável dos recursos naturais, a proteção da biodiversidade e a redução do uso de produtos químicos nocivos.

Gráfico 3. Membros atuais da associação com certificados e selos.



Fonte. Dados da pesquisa de campo (2023).

A certificação pela Rede Ecovida se dá pelo Sistema Participativo de Garantia (SPG), composto por um Organismo Participativo da Avaliação da Conformidade Orgânica (OPAC), que deve ser credenciado ao MAPA e a um grupo de membros (Souza, 2015). Tal sistema é caracterizado por ter personalidade jurídica e sua estrutura é formada, por, no mínimo, uma comissão de avaliação e um conselho de recursos, composto por representantes dos membros do Sistema (SOUZA, 2011).

Cabe a esse sistema a responsabilidade de avaliar a conformidade orgânica dos produtos, incluir os produtores orgânicos no cadastro nacional de produtores orgânicos e autorizá-los a utilizar o selo do Sistema Brasileiro da Avaliação da Conformidade Orgânica SisOrg (SOUZA, 2011). Ressalta-se que a certificação pela Rede ECOVIDA é assegurado pela Lei n. 10.831/03 (CHOLLET, 2012)

A lei Federal n. 10.831 de 2011 exige a formulação para efetuar os registros de produtores da agricultura orgânica no Cadastro Nacional de Produtores Orgânicos

do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), sendo necessário para a comprovação dos orgânicos, ou seja, se os alimentos realmente são verdadeiramente orgânicos, conforme o Instituto de Promoção do Desenvolvimento, IPD Orgânico. Para tanto, devem cumprir um conjunto de regras como o processamento das matérias-primas até a chegada dos produtos ao consumidor, além da regulamentação sólida para que os produtos da agricultura orgânica sejam confiáveis. (IPD Orgânico, 2011).

No caso da associação, que se iniciou com 16 membros na fundação em 2006, existem agricultores que já entraram e saíram devido à dificuldade relacionada à certificação, como relata o facilitador 10: “Eu percebo que o sistema orgânico tem muitas falhas, além da assistência, é a burocracia para ter o selo”. Considerando a situação, esse membro entrou em 2012, saiu em 2018, como aponta a seguir:

Entrei na associação no ano de 2012 e sai em 2018, fui presidente por 2 anos, acabei revolucionando, pois em termos de relações internas estava bem destruída, estava uma bagunça geral, ninguém se entedia, havia muita confusão e acabei assumindo o papel de presidente por apenas 3 anos, foi aí que a maioria dos agricultores conseguiram o selo de orgânicos, “eu arranjei um jeito de auxiliar os sócios para poder tentar erguer porque eu era o que não tinha briga com ninguém” foi ai que a associação cresceu mais, na época conseguimos selos para 6 agricultores (Facilitadora 10).

Ressalta-se sua importante participação e a enorme contribuição para a aquisição dos selos, o que o torna um membro valioso da associação. Após 3 anos fora, voltou a ser membro da associação, levando a acreditar que ser parte da PROORTO é necessário para o progresso dos agricultores e da sociedade. Porém, a mesma produtora ainda justifica que muita coisa precisa ser modificada no que tange a questões de organização.

Voltando especificamente ao entendimento dos membros que desistiram, apresenta-se um conjunto de citações que demonstram esta situação:

O que me deixou triste foi à falta de assistência técnica, prefeitura não dava a mínima, e ainda não dá, essa é a verdade. Na verdade, existia um técnico que sempre os auxiliava, esse que quando podia ele os visitava, mas ele não acreditava na agricultura orgânica, ele não levava a produção a sério (Facilitadora 4).

“Associação de consumidores” o consumidor tem mais poder de brigar com os poderes públicos, isso seria muito proveitoso, estimularia o consumo e a venda. Hoje em Toledo falta além de tudo incentivo e isso fez desanimar muita gente, pois fomos várias vezes na prefeitura exigir auxílio para a produção, e nunca o prefeito nos ajudou (Facilitadora 2).

A grande questão quando se fala de produção orgânica principalmente aqui na nossa região ainda existe muito mito, a produção orgânica será que realmente é orgânico? (Facilitadora 8).

No sentido estruturar, ele não tinha milho orgânico, ele na época começou a passos lentos então ele teria que modificar muito seus cultivos e segundo ele por mais que pedi, era pequena demais sua propriedade, até porque hoje ele não tem mais produtos orgânicos, ele achou que isso ia ser muito difícil para ele adaptar e entre outros fatores (Facilitadora 9).

Ele me relatou aí a grande dificuldade de se manter na Associação por falta de políticas públicas, talvez da prefeitura naquela época que não se falava em agricultura orgânica se sabia que existia né, mas, na verdade, a população nem sabia o que seriam os alimentos livres de agrotóxicos, na época era ele a esposa dele né que participavam das reuniões e aí depois houve a separação e ele acabou vendendo a propriedade (Facilitadora 6).

O propósito dos agricultores na produção orgânica da PROORTO é frustrado em diversos pontos de reflexões, como citam os facilitadores ao longo das entrevistas. Pensando no sentido das dualidades compartilhadas que levam as desistências, bem como as questões externas como fala de assistência técnica e políticas públicas que julgam ser papel importante para as associações, principalmente quando se trata de iniciativas em períodos iniciais, como no início da PROORTO em 2006.

Entende-se que, ao crescer a agricultura familiar, seja orgânica ou convencional, as políticas públicas de assistência técnica, como o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), lançada em 1995 e o programa de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) auxiliem os produtos agroecológicos e orgânicos a partir de intervenções educativas (Rocha Junior et al., 2020; Diesel et al., 2021).

Por fim, deve-se ressaltar a importância da cooperação entre as famílias agricultoras para fortalecer estratégias (REDIN, 2015). A superação das dificuldades a partir das estratégias está estritamente relacionada ao conhecimento prático dos agricultores em sua atividade cotidiana (ARANTES et al., 2017) e ainda há a necessidade de pesquisas na área para o aperfeiçoar o conhecimento e o planejamento das atividades produtivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção orgânica vem aumentando de forma considerável no Brasil e no Mundo, propiciada pela procura cada vez maior por alimentos saudáveis e pela consciência do produtor de minimizar a utilização de agrotóxicos nas culturas, em

função dos riscos à saúde e ao meio ambiente. Ademais, a agricultura orgânica é vista, atualmente, como uma forma de produção alternativa, que busca a sustentabilidade e o bem-estar.

Ao final deste estudo, que buscou investigar os desafios que enfrentam os produtores da agricultura orgânica da PROORTO, pode-se elencar algumas considerações acerca das motivações e dificuldades dos produtores de alimentos orgânicos em relação à produção e à comercialização dos produtos orgânicos, como à falta de assistência técnica e políticas públicas alinhadas aos esforços dos produtores na evolução dos produtos orgânicos, a desconfiança dos consumidores que resulta no baixo consumo dos orgânicos, contribuindo para desperdício de alimentos e produtos.

Esses fatores fomentaram o desânimo nos produtores, levando a desistência de 4 membros dos 16 que começaram a associação em 2006. O fato do não aumento dos associados se deve a motivos pessoais ou ainda pelos fatores já mencionados tais como, falta de assistência técnica qualificada e políticas públicas.

Visando os desafios internos e pessoais que levaram os agricultores a desistirem, nota-se a desvalorização dos trabalhos relacionada aos próprios consumidores, que não acreditam e não valorizam a produção orgânica e fatores como a condição de saúde dos produtores. As mudanças e adaptações para se adequar à produção da agricultura orgânica incluem a busca para obter os certificados e selos que permitem mais credibilidades aos produtores, que também é uma dificuldade e uma necessidade dos agricultores orgânicos da PROORTO.

As questões apresentadas pelos produtores são dificuldades expressivas e impactantes que podem comprometer a permanência da produção de alimentos orgânicos, no entanto, a produção de alimentos convencionais suporta igualmente grande parte dessas dificuldades. Questões como a mão de obra ainda são muito debatidas, seja na falta dela ou mesmo mão de obra qualificada, esse quesito quando resolvido seria um fator preponderante.

Foi possível perceber que há muitas desconfianças em relação a questões externas, como por exemplo, a própria dificuldade no agendamento das entrevistas, que se tornou um desafio para esta pesquisa. Foi necessário recorrer a outras referências e recomendações para acessar os produtores, o que acabou dificultando a execução do trabalho. Percebe-se que esta questão ocorreu, pois os produtores

participaram de várias pesquisas e não receberam qualquer tipo de devolução dos resultados das investigações realizadas, o que seria importante para o progresso da associação no que tange aos próprios problemas relatados e enfrentados pelos associados.

Constatou-se também, a necessidade urgente de amadurecimento da organização visando à continuidade e à sucessão das atividades para garantir a produção orgânica para as próximas gerações, aperfeiçoar o trabalho que já vem desenvolvendo com maestria, de modo a promover o reconhecimento da qualidade de seus produtos, seja por meio da certificação orgânica ou até mesmo na busca pelo desenvolvimento sustentável.

Outro ponto de destaque é que foi possível notar a falta conhecimento dos agricultores relacionada à produção e comercialização, o que seria suprido por meio de assistência técnica presente, constante e aplicada, já que é visível a carência de informações importantes para o desenvolvimento da agricultura orgânica. A situação indica um pedido de socorro por parte do poder público, como a prefeitura e outras instituições que possam contribuir para melhoria da associação.

Portanto, como uma perspectiva para futuras pesquisas, recomenda-se uma investigação mais aprofundada sobre as razões pelas quais a assistência técnica e outros tipos de apoio e incentivo não alcançam efetivamente os produtores. Além disso, sugere-se a realização de entrevistas diretas e individuais com os quatro agricultores que desistiram da associação, visando compreender os motivos reais por trás de suas decisões e como estão suas vidas atualmente.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, G. Vi.; MENDONÇA, E. S.; OLIVEIRA, S. T.; JUCKSCH, I.; Percepção ambiental e uso do solo por agricultores de sistemas orgânicos e convencionais na Chapada da Ibiapaba, Ceará. **Rev. Econ. Sociol. Rural** 51 (2) 2013. DOI <https://doi.org/10.1590/S0103-20032013000200001>. Acesso: em 15 jul. 2023.

ALTIERI, M. A. Agroecologia, agricultura camponesa e soberania alimentar. **Revista nera**, n. 16, 2012. p. 22-32.

ALTIERI, M. A.; NICHOLLS, C. I.; Agroecology and the reconstruction of a post-COVID-19 agriculture. **The Journal of Peasant Studies**, v. 47, n. 5, 2020, p. 881-898. DOI: [//doi.org/10.1080/03066150.2020.1782891](https://doi.org/10.1080/03066150.2020.1782891). Acesso em: 26 de jul. 2023.

ALTIERI, M. A.; NICHOLLS, C.I. Do modelo agroquímico à agroecologia: a busca por sistemas alimentares saudáveis e resilientes em tempos de COVID-19. **Desenvolvimento e Meio ambiente**, v. 57, ju/2021. DOI: DOI: 10.5380/dma.v57i0.78321

ALTIERI, M. **Bases científicas para uma agricultura sustentável**. 3 ed. São Paulo. Expressão popular, 2012, 400p.

ARANTES, P. B.; RIGHI, C. A.; BOSI, C.; DOMENICO, C. L.; GALVEZ, R.; ALAN, Agroflorestas familiares no Vale do Ribeira: diagnóstico produtivo, estratégias e desafios. **REDD-Revista Espaço de Diálogo e Desconexão**, v. 9, n. 1, 2017. <https://doi.org/10.32760/1984-1736/REDD/2017.v9i1.10950>. Acesso em: 30 abr. 2024.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo, SP: Edições 70, 2016.279p.

BERKELEY, G. **Obras filosóficas**. São Paulo: UNESP, 2010. 542p.

BEZERRA, G. J.; SCHLINDWEIN, M. M. Agricultura familiar como geração de renda e desenvolvimento local: uma análise para Dourados, MS, Brasil. **Interações (Campo Grande)**, v. 18, p. 3-15, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.20435/1984-042X>> 2016-v.18-n.1(01). Acesso em: 26 de jul. 2023.

BRASIL. Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento e Ministério do Meio Ambiente. **Instrução Normativa Conjunta nº 017 de 28 de maio de 2009**, Brasília, DF, 2009.

BRASIL. **Lei nº 10.831 de 23 de dezembro de 2003**. Dispõe sobre a agricultura orgânica e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.831.htm. acesso em 12 abril de 2024

CAMPANHOLA, C.; VALARINI, P. J.; A agricultura orgânica e seu potencial para o pequeno agricultor. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, v. 18, n. 3, p. 69-101, 2001.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia e extensão rural**. Contribuições para a Promoção do Desenvolvimento Rural Sustentável. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004a.

CARNEIRO, M. J.; MALUF, R. S. **Para além da produção: multifuncionalidade e agricultura familiar**. Mauad Editora Ltda, 2003. 230p.

CHOLLET, C. B. **A certificação de produtos orgânicos como instrumento de inclusão social e econômico de agricultores familiares**. 65f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sistema de Produção Agrícola Familiar, Universidade Federal de Pelotas – RS, Pelotas, 2012.

DARNHOFER, I.; SCHNEEBERGER, W.; FREYER, B. Converting or not converting to organic farming in Austria: Farmer types and their rationale. *Agriculture and Human Values*, v. 22, 2005, p. 39-52.

DE OLIVEIRA, S. D.; GOSLING, M.; FAGUNDES, A. F. A.; SOUZA, V.C. Consumo de alimentos orgânicos: um estudo exploratório. **Revista Administração em Diálogo**, v. 15, n. 1, 2013, p. 1-22.

DIESEL, V.; NEUMANN, P.; DIAS, M. M.; FROEHLICH. Política de Assistência Técnica e Extensão Rural no Brasil: um caso de desmantelamento? **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 29, n. 3, 2021, p. 597-634.

ECOVIDA ONLINE. **Quem somos**. 2011 Disponível em: <<http://www.ecovida.org.br/?sc=SA002&stp=STP0002>>. Acesso em: Mai 2024.

ENGELMANN, M. I. O contexto agroecológico dos agricultores familiares e suas percepções no núcleo Oeste do Paraná da Rede Ecovida: perspectivas, avanços e desafios. **Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural Sustentável)** - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2018. 76 f.

EXIME, E. DOS REIS, C. M.; COSTA, L. M.; GONZÁLES, C. A. COSTA JUNIOR, J. M.; ZONIN, J. W. Agricultura familiar e desenvolvimento sustentável: uma caracterização da feira do produtor rural do município de Marechal Cândido Rondon–Paraná, Brasil. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 1 pág. e20310111462, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i1.11462. Disponível em:<<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/11462>>. Acesso em: 30 abr. 2024.

FRIEDRICH, J. C, C.; FEIDEN, A.; FULBER, V. M. Agricultura orgânica–Uma discussão sobre mercado de orgânicos na perspectiva local e internacional. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 12, pág. e417111234745, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i12.34745. Acesso em: 30 abr. 2024.

FONSECA, M. F. de. A. C. **Agricultura orgânica: regulamentos técnicos para acesso aos mercados dos produtos orgânicos no Brasil**. Niterói: PESAGRO-RIO, 2009. Disponível em :<<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/32349/1/AgriculturaOrganica.pdf>> Acesso: Maio 2023.

GERMINO, J. F. de S.; FREITAS, H. R.; MARINHO, C. M. Certificação orgânica: a experiência da Associação dos Produtores e Produtoras Orgânicos do Vale do São Francisco – APROVASF – PE/BA. **Extramuros Revista de Extensão da UNIVASF**, v 5, n. 2, p. 1-25, 2017. Disponível em: <<https://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/extramuros/article/view/805/568>> Acesso: 23 jul 2023.

GRANDO, F. **Desenvolvimento rural sustentável e políticas públicas para a agricultura familiar**: uma análise do programa de aquisição de alimentos -PAA - no município de Toledo/PR. 2023. 235 f., Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável – Mestrado e Doutorado do Centro de Ciências Agrárias da Unioeste – Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

HENKEL, K.; AMARAL, I. G. Análise agrossocial da percepção de agricultores familiares sobre sistemas agroflorestais no nordeste do estado do Pará, Brasil. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. **Ciências Humanas**, v. 3, p. 311-327, 2008. DOI: //doi.org/10.1590/S1981-81222008000300003.

IBGE. **Censo Agropecuário 2006**. Brasília: 2006. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/51/agro_2006.pdf Acesso em 01 de out. de 2023.

International Federation of Organic Agriculture Movements – FOAM. Documento de Política IFOAM - Organics International. Strategic plan 2017–2025. 2021. Disponível em: <<https://www.ifoam.bio/about-us>>. Acesso em: 14 de Set. de 2023.

INSTITUTO DE PROMOÇÃO DO DESENVOLVIMENTO (IPD ORGÂNICO). Pesquisa - O mercado brasileiro de produtos orgânicos. Curitiba, 41 p., 2011.

KADRY, V. O.; PIÑA-RODRIGUES, F. M.; PIRATELLI, A. J. Percepção de agricultores familiares de Ubatuba–SP sobre serviços ecossistêmicos. **Biotemas**, v. 4, pág. 101-115, 2017.

KIST, Joice, Inês. Motivações e dificuldades na agroecologia: ações de melhorias para a gestão da produção e comercialização de alimentos orgânicos. Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES, **Dissertação de Mestrado em Ciências Ambientais**. Lajeado, dezembro de 2018. Disponível em: <https://www.univates.br/bduserver/api/core/bitstreams/cccf2-8dad-4aa1-b7a7-57761e41e5f6/content>. Acesso em: 06 ab 2023.

LINDOSO, D.; EIRÓ, F.; ROCHA, J. D.; Desenvolvimento sustentável, adaptação e vulnerabilidade à mudança climática no Semiárido nordestino: Um estudo de caso no Sertão do São Francisco. **Revista Econômica do Nordeste**, p. 301-332, 2013.

MARIANI, C. M.; HENKES, J. A. Agricultura orgânica x agricultura convencional soluções para minimizar o uso de insumos industrializados. **Revista Gestão & Sustentabilidade Ambiental**, v. 3, n. 2, 2014, p. 315-338. Disponível em: <https://ren.emnuvens.com.br/ren/issue/view/20/showToc>. Acesso em: Jan de 2023.

MATOS, N. C. da S. ANDREAZZI, M. A.; LIZAMA M. de L. A. P.; URPIA A. G.B. DA C. Percepção de agricultura sustentável no município de Maringá, Paraná, Brasil. **Interações (Campo Grande)**, v. 22, 2021, p. 243-262. Disponível em: <https://doi.org/10.20435/inter.v22i3.2310>. Acesso em: em 14 jul. 2023.

MEDEIROS, A. F. Q.; PORTO, W. S.; Souza J. A. de.; Oliveira D. de L. **Controle e apuração de resultado na agricultura familiar sob a ótica da sustentabilidade de produtores rurais**. Custos e @gronegocio on line, v. 8, n. 3, 2012, p. 164-171.

MINAYO, M. C. S. (org.) **Pesquisa social: Teoria, métodos e criatividade**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MUÑOZ, C. M. G. Normativa de Produção Orgânica no Brasil: a percepção dos agricultores familiares do assentamento da Chapadinha, Sobradinho (DF). **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 54, 2016, p. 361-376. DOI: <https://doi.org/10.1590/1234.56781806-947900540209>. Acesso em: 14 jul. 2023.

NAVARRO, Z. **Desenvolvimento rural no Brasil: os limites do passado e os caminhos do futuro**. *Estudos Avançados*, 15(43), 83-100. 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9825>. Acesso em 20 de abr. 2024.

OLIVEIRA, Amanda Antunes Reis Santos de. **Aterrando com Agroecologia vida e técnica, do solo ao agroecossistema**. 2022. 286 f., il. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) — Universidade de Brasília, Brasília, 2022. Disponível em: <http://repositorio2.unb.br/jspui/handle/10482/46074>. Acesso em: 26 de jul. 2023.

PISANI, J. A. **Sustainable development – historical roots of the concept** *Environmental Sciences*, v. 3, n. 2, p. 83-96, jun 2006, DOI: <https://10.1080/15693430600688831>.

PINHEIRO, K. H. Produtos orgânicos e certificação: o estudo desse processo em uma associação de produtores do município de Palmeira - PR. 2012. 116 f. **Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção)** – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Ponta Grossa, 2012.

POTRICH, R; GRZYBOVSKI, D; TOEBE, C. S. **Sustentabilidade nas pequenas propriedades rurais: um estudo exploratório sobre a percepção do agricultor**. *Estudos Sociedade e Agricultura*, v. 25, n. 1, 2017, p. 208-228. DOI: <https://doi.org/10.36920/esa-v25n1-9>

PRIMAVESI, A. M. **Agroecologia Ecosfera, Tecnosfera e Agricultura**. São Paulo: Livraria Novel S.A, 1997, 202p.

REDIN, E. **Construção social de mercados: a produção orgânica nos assentamentos do Rio Grande do Sul**, Brasil. *Interações (Campo Grande)*, v. 16, n. 1, 2015, p 1-12. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/151870122015104>

REICHERT, J. M.; REINERT, D. J.; BRAIDA, J. A. Qualidade dos solos e sustentabilidade de sistemas agrícolas. **Revista Ciência & Ambiente**, Santa Maria, v. 27, n. 1, p. 29-48, 2003.

RIBEIRO, B. De M.; PETRY, F. A.; LIMBERGER, A. R. Análise Temporal de dados NDVI para o município de Toledo PR, obtidos de imagens Landsat 8. **Revista Cultivando o Saber**, v. 11, n. 2, p. 40-50, 2018.

ROCHA, J., ADAUTO, B.; SILVA, R. O. da.; NETO, W. P.; RODRIGUES, C. T. Efeito da utilização de assistência técnica sobre a renda de produtores familiares do Brasil no ano de 2014. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 58, p. e194371, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/resr/a/CfXmjHCNPF5xYpL8mrKwwss/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 19 Mar. 2023.

SCARABELOT, M.; SCHNEIDER, S. As cadeias agroalimentares curtas e desenvolvimento local—um estudo de caso no município de Nova Veneza/SC. **Revista Faz Ciência**, v. 14, n. 19, 2012, p. 101-101. DOI:<https://doi.org/10.48075/rfc.v14i19.8028>.

SCHNEIDER, S. **A diversidade da agricultura familiar**. 2 ed. Porto Alegre. UFRGS, 2009. 295p.

SCHNEIDER, S. A pluriatividade como estratégia de reprodução social da agricultura familiar no Sul do Brasil. **Estudos sociedade e agricultura**, 2001.

SCHNEIDER, S. Teoria social, agricultura familiar e pluriatividade. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 18, 2003, p. 99-122. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092003000100008>. Acesso em: 21 jul. 2023.

SCHMITT, C. J.; GRISA, C. Agroecologia, mercados e políticas públicas: uma análise a partir dos instrumentos de ação governamental. In: **NIEDERLE, P. A.; ALMEIDA, L.; VEZZANI, F. M. (Orgs.). Agroecologia: práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura**. Curitiba: Kairós, 2013. 393p. Disponível em: <https://terradereitos.org.br/wp-content/uploads/2013/07/Livro-AGROECOLOGIA-FINAL-IMPRESSO.pdf> Acesso em 10 Mar. 2024.

SOUSA, A. A. AZEVEDO, E.; LIMA, E. E.; SILVA, A. P. F. Alimentos orgânicos e saúde humana: estudo sobre as controvérsias. **Revista Panamericana de Salud Publica**, v. 31, 2012, p. 513-517. Disponível em: <https://scielosp.org/pdf/rpsp/2012.v31n6/513-517/pt>. Acesso em 23 Jan. 2023.

SOUZA, Â. R. L.; MACHADO, J. A. D.; DALCIN, D. Análise de estudos internacionais sobre os fatores que influenciam a decisão dos agricultores pela produção orgânica. **Revista em Agronegócio e Meio Ambiente**, v. 8, n. 3, 2015, p. 563-583. DOI: <https://doi.org/10.17765/2176-9168.2015v8n3p563-583>.

SOUZA, A. Análise do comportamento do consumidor e do produtor/comercializador de hortifrúti orgânicos da região metropolitana de Belo Horizonte. 2011. 160 f. **Dissertação** (Mestrado em Administração da Faculdade de Ciências Empresariais) – Universidade FUMEC, Belo Horizonte, 2011.

TOLEDO, V. M. Agroecología, sustentabilidad y reforma agraria: la superioridad de la pequeña producción familiar. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v. 3, n. 2, abr/jun 2002, p. 27-36.

TORJUSEN, H.; LIEBLIN, G.; WANDEL, M.; FRACISCO, C. Food system orientation and quality perception among consumers and producers of organic food in Hedmark County, Norway. **Food quality and preference**, v. 12, n. 3, 2001, p. 207-216. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S0950-3293\(00\)00047-1](https://doi.org/10.1016/S0950-3293(00)00047-1). Acesso em: 20 jul. 2023.

TRUJILLO-BARRERA, A.; PENNINGS, J. M.; HOFENK, D. Understanding producers' motives for adopting sustainable practices: the role of expected rewards, risk perception and risk tolerance. **European Review of Agricultural Economics**, v. 43, n. 3, 2016, p. 359-382. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/erae/jbv038>. Acesso em: 20 jul. 2023.

VIRGOLIN, I.; W, C. PLURIATIVIDADE: Elementos para refletir sobre o novo rural. História: **Debates e Tendências**, v. 22, n. 1, 2022, p. 143-159. DOI 10.5335/hdtv.22n.1.12518.

VRIESMAN, A. K.; ROCHA, C. H.; WEIRICH NETO, P. H. Certificação da Produção Agroecológica: promovendo qualidade de vida no campo e na cidade. In: **Rocha, C. H.; Weirich Neto, P. H.; Souza, N. M. de (org.). Sustentabilidade: a transformação vem da agricultura familiar**. Ponta Grossa: Estúdio Texto, 2016. 118 p. il.

WILLER, H.; Trávníček, J. Meier, C. Schlatter, B. **The world of organic agriculture 2021-statistics and emerging trends**. 2022, 345p. Disponível em: <https://www.organic-world.net/yearbook/yearbook-2022.html>. Acesso em: 14 de setembro de 2023.

CONCLUSÕES GERAIS

O desenvolvimento desta pesquisa por meio da elaboração dos três artigos se justifica pela crescente importância da agricultura orgânica na produção de alimentos saudáveis. Nos últimos anos, observa-se um aumento significativo na demanda por esses alimentos, impulsionado pela conscientização dos consumidores sobre os benefícios para a saúde e o meio ambiente. A decisão de trabalhar com esse tema revelou-se enriquecedora, uma vez que os alimentos orgânicos estão ganhando espaço no mercado devido à sua proposta de contribuir para o desenvolvimento sustentável.

Ao longo desta pesquisa, pode-se identificar considerações importantes sobre as motivações e dificuldades dos produtores orgânicos em relação à produção e comercialização de seus produtos. O primeiro artigo buscou discutir e contextualizar aspectos históricos da produção orgânica e do mercado de orgânicos, tanto em nível local quanto internacional. Os resultados revelaram uma expansão significativa da agricultura orgânica, refletida no aumento da área agrícola destinada à produção e no crescimento do número de produtores e do consumo per capita de produtos orgânicos em todo o mundo.

No segundo artigo, o objetivo foi identificar a importância e as potencialidades da agricultura orgânica na produção e comercialização, com foco nas propriedades dos agricultores da Associação dos Agricultores Orgânicos e Familiares de Toledo (PROORTO). Os produtores destacaram a relação entre a produção de alimentos orgânicos e a saúde, o bem-estar e a qualidade de vida, além das oportunidades de expansão do setor e valorização dos produtores.

É evidente que a agricultura orgânica possui o potencial necessário para produzir alimentos em quantidade e qualidade suficientes para garantir a segurança alimentar e nutricional. No entanto, a pesquisa também revelou desafios significativos enfrentados pelos produtores, especialmente no que diz respeito à comercialização de seus produtos. Muitos deles encontram dificuldades para encontrar consumidores dispostos a pagar o preço mais alto dos produtos orgânicos, e a falta de apoio e incentivo das autoridades locais agrava ainda mais essa situação.

O terceiro artigo buscou identificar as necessidades dos agricultores e compreender suas percepções sobre os desafios de ser produtor orgânico, chegando

a fatores como os benefícios da associação para a produção orgânica, que agrega valor aos produtos, dá maior rentabilidade, amplia a conscientização sobre práticas sustentáveis e melhora da qualidade de vida e do meio ambiente. No entanto, também destacaram obstáculos como os altos custos de produção, a burocracia para obter a certificação e a falta de políticas públicas específicas para a agricultura orgânica.

Diante desses resultados, fica claro que é fundamental desenvolver políticas públicas mais eficazes para apoiar a agricultura orgânica em todas as suas etapas. Além disso, é importante simplificar o processo de certificação e oferecer maior suporte técnico e financeiro aos produtores. O estudo também sugere a realização de trabalhos futuros para aprofundar o entendimento sobre os entraves enfrentados pelos produtores e pelas certificadoras, visando promover melhorias significativas no setor orgânico.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS AGRICULTORES ORGÂNICOS

1. Identificação do entrevistado e da entrevista

Nome do entrevistado:

Cidade do entrevistado:

Data da Aplicação:

2. Identificação da família

Nome

Identificação:(1)

Sexo:(2)

Idade:

Local de Nasc: Cidade e estado:

Estado civil:(3)

Escolaridade:(4) Até 4ª série; 5.ª a 8.ª ; 2 grau; superior; Outros-

Tempo como agricultor:

Integral-I; Parcial-P(5)

Outra ocupação que já teve (6):

Código:

(1) 1-marido/pai; 2-esposa/mãe; 3-filho(a); 4-genro/nora; 5-neto(a); 7-outros;

(2) m-masculino; f-feminino

(3) so-solteiro; c-casado; v-viúvo; se-separado; o=outro

(4) Até 4ª série; 5.ª a 8.ª ; 2 grau; superior; Outros-;

(5) ti=tempo integral; tp=tempo parcial

(6) 1=indústria; 2=comércio; 3=serviços

INFORMAÇÕES SOBRE A RESIDÊNCIA E TRABALHO DO AGRICULTOR

1-mora e trabalha na propriedade rural

2- mora na propriedade rural e trabalha fora

3- mora na cidade e trabalha na propriedade rural

4- mora na propriedade e trabalha na cidade

5- mora e trabalha na propriedade e presta serviços eventuais fora da propriedade rural

6- mora na propriedade rural mas não contribui com o trabalho na produção orgânica

7-mora na propriedade, é aposentado ou pensionista e trabalha na produção orgânica

8-outra_____

Quantas pessoas a mais residem na família

()1. ()2 ()3. ()4. ()5. ()6. ()7 ou mais

Composição da família

Esposo(a) idade () grau escolaridade ()

Filho(a) Sexo () idade () grau escolaridade () residência () trabalho ()

Referente aos demais moradores:

Sexo:

()masculino ()feminino

Idades:_____ -

Grau de instrução

- a) Analfabeto (a)
- b) Alfabetizado
- c) Ens. Fundamental incompleto
- d) Ens. Fundamental Completo
- e) Ens. Médio incompleto
- f) Ens. Médio Completo
- g) Ens. Superior incompleto
- h) Ens. Superior completo
- i) Qual Graduação:

Informações sobre a propriedade:

- 1 Tamanho da propriedade em hectares?: _____
- 2 Área destinada à produção orgânica? _____
- 3 Área destinada à produção convencional _____
- 4 Área de reserva legal _____
- 5 Área de APP _____

Ainda, em relação à propriedade, a mesma é:

- () própria () arrendada. () comodata () outro

7. quanto da área é destinada a produção orgânica?

8. Quanto da área é destinada a produção convencional?

09. Há quanto tempo é agricultor?

- () sempre fui () tinha outras atividades, depois migrou () sempre fui

A quanto tempo está na agricultura: _____

10. Em que ano iniciou o cultivo orgânico? _____

11. Já Conhecia esse sistema?

- () sim () Não

12. Quais as formas de mão de obra utilizada na propriedade no atual momento?

- () Familiar nº () contratada nº () outro.

13. Quando e porque iniciou o cultivo de orgânicos

14. Qual foi o tempo de conversão até obter o selo orgânico? E quais as maiores dificuldades enfrentadas?

- () 6 meses a 1 ano () 1 a 2 anos () mais de 2 anos

15. Quais eram os culturas produzidas?

16. A mão de obra no início da produção, era familiar? Outro tipo?

17. Como era a assistência técnica no início da atividade? E hoje como está sendo? Recebe assistência de quem?

18. Em relação a assistência técnica o profissional é formado na área de atuação?

() Sim. () Não

19. E como é realizado o controle de presença deste profissional bem como as orientações por ele repassadas?

20. É realizado o controle de produção? De que forma?

() Sim. () Não

19. Como é realizado o controle dos custos de produção de orgânicos

20. Em que comercializava os produtos no início de tudo?

() Feiras. () Supermercados. () outros.. especifique

ATUALMENTE:

Como os produtos são entregues, dentro de sacolas ou caixas????

O Produtor foi vacinado? Quantas doses? Pegou covid? É grupo de risco?

Como é a divulgação dos produtos, feira, aplicativos, celulares, facebook, etc....

22. Possui certificação? Qual? Conhece todos os modelos de certificação?

23. Quanto tempo demorou para receber o selo? Importância de ser certificado?

24. Participa de alguma associação/Cooperativa ou outra entidade? Quais são os motivos?"

25. A propriedade em que você trabalha está inteiramente convertida para a AO? () sim. Como foi o processo de conversão?

não. Quais as principais dificuldades encontradas?

26. O que você entende por Agricultura Orgânica?

27. Você já comercializou produto orgânico como se fosse convencional? sim. Não. Porque ?

28. Gostaria que seus filhos trabalhassem ou continuassem trabalhando na agricultura orgânica. Porque?

29. Caso não consiga comercializar sua produção diária, o que faz com a mesma?

30. Quais práticas ambientais adotadas pelo produtor:

Coleta seletiva. reuso da água economia de energia. fontes de energias alternativas preservação ambiental Plantio direto Adubação verde

31. Em qual condição o produtor se enquadra?

- Produtor individual
 Cooperativa
 Sociedade Anônima (S/A) ou por cotas de responsabilidade Limitada (LTDA)
 Instituição de utilidade pública (tais como instituição religiosa, hospital beneficente, asilo, orfanato, ONG e outras.
 Outra condição.

Caso o produtor seja individual, em qual categoria ele se enquadra:

- Familiar
 não familiar

Caso o Produtor seja cooperativa, a maioria dos cooperados podem ser classificados como?

- Familiar
 não familiar

32. Há quanto tempo produz alimentos orgânicos?

33. Todos os produtos produzidos são orgânicos? Quais não são.

34. Seu produto principal é o orgânico?

35- O que levou/motivou a produzir orgânicos?

36. Quais produtos orgânicos você produz?

- () Hortaliças folhosas;
 () Hortaliças Raízes;
 () Hortaliças fruto
 () Grãos: arroz, feijão, milho, trigo, grão de bico
 () Frutas
 () Sucos
 () Chás e temperos
 () Semiprocessados: pães, bolos, manteigas

37. Informação da Produção

Produtos	Total (*)	Total consumido (**)	Total Comercializado (**)	Preço de comercialização	Gasto mensal com a produção (custo)	Renda mensal
Hortaliças folhosas						
Hortaliças Raízes;						
Hortaliças frutos						
Grãos: arroz, Feijão, milho, trigo, grão de bico, etc.						
Frutas						
Leite e seus derivados						
Sucos(polpa)						
Chás						
Temperos						
Semi processados: Pães, bolos, bolachas						
Vinhos						
Doces e geleias						

(*) Especificar as quantidades em: unidades, kg, pés, dúzias, caixas de 25 kg, sacos de 5-10-40-50-60 kg, entre outros. (**) Especificar na mesma unidade da produção obtida ou em porcentagem (%). Esta produção é individual e normalmente para consumo.

38. Atualmente tem a intenção de expandir a sua produção de orgânicos?

Sim. Não. Explique

39. Quais os principais motivos por que você gostaria de expandir a sua produção?

40. O foco de vendas dos produtos orgânicos é:

O mercado Nacional

O mercado internacional

O mercado Nacional e internacional

QUESTÕES RELACIONADAS ÀS DIFICULDADES E POLÍTICAS PÚBLICAS

41. Quais as principais dificuldades/desafios para a produção de orgânicos no Brasil

42. As políticas públicas são essenciais para a ampliação da produção dos produtos orgânicos?

43. As políticas públicas existentes atendem as necessidades dos produtores orgânicos? Se não, quais ainda seriam necessárias para a ampliação da produção orgânica Brasileira?

44. Você acessou políticas públicas para a produção de orgânicos? Se sim, quais foram mais importantes?

QUESTÕES RELACIONADAS À CERTIFICAÇÃO E A EXPORTAÇÃO

45. Há quanto tempo possui certificação?

46. Já exportou para outros países?

47. Existe diferença no nível de exigência necessário para alcançar a certificação orgânica no Brasil e a certificação em outros países?

48. Quais as principais dificuldades enfrentadas pelos produtores brasileiros para exportarem para outros países?

49. O que você espera do futuro para o mercado de produtos orgânicos?

50. Porque optou pela agricultura orgânica (marcar no máximo 2 alternativas)

A atividade geraria benefícios a si próprio por levar o nome da certificadora.

- Preocupação com o meio ambiente.
- preocupação com a saúde das pessoas
- menor investimento inicial
- A atividade gera lucro maior quando comparada a convencional
- existência de mercado para a atividade
- convite de agricultores que já cultivavam
- Status social.

51. Quantas horas trabalha por dia

- menos de 8. de 8 a 12. de 12 a 16. mais de 16

52. Sua carga de trabalho diário aumentou ou diminuiu ao ingressar na agricultura orgânica?

- aumentou. diminuiu. permaneceu a mesma.

53. Com a prática da agricultura orgânica, consegue tirar férias?

- Sim Não.

54. A maior parte da sua comercialização é realizada em:

- Feiras Cooperativas. Agroindústrias Venda direta ao consumidor
 Supermercado. Programas do governo.

55. Como é realizada a formação dos preços dos seus produtos?

- É tabelada com os demais agricultores Individual

56. Caso exista interação e cooperação entre os agricultores orgânicos, marque os tipos:

- Troca de experiências e informações
 Compra de insumos (mudas, adubos específicos, até troca de produtos)
 Transporte
 Assistência técnica
 Venda devido o produto ser mais caro que o convencional
 início de produção.
 Alastramento de doenças e pragas.
 Outro: _____

57. qual é a importância da Cooperativa caso o produtor seja associado.

58. Pode-se considerar que os resultados obtidos em sua propriedade posterior a introdução do sistema orgânico, sejam positivos ou negativos?

59. Está satisfeito com os resultados obtidos com a agricultura orgânica a ponto de não retornar para a convencional? Pq?

- Sim Não

60. Considera que a região em que vive é desenvolvida?

- Sim Não

61. Considera que a produção orgânica pode contribuir para o desenvolvimento da região?

Sim Não

62. Qual seria a melhor estratégia para a região?

Instalação de empresas ligadas a agroindústria orgânica?

empresas de Assistência técnica?

Instalação de empresas vindas de fora?

Articulação dos atores locais com o objetivo de promover o crescimento das indústrias locais e propriedades.

Fortalecer a agricultura orgânica para a região virar polo produtor.

Reformulação na políticas públicas de desenvolvimento com melhor articulação entre governo municipal/estadual e federal.

63. Se fosse pra você iniciar do zero a produção orgânica hoje no atual momento em que o país está, você iniciaria:

Sim Não

Explique:

64. qual é a sua explicação em relação ao baixo consumo de alimentos orgânicos pela população em geral?

Custo Falta de conhecimentos Divulgação

65. No seu ponto de vista, qual é o insumo mais caro para se produzir alimentos orgânicos?

66. Na sua opinião, o que deveria ser melhorado para que os produtos orgânicos tivessem a mesma saída que o produto convencional?

67. No que diz respeito a associação ou cooperativa que o produtor está inserido, quais atividades o produtor participa além das habituais? Alguma festividade? Qual é a importância disso para a sua vida?

*** Sua identidade será mantida sob sigilo, apenas sua opinião integrará a pesquisa de Tese de Doutorado da discente **Jussara Carla Conti Friedrich**. Orientada pelos Professores Armin Feiden e Vanice Fulber

Desde já agradecemos imensamente sua colaboração, bem como, solicitamos o seu consentimento para a divulgação dos resultados.